



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FRANCISCO JAHANNES DOS SANTOS RODRIGUES

**APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS JUVENIS DO MOVIMENTO ESPÍRITA
CEARENSE**

FORTALEZA

2019

FRANCISCO JAHANNES DOS SANTOS RODRIGUES

**APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS JUVENIS DO MOVIMENTO ESPÍRITA
CEARENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R613a Rodrigues, Francisco Jahannes dos Santos.
Aprendizagens experienciais juvenis do movimento espírita cearense / Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues. – 2019.
177 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo.

1. Aprendizagem experiencial. 2. Juventude espírita. 3. Experiência religiosa. 4. Narrativa. I. Título.

CDD 370

FRANCISCO JAHANNES DOS SANTOS RODRIGUES

**APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS JUVENIS DO MOVIMENTO ESPÍRITA
CEARENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em 19/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo, (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Ercília Maria Braga de Olinda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Celecina de Maria Veras Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Lídia Valesca Bonfim Pimentel
Faculdade Farias Brito (FFB)

Prof^a. Dr^a. Wirla Risany Lima Carvalho
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Ao meu pai com amor, carinho e reconhecimento do quão foi grandioso na minha formação. Tenho a certeza da sua presença.

Aos meus irmãos e à minha mãe, meu porto seguro de sabedoria e acolhimento amoroso,

À Luana, minha companheira de todos os momentos e incentivadora de sempre continuar com meus sonhos.

À juventude espírita que tanto me ensinou e me estimulou ao trabalho no bem. Vamos juntos construindo o universo.

ESPAÇO DE GRATIDÃO

Exponho nesse espaço a gratidão por todos e todas que influenciaram na minha trajetória como ser humano, como educador, como evangelizador e como pesquisador.

À Deus pela oportunidade da vida, pela saúde e pela a possibilidade de vivenciar uma diversidade de experiências que estimulam a ser sempre uma pessoa melhor.

À minha família na figura dos meus irmãos, tios e tias que são meu porto seguro. Meu ponto de alegria e aprendizado. Agradeço imensamente pela oportunidade aprender com vocês a ser justo, feliz e um homem de bem.

Ao Grupo Espírita Renascendo com Jesus pelo espaço de aprendizado da alma, onde posso estudar e vivenciar o Espiritismo que tanto me auxiliou na minha formação integral.

À equipe da Coordenação da Infância Juventude Espírita da Federação Espírita do Estado Ceará pela parceria no trabalho com o Cristo e na concretização de ideias e sonhos para o aperfeiçoamento constante da ação evangelizadora espírita.

Ao GEAD que me acolheu na minha trajetória do doutorado e que tanto me ensinou sobre corporeidade, humanidade e espiritualidade. A experiência e formação que tive nesse espaço foram primordiais na renovação de minhas praticas pedagógicas.

Ao DIAFHNA que mesmo a distância sempre me acolheu e me proporcionou experiências e orientações importantes na minha trajetória como pesquisador.

Ao meu orientador João Batista de Albuquerque Figueiredo pela a experiência formadora através do convivo e orientações. A parceria com ele me proporcionou um novo olhar sobre ser um educador popular e como conviver em parceria com a vida.

À professora Ercília Maria Braga de Olinda pelo apoio em minha trajetória acadêmica desde a graduação e pelas orientações não só na pesquisa em educação, mas na vida.

Às professoras Celecina de Maria Veras Sales, Lídia Valesca Bonfim Pimentel e Wirla Risany Lima Carvalho pelas belas e fundamentais contribuições e orientações para que esta tese se concretizasse.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa e a viabilização para que pudesse me dedicar ao máximo as experiências formadoras da pesquisa.

À Tina, gatinha siamesa da minha esposa, que demonstrando sensibilidade, quando escrevia sozinho em casa 12hs por dia, ficava ao meu lado para que pudesse acaricia-la. Ao tirar meu foco me proporcionava momentos de alívio da tensão.

Aos amigos Lídia, Wallacy, Dora, Glauber, Jailson, Rejane, Natalia, Camila, Joana, Yoko pela parceria no trabalho da evangelização no GERJ e pelo sentimento de amorosidade e amizade intenso. Vocês são a extensão da minha família.

À galera do COMECE que tem feito um lindo trabalho com a juventude espírita no Ceará em parceria com a equipe CIJ, vocês são 10!!!

À Debora, Orlanna, Leonardo e Natalia por aceitarem o desafio de participar deste trabalho e construir tão lindamente comigo esta pesquisa.

Aos amigos Larissa, Lucas, Alisson e Aline pelos momentos de diálogo e debates sobre a juventude espírita. Obrigado pela parceria no trabalho com a juventude e pelos incentivos frente aos desafios da pesquisa.

À Aline que foi um anjo ao me auxiliar nos meses finais da pesquisa orientando na escrita, nos debates e no entendimento das categorias e pela força em finalizar bem a tese.

À minha mãe que sempre me apoio e incentivou. Obrigado pela vida e por ser exemplo de paz e força frente aos desafios da vida.

À Luana, minha esposa, porto amor e luz na minha vida. Ao teu lado tudo fica fácil e divertido. Obrigado de coração pela paciência e compreensão em meus momentos tensos.

Gratidão sempre e abraços nos corações de todos e todas.



A educação a arte de formar homens, isto é, a arte de neles fazer surgir os germes das virtudes e reprimir os do vício; de desenvolver sua inteligência e dar-lhes instrução adequada às necessidades [...]. Em uma palavra, o objetivo da educação consiste no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais. (Hippolyte Léon Denizard Rivail).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos das experiências religiosas vividas por jovens no movimento juvenil espírita cearense a partir das narrativas autobiográficas. Este objetivo foi traçado em busca de respostas para as seguintes questões: Quais as aprendizagens experienciais de jovens que atuam no movimento juvenil espírita cearense? Como se organiza e quais as ações do movimento juvenil espírita cearense? Como podemos pensar a juventude e sua formação a partir da religião? Que subsídios o movimento espírita oferta no desenvolvimento da juventude que participa das atividades de evangelização e educação espírita? Quais as interfaces entre experiência religiosa, espiritualidade e aprendizagem? Este trabalho foi realizado a partir dos princípios e fundamentos da pesquisa (auto)biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2008; JOSSO, 2004, 2010), utilizando, também, os seguintes procedimentos: Entrevista Narrativa: Jovchelovitch e Bauer (2002), análise documental, levantamento bibliográfico, questionário, rodas de conversas e entrevistas. No que tange aos referenciais teóricos, me aportei nos seguintes autores que abordam a Pesquisa Engajada: Figueiredo (2004); Juventude: Melucci (1997), Groppo (2000) e Abramo (2005); Espiritualidade e experiência religiosa: Boff (2003), Meslin (2014); Doutrina Espírita: Kardec (2005, 2008), Pires (1979), Linhares (2005); Experiência: Larossa (2002), Freire (1981, 1992, 2005) e Josso (2004); Formação e aprendizagem experiencial: Josso (2004), Delory-Momberger (2009); Entrevista Narrativa: Jovchelovitch e Bauer (2002); produções acadêmicas sobre a pesquisa (auto)biográfica; e a produção literária sobre a ação, estrutura e funcionamento do movimento espírita. O trabalho anuncia que a prática dos princípios espíritas de jovens que atuam no movimento juvenil espírita cearense proporciona aprendizagens experienciais que promovem uma formação integral. Além disso, foi identificado a necessidade de um empoderamento e fortalecimento do protagonismo da juventude espírita. Também ficou evidente que o espaço do movimento espírita cearense é gerador e estimulador de experiências formativas.

Palavras-chaves: Aprendizagem experiencial. Juventude espírita. Experiência religiosa. Narrativa.

ABSTRACT

This research aims to understand the senses of religious experiences lived by young people in the Ceará spiritist youth movement from the autobiographical narratives. This objective was designed to seek answers to the following questions: What are the experiential learnings of young people working in the Ceará spiritist youth movement? How is it organized and what are the actions of the Ceará youth movement? How can we think about youth and their formation from religion? What subsidies does the spiritist movement offer in the development of youth that participate in the activities of evangelism and spiritist education? What are the interfaces between religious experience, spirituality and learning? This work was based on the principles and foundations of (self) biographical research (DELORY-MOMBERGER, 2008; JOSSO, 2004, 2010), also using the following procedures: Narrative Interview: Jovchelovitch and Bauer (2002), document analysis, bibliographic survey, questionnaire, conversation wheels and interviews. Regarding the theoretical references, I used the following authors who approach the Engaged Research: Figueiredo (2004); Youth: Melucci (1997), Groppo (2000) and Abramo (2005); Spirituality and religious experience: Boff (2003), Meslin (2014); Spiritist Doctrine: Kardec (2005, 2008), Pires (1979), Linhares (2005); Experience: Larossa (2002), Freire (1981, 1992, 2005) and Josso (2004); Training and experiential learning: Josso (2004), Delory-Momberger (2009); Narrative Interview: Jovchelovitch and Bauer (2002); academic productions on (auto) biographical research; and the literary production on the action, structure and functioning of the spiritist movement. The work announces that the practice of the spiritist principles of young people who work in the Ceará spiritist youth movement provides experiential learning that promotes integral formation. In addition, the need for empowerment and strengthening of the protagonism of the spiritist youth was identified. It was also evident that the space of the Ceará spiritist movement is generator and stimulator of formative experiences.

Keywords: Experiential learning. Spiritist youth. Religious experience. Narrative.

RESUMÉ

Cette recherche vise à comprendre les sens des expériences religieuses vécues par les jeunes du mouvement de jeunesse spirite Ceará à partir des récits autobiographiques. Cet objectif visait à apporter des réponses aux questions suivantes: Quels sont les apprentissages par l'expérience des jeunes qui travaillent dans le mouvement de jeunesse spirite Ceará? Comment est-il organisé et quelles sont les actions du mouvement de jeunesse Ceará? Comment pouvons-nous penser à la jeunesse et à sa formation religieuse? Quelles subventions le mouvement spirite offre-t-il dans le développement des jeunes participant aux activités d'évangélisation et d'éducation spirite? Quelles sont les interfaces entre expérience religieuse, spiritualité et apprentissage? Ce travail était basé sur les principes et les fondements de la recherche (auto) biographique (DELORY-MOMBERGER, 2008; JOSSO, 2004, 2010), en utilisant également les procédures suivantes: Entretien narratif: Jovchelovitch et Bauer (2002), analyse de documents, enquête bibliographique, questionnaire, roues de conversation et interviews. En ce qui concerne les références théoriques, j'ai utilisé les auteurs suivants qui ont abordé Engaged Research: Figueiredo (2004); Jeunesse: Melucci (1997), Groppo (2000) et Abramo (2005); Spiritualité et expérience religieuse: Boff (2003), Meslin (2014); Doctrine spirite: Kardec (2005, 2008), Pires (1979), Linhares (2005); Expérience: Larossa (2002), Freire (1981, 1992, 2005) et Josso (2004). Formation et apprentissage par l'expérience: Josso (2004), Delory-Momberger (2009); Entretien narratif: Jovchelovitch et Bauer (2002); productions académiques sur la recherche (auto) biographique; et la production littéraire sur l'action, la structure et le fonctionnement du mouvement spirite. Le travail annonce que la pratique des principes spirites des jeunes qui travaillent dans le mouvement de jeunesse spirite Ceará offre un apprentissage expérientiel qui favorise la formation intégrale. En outre, le besoin de responsabilisation et de renforcement du protagonisme de la jeunesse spirite a été identifié. Il était également évident que l'espace du mouvement spirite Ceará est générateur et stimulateur d'expériences formatrices.

Mots-clés: Apprentissage par l'expérience. Jeunesse spirite. Expérience religieuse. Narration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Caravana da Fraternidade em Fortaleza. A esquerda Maurício Holanda, no Centro Leopoldo Machado e na direita José Borges dos Santos.....	73
Figura 2 – Criação do Departamento de Juventude.....	74
Figura 3 – Comissão organizadora do III Confraternização de Mocidades Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil	75
Figura 4 – Mesa de encerramento da III Confraternização de Mocidades Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil	75
Figura 5 – Vista parcial do público da III Confraternização de Mocidades Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil	76
Figura 6 – I Confraternização de Juventudes Espíritas do Ceará em 1956.....	77
Figura 7 – I Confraternização de Juventudes Espíritas do Ceará em 1956.....	77
Figura 8 – Campanha do Quilo.....	78
Figura 9 – Assistência aos idosos com cestas básicas	79
Figura 10 – Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará 2019	83
Figura 11 – Arraia do Cumpade EMECE 2019.....	85
Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa.....	37
Quadro 2 – População jovem espírita no Brasil	64
Gráfico 1 – Qual a sua idade?.....	90
Gráfico 2 – Qual o gênero do qual se identifica?	90
Gráfico 3 – Qual a cidade onde mora?	91
Gráfico 4 – Está na mocidade há quanto tempo?	92
Gráfico 5 – Antes da mocidade você estava na evangelização infantil?	92
Gráfico 6 – Qual o seu vínculo com o centro espírita	93
Gráfico 7 – Sua família é espírita?	94
Gráfico 8 – Qual é a frequência com que você vai ao centro espírita?	95
Gráfico 9 – Você participa de algum trabalho no centro espírita?	95
Gráfico 10 – Você acha que o centro espírita oferece um tratamento adequado aos Jovens?	97
Gráfico 11 – Em que setores você entende que o centro espírita necessita de mudanças em relação aos jovens?.....	100
Gráfico 12 – O que te mantém na mocidade espírita	106

SUMÁRIO

1	O PRIMEIRO PASSO	12
1.1	O objeto de estudo “parido” da trajetória viva de um jovem	12
1.2	Questão norteadora, objetivos da pesquisa e abordagem metodológica	17
1.3	Apresentação das seções.....	20
2	O CAMINHAR METODOLÓGICO	22
2.1	A pesquisa engajada	22
2.2	Pesquisa (auto)biográfica e a construção de si.....	24
2.3	A Entrevista Narrativa.....	30
2.4	A análise das Entrevistas Narrativas	37
2.5	Análise perspectivada: dialogando em três dimensões	41
3	A JUVENTUDE ESPÍRITA CEARENSE	43
3.1	Sobre juventude e juventudes.....	44
3.2	Espiritualidade e religião	48
3.3	Espiritismo é religião? Considerações sobre o tríplice aspecto da Doutrina Espírita	52
3.4	O que é mocidade espírita.....	60
3.5	Organização da ação evangelizadora da juventude: princípios, fundamentos e diretrizes.....	63
3.6	Do plantio a colheita: trajetória das mocidades espíritas no Ceará	70
3.7	Organização e ações do movimento juvenil espírita cearense	82
3.8	Juventude espírita e o centro espírita: um retrato do movimento espírita cearense ..	87
4	DIALOGANDO NA BEIRA DO CAMINHO: AS HISTÓRIAS DE VIDA DAS JOVENS E DO JOVEM PROTAGONISTA	108
4.1	A pequena semente	109
4.2	As vivências de uma jovem espírita: do autoconhecimento a reforma íntima.....	112
4.3	O sentido das coisas: minha caminhada	116
4.4	A caminhada do meu ser imortal.	123
5	SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA ESPÍRITA	132
5.1	O protagonismo juvenil espírita.....	134
5.2	Aprendizagens experienciais: o movimento espírita como espaço de formação.	150
6	CONSIDERAÇÕES E NOVOS HORIZONTES	167
	REFERÊNCIAS	174

1 O PRIMEIRO PASSO

[...]
 O primeiro passo
 Mesmo pequenino
 É sempre um gigantesco
 Poder de transformar

O primeiro passo
 É um marco de passagem
 Um ato de coragem
 De quem quer acertar
 [...]

O primeiro passo (Grupo Bem).

O trabalho de um pesquisador não é simples. Muitos são os desafios que se apresentam da concepção de uma pesquisa até a sua publicação. Isso fica mais evidente quando é uma pesquisa “viva”, ou seja, quando estão envolvidos sentimentos, emoções e vidas. É nesse modelo de pesquisa que eu escolhi trabalhar. Como pesquisador, minha preocupação inicial não perpassa em colher dados para provar um fenômeno, mas em poder contribuir diretamente, no processo formativo de outrem. É a possibilidade real de transformação individual e coletiva que me move nesse caminhar investigativo.

Diante do olhar diferenciado de fazer pesquisa, o compromisso, a responsabilidade e o cuidado em estruturá-la se ampliam. A atenção aos procedimentos metodológicos e o cuidado com as análises devem ser propostos com prudência para não comprometer o processo formativo que este modelo de pesquisa institui. Deste modo, revelo que não foi fácil para eu conceber esta tese, pois não almejo apenas a obtenção de título acadêmico e uma futura publicação em periódicos científicos, mas a viabilidade de promover uma transformação pessoal, daqueles que se envolvem com a pesquisa e do *status quo*.

Na caminhada inicial onde busquei refletir sobre o tema que poderia problematizar, uma coisa era certa: que iria continuar o meu trabalho com juventudes, espiritualidade e educação popular. Considero que o pesquisador deve ser um militante, sobretudo na área que se debruça para estudar. Particularmente, os temas que envolvem juventudes, educação popular e espiritualidade me instigam mais ao trabalho de pesquisa pelo fato de ter tido experiências significativas nessas esferas.

1.1 O objeto de estudo “parido” da minha trajetória

Sou espírita e desde a minha adolescência estou envolvido no movimento juvenil espírita principalmente em atividades que envolvem a educação e a arte. Essa experiência foi

fundamental para que eu percebesse minha vocação para a docência. Como pedagogo, escrevi o meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a práxis pedagógica de educadores espíritas do Grupo Espírita Renascendo com Jesus. No mestrado em Educação Brasileira, produzi uma dissertação sob o título de *Educação, juventude e esperança no sertão de Oiticicas – Viçosa do Ceará: as aprendizagens experienciais realizadas no Centro Espírita “O Pobre de Deus”* em que me debrucei em compreender, a partir de um trabalho de biografização, os significados da pertença espírita para a formação dos jovens que participaram das atividades educativas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”, destacando a relação entre educação moral, esperança e luta por direitos humanos na elaboração de projetos de vida.

Nesta dissertação de mestrado, trabalhei com pesquisa (auto)biográfica a partir do aporte teórico de Christine Delory-Momberger (2008) e Marie-Christine Josso (2010). A abordagem biográfica oportuniza aos indivíduos o exercício da reflexividade crítica, a partir da análise e avaliação daquilo que foi vivido, possibilitando ao mesmo, momentos de reflexão sobre as causas e os efeitos de suas vivências na sua formação.

Para desenvolver esse caminhar biográfico, utilizei o procedimento metodológico criado pela Prof^a Dr. Ercília Maria Braga de Olinda: o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB). O CRB auxilia a partir de suas atividades, a construção do que Dominicé (1988) chamou de “biografias educativas”.

Na presente tese, almejo aprofundar-me na discussão sobre formação a partir das experiências de vidas e pesquisa (auto)biográfica em educação. Mas qual público pesquisar? Quais jovens? De onde eles poderiam ser? Essas perguntas martelaram em minha cabeça para que eu pudesse de maneira definitiva selecionar os sujeitos desta pesquisa. Decidi então ficar mais atento e sensível para perceber e sentir o que estava ao meu redor. Foi quando participei, em 2012, do Acampamento de Mocidades Espíritas e presenciei atividades e depoimentos que me comoveram e me chamaram a atenção.

Participo desde a 2^o edição do Acampamento de Mocidades Espíritas (ACAMPAME), mas este meu envolvimento se resumia a apresentações artísticas com a banda da qual sou músico. Sempre tinha informações do quanto o evento era envolvente para os jovens, pois trabalhava temas evangélicos e doutrinários de modo atraente e dinâmico.

Na última edição do ACAMPAME, que ocorreu em janeiro de 2015, tive a oportunidade de participar deste evento desde o planejamento das atividades até as avaliações do mesmo. A localidade escolhida para esta edição foi Oiticicas no Vale do Lamedouro no

município de Viçosa do Ceará¹. Além das típicas atividades de confraternizações e dos momentos de estudos evangélico-doutrinários, os participantes realizaram uma ação social na localidade através dos seguintes trabalhos: evangelho no lar, distribuição de cestas básicas, círculo de debates com as famílias para discutir e construir soluções para problemáticas locais, encontro com as crianças e adolescentes, espaço de lazer, dentre outros.

Ao participar dessas atividades com aqueles jovens, o que mais me chamou atenção não foram os trabalhos em si, mas o que ele desdobrou na comunidade e como ele reverberou entre os jovens. Ouvi depoimentos emocionantes sobre o que foi vivido naquele dia. Sempre no fim das atividades realizadas, o grupo de jovens se reúne para uma avaliação e naquele momento eles expuseram o que sentiram, o que puderam ensinar, o que aprenderam, as dificuldades, os erros e as superações. Foi feita uma verdadeira reflexão sobre o vivido.

Em um dado momento um deles comentou que “ser espírita é estar no mundo e não só dentro do centro espírita”. Tomei essa fala e refleti sobre esse tópico e concluí que as experiências religiosas na contemporaneidade não se resumem apenas a frequentar os templos ou assumir cegamente os dogmas de cada religião, principalmente se considerarmos a atualidade das juventudes.

De acordo com pesquisas acadêmicas como *Perfil da Juventude Brasileira*²(2003) e a *Pesquisa sobre Juventudes no Brasil*³(2008), nos últimos anos tem-se percebido um crescente no número de jovens adeptos de alguma crença religiosa. Mas há de se evidenciar algumas tendências como: a concepção da religião como algo flexível e orientadora, ao contrário da visão tradicionalista de religião como instituição de controle; a escolha da religião acontecer por iniciativa própria e não por orientação familiar; a valorização da fé e da experiência religiosa do que nos templos propriamente ditos e a intimidade com a divindade rompendo com a distância e o temor comum das gerações anteriores.

Deste modo, compreendemos que, na atualidade, a relação dos jovens com a religião tem tido mudanças significativas quando comparando com as gerações anteriores. Essas variações ocorrem não apenas campo propositivo, de melhorar no campo ético-moral, mas também para despertar ou manter o que há de pior nos seres humanos. Vejamos os casos de jovens que são captados por lideranças religiosas que, destoando da essência filosófica do

¹ Coincidentemente este foi o lócus da pesquisa que realizei no Mestrado em Educação Brasileira na Faculdade de Educação da universidade Federal do Ceará – UFC, conforme já anunciado.

² Ver artigo e relatório de Regina Novaes.

³ Pesquisa realizada por Helena Abramo (coordenação técnica), Anna Luiza Salles Souto (coordenação), Regina Facchini (pesquisadora) e Erica Nascimento (colaboração)

conceito de religião que é o de comunhão, fraternidade entre os seres humanos, defendem e proliferam discursos e práticas de ódio contra minorias e setores da sociedade em situação de opressão. Partidos, políticos, “digitais *influencer*” e lideranças de extrema direita confundem muitos(as) jovens, misturando seus interesses egoísticos, extremistas e materialistas com a experiência religiosa.

A partir dessas tendências podemos apontar que o entendimento sobre religião tende a sofrer transformações. Assim, na busca de entender essa realidade surge questões como: como a religião é encarada pelas juventudes na atualidade? Qual a concepção de Deus e como ela é construída? A ideia sobre o sagrado se mantém? Qual a influência dos pais na escolha da religião?

A partir dessas questões e apontamentos apresentados a presente tese tem como tema as aprendizagens experienciais de jovens que atuam no movimento juvenil espírita no Ceará. Entende-se por aprendizagem experiencial uma atividade que uma pessoa pode vivenciar inconscientemente ou consciente e que se coloca como aprendente em interação consigo mesmo, com o meio onde vive, com outras pessoas ou com coisas. Essas interações constroem e reformulam competências afetivas, cognitivas, morais, espirituais, estéticas, somáticas, etc. (JOSSO, 2010). Assim, proponho-me a responder a seguinte questão: quais as aprendizagens experienciais de jovens que atuam no movimento juvenil espírita cearense?

A escolha dos jovens espíritas se justifica pelo fato de pessoalmente estar envolvido com este movimento há 15 anos, desde um participante e atuante jovem desse movimento até hoje onde estou como coordenador de juventudes no Grupo Espírita Renascendo com Jesus. Além disso, como espírita, vejo que constituí a minha religiosidade de modo semelhante as tendências atuais e considero essa experiência significativa na minha formação.

Esta pesquisa tem relevância no âmbito científico por ter a possibilidade de trazer colaborações em dois aspectos: o primeiro é a contribuição na construção de material científico sobre a experiência religiosidade e suas interfaces com a formação dos indivíduos. Atualmente as discussões, pesquisas e publicações com esse tema tem-se consolidado no campo da Sociologia. A proposta é trazer e referenciar essa discussão na esfera educacional e da formação experiencial. A segunda é de produzir material científico sobre o movimento juvenil espírita. Muito se tem produzido sobre a juventude evangélica e católica, portanto que as experiências de jovens espíritas também podem ser consideradas para somar com essas outras e assim a sociedade ter esclarecimento de como fenômenos sociais, educacionais e formativos acontecem nessas esferas.

Esta pesquisa também almejou contribuir no aprofundamento teórico dos estudos que cercam a pesquisa (auto)biográfica em educação, com destaque para as categorias: experiência religiosa juvenil e formação, aprendizagem experiencial, juventude espírita.

Além disso, a relevância desta pesquisa aplica-se nas contribuições que este estudo pode proporcionar aos jovens, através das narrativas autobiográficas, momentos de reflexão e de conscientização da prática e experiência religiosa, bem como o empoderamento da sua condição de sujeito agente no mundo capaz de atuar na sociedade em geral não se limitando ao campo religioso.

A proeminência desta pesquisa também se revela na contribuição que suas conclusões podem oferecer, por meio de material teórico e prático, para que a Coordenação de Infância e Juventude, que trabalha na orientação, apoio e estrutura das atividades evangelizadoras dos centros espíritas filiados à Federação Espírita do Estado do Ceará, possam enriquecer e melhorar suas ações.

Meu engajamento neste campo de estudo e pesquisa busca contribuir com o esforço de promover interfaces entre o Espiritismo e educação. No Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC há um eixo de estudos sobre Educação ambiental, arte, juventude e espiritualidade na linha de pesquisa de Educação e Movimentos Sociais. Professores como João Batista de Albuquerque Figueiredo, Ercília Maria Braga de Olinda e Ângela Bessa Linhares tem produzido e orientado muitas pesquisas nessa área contribuindo para a compreensão da Doutrina Espírita e de sua dimensão formadora e pedagógica.

Várias pesquisas sobre Espiritismo e educação foram realizadas e publicadas em diversas universidades do Brasil. No Ceará podemos destacar as pesquisas realizadas nos últimos 10 anos na Faculdade de Educação da UFC em seu Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira: *A construção da experiência espiritual e sua problematização como lugar de superação dos limites do paradigma biomédico: uma contribuição para a reflexão sobre espiritualidade na educação médica.* (OLIVEIRA, 2008), *Os educadores-palhaços do Grupo Fantasia: O que aprendem e o que nos ensinam sobre educação moral.* (SOUSA, 2010), *Juventude Espírita Irmão Bosco e a produção de saberes na experiência da evangelização infanto-juvenil no Grande Bom Jardim* (RODRIGUES, 2012), *A arte espiritualizada como uma experiência de formação juvenil.* (BEZERRA, 2013), *Educação, juventude e esperança no Sertão de Oiticicas – Viçosa do Ceará: as aprendizagens experienciais realizadas no Centro Espírita “O Pobre de Deus”* (RODRIGUES, 2013), *O diálogo entre ator e personagem no teatro espírita: a experiência espiritual e artística dos*

atores e atrizes do Grupo Espírita de Teatro Leopoldo Machado (NASCIMENTO, 2013), *A Dimensão Educativa dos Direitos Humanos e a Educação do Ser Integral do Lar Fabiano de Cristo: tecendo um elogio da esperança* (NOGUEIRA, 2014), *A contribuição da Pedagogia Espírita na formação do evangelizador* (FERREIRA, 2018).

1.2 Questão norteadora, objetivos da pesquisa e abordagem metodológica

Em síntese a questão norteadora desta pesquisa é: quais as aprendizagens experienciais de jovens que atuam no movimento juvenil espírita cearense?

A partir dessa questão elaborei como **objetivo geral**: compreender os processos formativos das experiências religiosas vividas por jovens no movimento juvenil espírita cearense a partir das narrativas autobiográficas.

Além desse objetivo, destaco abaixo **objetivos específicos** que me auxiliaram no entendimento mais pleno do problema desta pesquisa:

- Descrever e analisar a organização e as ações do movimento juvenil espírita cearense;
- Refletir sobre as concepções existentes sobre juventudes e como estas e sua formação podem ser pensadas a partir da pertença religiosa;
- Identificar as interfaces entre experiência religiosa, espiritualidade, Espiritismo e juventudes.
- Discutir a relação da experiência religiosa da juventude espírita cearense e a construção de protagonismo juvenil e aprendizagens experienciais

Para alcançar os objetivos supracitados o universo da pesquisa qualitativa mostra mais adequado para o desenvolvimento desta pesquisa. Considero que a metodologia em uma pesquisa científica deve ser entendida não apenas como um conjunto de instrumentos técnicos capazes de identificar e captar dados. Mais do que isso, deve promover uma articulação entre a teoria de abordagem, as técnicas e a experiência do pesquisador (MINAYO, 2009). Uma metodologia precisa garantir uma ligação intersubjetiva entre pesquisa e pesquisador estabelecendo uma relação afetiva, racional, dinâmica, comprometida e sensível.

Desse ponto de vista metodológico, utilizo-me, nesta tese, da abordagem qualitativa, pois tal modelo permite que o pesquisador e sujeitos da pesquisa possam perceber e interpretar sentimentos, valores, vivências, crenças e conceitos.

Denzin e Lincoln (2006) sustentam a necessidade de uma metodologia que interpretasse o mundo e sua realidade de modo mais vivo, orgânico. “A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas matéricas e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (2006, p.17)

Ainda nesse aspecto conceitual, Denzin e Lincoln (2006) destacam que na elaboração de uma pesquisa qualitativa o pesquisador pode envolver uma serie de práticas, como gravações, entrevistas, notas de campo, lembretes, etc, permitindo, assim, uma abordagem mais natural e interpretativa dos fatos observados.

A pesquisa qualitativa ainda abarca uma grande variedade de abordagens metodológicas que recolhem uma variedade de materiais empíricos como o estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; e outros. Apesar dessa variedade de possibilidades metodológicas cada abordagem apresenta uma visão diferente do mundo. Deste modo, os autores indicam que o pesquisador pode usar mais de uma prática interpretativa para fortalecer a visão da realidade.

Diante dessa diversidade de práticas metodológicas Denzin e Lincoln (2006) veem os pesquisadores qualitativos como um *bricoleur*. “O pesquisador, por sua vez, talvez seja visto como um bricoleur, um indivíduo que confecciona colchas, ou, como na produção de filmes, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens.” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.18). A metáfora do *bricoleur* surge das múltiplas posições que o pesquisador qualitativo deve assumir na construção de sua interpretação da realidade. O pesquisador passa por diversos campos de atuação e conceituais para dar conta da riqueza do mundo.

É pequeno imaginar que apenas com uma abordagem e uma visão exata e pragmática do mundo conseguiremos perceber-lo em sua diversidade e amplitude. Longe de afirmar que esse tipo de pesquisa pode dar conta de tudo e do mundo em sua totalidade, mas permite a sua observação em suas particularidades e complexidades.

“Como bricoleur ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos, ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance” (BECKER, 1998, p.2 citado por DENZIN, 2006, p. 18)

As chamadas ferramentas técnicas que o pesquisador utiliza em sua pesquisa qualitativa são ilimitadas. Havendo necessidade o pesquisador tem a liberdade de inventá-las ou reunir, por exemplo, ferramentas qualitativas com quantitativas. O certo é que na pesquisa

qualitativa a escolha e o uso dessas ferramentas não partem unicamente de uma escolha previa e inflexível. Em pesquisa qualitativa tais ferramentas podem ser definidas no decorrer da ação do pesquisar, ou seja, não é uma escolha necessariamente antecipada. Dentro do universo da abordagem qualitativa realizei na presente pesquisa uma articulação entre a pesquisa engajada e a pesquisa (auto)biográfica em educação.

O cronograma de encontros para as entrevistas foi discutido com os jovens. Respeitando os princípios e fundamentos dos métodos escolhidos para a realização desta pesquisa, o pesquisador não deve impor as condições da pesquisa, mas desenvolvê-las de modo coletivo.

Com a finalidade de não perder nenhum relato das entrevistas e das atividades coletivas realizei a gravação fonográfica de todo o conteúdo. Estas gravações foram transcritas para análise posterior aos encontros.

Na intenção de também apresentar a trajetória, os desafios e as vitórias alcançadas pelo movimento juvenil espírita cearense, foram feitas entrevistas fotonarrativas com os colaboradores e participantes que iniciaram movimento aqui no Estado. A fotonarrativa consiste em realizar a construção biográfica a partir de fotos e imagens. Essas fotos foram selecionadas pelos participantes e por mim e ficaram dispostas à frente deles e delas para que escolhessem uma, e a partir da imagem selecionada, iniciasse sua narrativa. A foto indicava o começo de sua narrativa ou estimulava a contextualização da mesma no intuito de compreendermos a trajetória do movimento juvenil espírita no Estado. (OLINDA, 2008)

As fotografias são disparadoras de emoções onde reconectam o narrador com o passado de forma mais viva, próxima, emotiva e real. Além do uso das imagens na fotonarrativa, utilizei no corpo deste trabalho imagens para dialogarem com os ditos e os não ditos do processo teórico e de construção narrativa. Loizos (2002, p. 137-138) destaca três razões para a utilização de imagens em pesquisa qualitativa:

A primeira, é que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais. [...] A segunda razão é que embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser em forma de palavras escritas, nem de forma de números[...] A terceira razão é que um mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais.

Além disso, fiz uma análise de alguns documentos como: o regimento da Coordenação de Infância e Juventude, as Diretrizes para Ações da Juventude Espírita do Brasil, impressos, mídias digitais e relatórios da instituição. Em nível de comparação, busquei também pesquisas e relatórios de outros movimentos religiosos juvenis.

O levantamento bibliográfico compreenderá, inicialmente, as seguintes literaturas: Pesquisa Engajada: Figueiredo (2004); Juventude: Melucci (1997), Groppo (2000) e Abramo (2005); Espiritualidade e experiência religiosa: Boff (2003), Meslin (2014); Doutrina Espírita: Kardec (2005, 2008), Pires (1979), Linhares (2005); Experiência: Dewey (1976), Larossa (2002), Freire (1981, 1992, 2005) e Josso (2004); Formação e aprendizagem experiencial: Josso (2004), Delory-Momberger (2009); Entrevista Narrativa: Jovchelovitch e Bauer (2002); produções acadêmicas sobre a pesquisa (auto)biográfica; e a produção literária sobre a ação, estrutura e funcionamento do movimento espírita. Também utilizo como referência bibliográficas obras de Joana de Ângelis e Emmanuel ambos espíritos e suas referências foram extraídos de obras psicografadas⁴ Divaldo Pereira Franco e Chico Xavier.

1.3 Apresentação das seções

Esta tese está dividida em quatro seções. Na seção **O CAMINHAR METODOLÓGICO** destaco a pesquisa engajada e a pesquisa (auto)biográfica em educação como as referências metodológicas deste trabalho ressaltando os seus princípios, fundamentos e práticas. Em seguida, apresento a entrevista narrativa como técnica de construção de dados para a pesquisa, bem como os passos que utilizei para desenvolver esta técnica e como foram feitas as análises das narrativas. Finalizo apresentando o conceito e a função da análise perspectivada na produção de análises e novas teorizações que destaco no trabalho.

A segunda seção que traz como título **A JUVENTUDE ESPÍRITA CEARENSE** faço inicialmente uma discussão sobre o conceito de juventudes e como a juventude espírita se encaixa nessa perspectiva. Depois deste tópico, falo sobre espiritualidade e religião diferenciando-os conceitualmente. Depois faço uma discussão sobre o tríplice aspecto da Doutrina Espírita apontando para o entendimento que Kardec não caracteriza o Espiritismo como religião. Em seguida, esclareço o que é mocidade espírita e como é a organização da ação evangelizadora da juventude. A diante faço um esboço do histórico da trajetória das

⁴ Allan Kardec utilizou a palavra psicografia para indicar a forma de os Espíritos se comunicarem por meio da escrita através dos médiuns que são pessoas com sensibilidade para decodificar as mensagens dos espíritos sendo intermediários entre estes e os homens. (KARDEC, 2013)

mocidades espíritas no Ceará. Depois, descrevo a organização e ações do movimento juvenil espírita cearense e encerro o capítulo apresentando a análise de um questionário sobre juventude espírita e o centro espírita: um retrato do movimento espírita cearense

Na terceira seção, **DIALOGANDO NA BEIRA DO CAMINHO: as histórias de vida das jovens e do jovem protagonista** apresento as narrativas produzidas a partir das entrevistas narrativas com a intenção de aproximar o(a) leitor(a) das histórias de vidas das jovens e do jovem sujeitos desta pesquisa. Conhecendo um pouco das experiências deles criamos uma empatia e fica mais coerente e claro o entendimento das análises e as considerações a cerca do que foi compreendido e produzido na pesquisa.

Por último, a seção **SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA ESPÍRITA** traz as análises das histórias de vida destacando a discussão das categorias emergentes das entrevistas narrativas protagonismo juvenil e o movimento espírita como espaço formador.

Convido o(a) leitor(a) para essa aventura biográfica, deleitando-se nesse texto cheio de amorosidade, engajamento, coletividade e vida. Um texto que trata de histórias de vidas, de juventude espírita, de protagonismo juvenil e do potencial pedagógico, formador da Doutrina Espírita.



2 O CAMINHAR METODOLÓGICO

A construção de uma pesquisa é um caminho árduo que requer procedimentos metodológicos certos para cada passo nessa trilha. É uma trajetória cheia de aventuras, alegrias, descobertas, surpresas, mas também decepções, frustrações, impaciência e tristezas. Esse movimento e mistura de emoções é que torna todo esse processo rico e vantajoso, quando vislumbramos ao final, possíveis respostas para nossas questões. Falo possíveis porque não alcançamos ao final uma resposta única e absoluta, mas sim um leque de respostas. E é aí que está a riqueza da pesquisa, é isto que me impulsiona para continuar sempre a perguntar e a pesquisar.

Nesta pesquisa, pude experimentar diversas sensações durante a trajetória metodológica desde a confiança até o medo de se perder. Comecei os meus estudos no doutorado com a certeza dos métodos que iria utilizar, os procedimentos e técnicas a implantar, mas a realidade, como sempre, nos tirou do conforto e nos colocou para um movimento de busca contínuo. Saindo da acomodação, tive que readaptar e retilhar o meu caminho metodológico para dar conta das demandas da pesquisa e para fazer algo novo, uma outra experiência que me trouxesse aprendizagens e práticas que ainda não tinha conhecido.

Nesta seção apresento essas escolhas que fiz para enriquecer e me orientar na construção da pesquisa, bem como nas análises produzidas pelas participantes e pelo participante. Falo sobre a *Pesquisa engajada* e a *Pesquisa (auto)biográfica em educação* como metodologias que me orientaram e auxiliaram no percurso trilhado. Faço ainda um destaque à *Entrevista Narrativa* que como técnica ajudou na produção das histórias de vidas das jovens e do jovem que participaram comigo desta pesquisa. Por último, trago a *Análise perspectivada* que trouxe um direcionamento fundamental para que eu pudesse utilizar do modo mais democrático e dialógico todos os saberes produzidos e trazidos para esse trabalho.

Todo o conteúdo dessa seção é fruto de estudos, leituras, conversas, vivências, experiências que me ampararam na tomada das melhores decisões, até o momento, para dar conta do que a pesquisa e o campo apresentavam.

2.1 A pesquisa engajada

A pesquisa engajada apresenta-se como uma necessidade metodológica no campo da pesquisa, tendo em vista a urgência de intervenções mais próximas e com os sujeitos. Tem

como premissa a dialogicidade e da construção coletiva, parceira e engajada com todos e todas envolvidas no processo de construção de conhecimento através da pesquisa.

Outro tópico é a produção e articulação de saberes significativos para os envolvidos e envolvidas. Para que isso seja articulado faz-se necessário uma aproximação dialética, amorosa e real como destaca Figueiredo (2004, p.1):

[...] a práxis educativa tem nos mostrado que somente podemos compartilhar saberes através de pontes edificadas por relações significativas. Essas implicam necessariamente em interações afetivas molhadas de confiança, fé, humildade e amor. Neste ambiente de relação é realmente possível o aprendizado, ou seja, a produção de saberes parceiros.

O modo de produção de conhecimento e desenvolvimento de pesquisas no seio das instituições acadêmicas ainda são impregnadas de inflexibilidade e frieza na relação entre o pesquisador, os sujeitos de pesquisa e o problema a ser pesquisado. Reconheço que muito se caminhou no sentido de abordagens mais cheias de vivacidade, afetividade e humanidade, mas é preciso que aumentemos os esforços de propor e aperfeiçoar novos modelos de fazer pesquisa e produzir conhecimento. É urgente o surgimento de novos paradigmas.

Nesta pesquisa, desde a criação da questão problema, me comprometi em propor um caminho que pudesse ser desenvolvido de forma parceira e coletiva. Que o caminho a ser percorrido não seria traçado apenas por mim, mas ao lado dos e das participantes. Que as questões a serem respondidas, as demandas a serem discutidas não fossem apenas as minhas, mas a representação desse coletivo. Que os saberes dos e das participantes são fundamentais para a elaboração de horizontes que buscam apontar interpretações, reflexões, respostas sobre as experiências vividas.

A fundamentação teórica-metodológica que alicerça toda essa perspectiva encontramos em Freire (2009). O primeiro aspecto norteador é o respeito aos saberes dos educandos(as). Como pesquisador, compreendendo que a atividade de pesquisa não está dissociada da ação de ensinar. Freire (2009, p. 29) destaca que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Estes que-fazer-se encontram um no corpo do outro”. Assim, diante da impossibilidade de separar pesquisa de docência e que não há docência sem discência, o ato de fazer pesquisa está inteiramente ligado ao movimento de ensinar/aprender e aprender/ensinar entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do

outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 2009, p. 23)

Esse movimento de um saber parceiro também é trabalhado por Figueiredo (2010) que destaca a necessidade de estabelecer interfaces entre os saberes do pesquisador e dos sujeitos com o propósito de promover novos saberes a partir dessa relação. Essa conexão, que deve ser dialógica, requer o compartilhamento de experiências, o desenvolvimento da autoestima, o estabelecimento de uma responsabilidade comum e a certeza do entendimento do trabalho coletivo.

Outra o aspecto importante é o ato de saber escutar. O respeito a fala do narrador ou narradora é primordial para estabelecer uma abertura ao outro no que tange suas ideias, suas diferenças, seus anseios e suas perspectivas. É a garantia de um direito do ser humano, o direito de dizer. Nesta escuta o pesquisador não se anula, mas prepara seus argumentos da melhor forma possível e não parte de preconceitos, organizando, assim, uma fala propositiva e não arbitrária.

Todo o processo foi construído de forma parceira e por esse fato destaco que essa pesquisa não será minha, mas nossa, das jovens e do jovem participante, respeitando toda a vida, narrativa, saberes coletivos que serão construídos aqui. O sentido de engajamento no termo pesquisa engajada requer a assunção de um novo paradigma práxis-metodológico. O engajamento de quem vivenciou e vivência até hoje o mundo/lócus da pesquisa. O engajamento de quem assume o compromisso de colaborar com a formação do próximo a partir do diálogo entre saberes. O engajamento de quem defende e se esforça em exercitar a práxis metodológica que milita.

2.2 Pesquisa (auto)biográfica em educação e a construção de si

Nos últimos anos com o advento das redes sociais percebemos que as pessoas em sua grande maioria estão mergulhadas em o que podemos chamar de “sociedade do self”. Tirar “selfs”, ou seja, suas próprias fotos em momentos diversos do cotidiano e postar nas redes sociais para que as pessoas possam acompanhar e saber como você vive tornou-se habito para muitos. Aplicativos como *Facebook* e *Instagram* são janelas para que o mundo possa saber o que você gosta de comer, os lugares que gosta de frequentar, as roupas que usa, as pessoas com que se relaciona, enfim, uma exposição completa de si onde homens e mulheres apresentam-se como querem e quem vê também interpreta como quer.

Muito desse fenômeno é fruto de uma sociedade individualista onde as pessoas reclusas em seus espaços em uma falsa atitude autônoma de conduzir a vida buscam construir-se distantes dos outros. Essa ideia advém do pensamento alicerçado no modelo de sociedade burguesa que cresce imensamente no final do século XVIII. A autora Delory-Momberger, (2008, p. 50) destaca essa influência nas relações:

A sociedade burguesa, fundada sobre o capital e a transformação do mundo pelo capital, não se define somente pelas relações de produção e poder que ele instala, mas também por um conjunto de representações atinentes à relação do indivíduo com a sociedade e determinantes para uma estrutura particular de consciência de si.

A transformação na sociedade provocada pelo advento da revolução industrial e da sociedade burguesa foi impactante não apenas no modo de produção como nas relações das pessoas com os outros e consigo mesmas. A revolução tecnológica e espacial nos deu acesso e controle de recursos eletrônicos que modificaram a nossa relação com o mundo. *Smartsphones*, internet, aplicativos, redes sociais tudo isso sendo usado para figurarmos quem somos ou de quem queremos ser.

Deste modo, a partir desse entendimento do contexto no qual estamos inseridos da “sociedade do self” coloco a seguinte questão para reflexão: será de mostrar-se é o mesmo que biografar-se? Ao mostrar nossas vidas em redes sociais estamos construindo a nossa história um roteiro de quem realmente somos? Isso muito me inquietou quando iniciei os estudos sobre histórias de vida e biografização.

Comecei tais estudos no início do meu curso de mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará onde através dos encontros da disciplina de estudos orientados com a professora Ercília Maria Braga de Olinda. Além disso a convite da professora integrei a equipe do grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA) onde pude aprofundar os estudos e ter acesso as referências teóricas.

Tais estudos e práticas me auxiliaram a ver a o processo biográfico por outra perspectiva um olhar sobre o biográfico como um método e procedimento de pesquisa. Biografar estava agora para além do ato de registrar a minha vida ou a vida de alguma personalidade. Qualquer pessoa com qualquer recorte pode fazer a sua história de vida pela narrativa, agora este caminhar para que ele seja concebido como método de pesquisa deve-se ter toda uma rigorosidade metodológica e com alicerces teóricos.

Primeiramente destaco que a palavra biografia é entendida neste trabalho como uma atitude primordial e específica do ser humano na busca de integrar-se, estruturar-se e

interpretar aquilo que vive na sua trajetória socio-histórica. É nesse processo de biografização que os seres se percebem, se constituem e desenvolvem um entendimento daquilo que figura sua trajetória de vida. Sobre esse processo Delory-Momberger, (2008, p. 27) esclarece que a “[...] atividade de *biografização* aparece assim como uma *hermenêutica* prática um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reporta a si mesmo.” Esse tempo usado como recorte não é um tempo solitário, mas encharcado de coletividade, história e da ambientação do qual o *biografante* está inserido.

Esses espaços-tempos biográficos não são, entretanto, criações espontâneas nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e tem origem nos modelos de figuração narrativa e nas formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem. (Delory-Momberger, 2008, p. 27)

Assim, o trabalho biográfico que gera a biografização é socializante e auxilia na construção de um cenário social podendo inserir aquele ou aquela que mergulha no trabalho biográfico em um processo educativo, formativo de compreensão e invenção de si.

Há de se destacar aqui que a utilização das histórias de vida na pesquisa científica, na formação humana é uma superação paradigmática no que tange aos métodos de pesquisa. Sobre esse processo Boaventura de Sousa Santos traz o termo “transição paradigmática” que nos ajuda a entender como esse fazer científico transita de uma ciência que “coisifica” os sujeitos e tem processos fechados em si com uma dureza quantitativa para um fazer onde a subjetividade é considerada em processos mais qualitativos.

A pesquisa (auto)biográfica surge para contribuir nessa superação paradigmática, do modo de fazer ciência com uma prática investigativa que dialoga com o cotidiano, com a história, com os sentidos e a vida dos sujeitos. Traz uma “vivacidade” e sentido ao fazer científico antes frio e inflexível. Neste sentido, compactuo com a observação de Nóvoa (2007, p. 18) quando o mesmo diz que entende “a utilização contemporânea das abordagens (auto)biográficas é fruto das insatisfações das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico”. Ainda sobre esta questão da “emergência de novas práxis formadoras” Pineau (2006, p. 333) aponta que “[...] nas fronteiras das instituições, novos interlocutores em busca de novas situações de interlocução e de escritura, para tratar seus problemas vitais pós-modernos de orientação e de formação profissional e também existencial.”

Essa superação do paradigma científico alicerçado no cartesianismo de Descartes e no positivismo de Auguste Comte onde o mundo e as relações eram vistos como coisas objetivas, generalizadas e possíveis de quantificar começa principalmente na Escola de Chicago onde temos o crescimento e fortalecimento dos métodos qualitativos. Temos aqui o trabalho de campo mais sistematizado, o uso de documentos pessoais como diários, cartas, manuscritos são considerados e analisados como fontes de pesquisa sociológica, os temas e conflitos sociais, étnicos e raciais são problemas discutidos na área científica, as fontes orais agora não mais ignoradas tornam-se também documentos de pesquisa.

Uma grande contribuição a esse processo também vem da Escola dos Annales onde em seus estudos a partir da década de 20 questiona a história. A história, os fatos, as narrativas deixam de ser verdades absolutas e começam a ser questionadas. Quem narrou isso? Porque e com qual intenção isso foi registrado dessa forma? Qual o significado dessa experiência? A história passa do macro para o micro, ou seja, as histórias, as biografias de pessoas comuns e de todas as atividades humanas são importantes e consideradas. A história pode e deve ser contada e analisada não só pela perspectiva da elite, daquele que venceu, mas de qualquer pessoa que vivenciou de alguma forma. Outra grande contribuição da Escola de Annales foi o início de um diálogo entre as áreas do saber. A Antropologia, Sociologia, História começam a dialogar e trabalhar juntas na interpretação e compreensão dessas fontes.

Nesse processo aqui destacado de superação paradigmática do fazer científico as histórias de vida passam a ser encaradas e utilizadas em pesquisas para a compreensão dos seres e de suas ações no mundo, mas como a história de vida caminha para tornar-se um método (auto)biográfico? Como as narrativas que destacam essas histórias de vidas podem fazer ciência? Analisando as histórias de vida é fácil identificar o imenso potencial formativo que esta possui. A possibilidade desta em promover naquele que narra a sua história o descobrimento de si mesmo, a localização e o entendimento de sua trajetória histórica são pontos formativos fundamentais nesse processo de construção de si. Assim, Nóvoa (2007) destaca uma qualidade heurística no método (auto) biográfico onde os sujeitos se descobrem e (re)fazem.

Finger (2010) fala de um saber hermenêutico no método (auto) biográfico. É um saber que parte de uma pessoa, que considera fatores culturais, históricos e sociais e que são frutos de vivências e experiências de nossa história de vida.

O saber hermenêutico designa em Schleiermacher o resultado de uma reflexão pessoal, ou seja, a passagem de uma consciência imediata que é a

das sensações, das vivências e das experiências, a uma consciência reflectida. Este tipo de saber recorre, portanto, a um processo de formação da parte da pessoa inclui uma compreensão dos fatores históricos, sociais e culturais que foram determinantes no seu percurso de vida. (FINGER, 2010, p. 84)

No desenvolvimento desses novos saberes e no estabelecimento de um processo formativo, precisamos entender como se procede a construção destas histórias de vidas. De fato é importante começarmos a compreender que no método (auto) biográfico as histórias de vida não se reduzem apenas a descrição de fatos. A narrativa aqui é entendida como um momento crucial e fundamental para que a história exista de fato. As palavras não são soltas, mas coordenadas em parceria com um processo inicial de reflexão.

A narrativa é o momento onde se compila toda a representação mental a pré-escrita. É nesse momento se são construídos e instituídos os personagens, as circunstâncias, as ações, a ordem dos fatos em começo, meio e fim, a instalação de valores e primeiras interpretações dos acontecimentos e de seus desdobramentos na linha histórica. É nesse caminho que a história de vida de se constrói e se torna real. Delory-Momberger (2008) define que “É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida por que temos uma história; temos uma história por que fazemos uma narrativa de nossa vida”.

Na narrativa biográfica podemos perceber a natureza das ações, como se estabelece as integrações dos seres com o mundo e com as experiências vividas seja essa narrativa feita por mim ou por alguém. Todo esse processo de trabalho narrativo se inicia por uma atividade discursiva onde a narrativa não é

“[...] apenas o meio, mas o lugar: a história da vida acontece na narrativa. O que dá forma ao vivido e a experiência dos homens são as narrativas que eles fazem desse. Portanto, a narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida.” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 56)

Após esse momento discursivo a narrativa entra no processo hermenêutico onde é instalado uma série de sistema interpretativos e de construção que auxilia a situar e unir os fatos, dar significados aos acontecimentos da vida organizando no todo narrativo. Assim, o narrador ou narradora promove uma racionalização de suas narrativas aprendendo sobre sua vida ao contar e reconta-la.

O exercício hermenêutico é inicialmente realizado pelo narrador ou narradora, não plenamente consciente disso, mas atentos a construção histórica e na instauração de áreas temáticas em seu discurso. Nesse momento o pesquisador ou pesquisadora inicia seu trabalho interpretativo e de compreensão da biografia do outro em posse da narrativa construída pelo ator ou atriz da fala. Assim, desenvolvem juntos a investigação na busca de atribuir sentidos e de interpretar e compreender o vivido, transformando tais vivências em experiências de vida, extraindo lições dos acontecimentos, superando o discurso e o passado, entendendo o presente e reorganizando o futuro. Essa produção final, oriunda do trabalho biográfico reflexivo é válida tanto para aquele ou aquela que narra como para outras pessoas que vivem em seus contextos e que também podem se reinventar a partir dessas narrativas.

As histórias de vida individuais têm uma reverberação no fazer história do coletiva. A partir de uma história particular podemos formular interpretações e compreensões do todo, transitar da singularidade para a universalidade. Ferrarotti (2014, p. 78) afirma: “um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamá-lo de um universo singular: ‘totalizado’ e ao mesmo tempo universalizado por sua época, que ele ‘retotaliza’ ao se reproduzir nela com singularidade.”. Deste modo podemos entender que a pesquisa (auto)biográfica também se apresenta como método de estudo do social, da coletividade a partir da narrativa individual.

É nesse afã que busquei nesta pesquisa a narrativas de jovens que pudessem me ajudar a compreender a juventude espírita a partir de suas histórias de vida. Promover um lugar de fala para esses jovens é importante, pois em muitos espaços das instituições religiosas isso é negado ou controlado. Permitir essa fala para esse grupo de jovens específicos que compõem um grupo não institucionalizado a nenhuma casa espírita é dar liberdade e oportunidade não só de se ressignificarem como jovens em processo de transformação a partir da experiência religiosa, mas de apontar horizonte para o movimento espírita entender essa juventude, suas demandas e suas potencialidades.

Tenho uma proximidade com esses jovens e suas histórias fruto de trabalho na área da evangelização juvenil e do fato de estar como coordenador⁵ da Área da Juventude Espírita pela Federação Espírita do Estado do Ceará – FEEC. Suas trajetórias apesar de particulares e únicas, dialogam com a minha que também vivência no movimento de juventude espírita cearense. Essa implicação entre pesquisador e pesquisados é destacada por Ferraroti (2014) e sem esta possivelmente não conseguiria atingir níveis profundos no trabalho biográfico. Sousa (2016) destaca a necessidade de superar uma perspectiva de

⁵ Fiquei como coordenador Área da Juventude Espírita pela Federação Espírita do Estado do Ceará – FEEC no período de setembro de 2015 à dezembro de 2020.

investigação científica sobre o jovem e passarmos para um modelo de investigação com os jovens. Assim, como as histórias de vidas, as interpretações e as análises destas jovens nada mais justo de ter este grupo como coautoras e coautores deste trabalho.

2.3 A entrevista narrativa

Nesse processo de organização das narrativas, das histórias de vida dos jovens e das jovens inseridas neste trabalho, escolhi como técnica de pesquisa a Entrevista Narrativa. Este procedimento foi desenvolvido inicialmente pelo pesquisador alemão Fritz Schütze na década de 80. Schütze avaliava que os instrumentos de pesquisa qualitativos não estavam dando conta de certas pesquisas no campo social. As abordagens, as entrevistas eram estruturadas ou semiestruturadas e esses modelos davam aos sujeitos das pesquisas uma postura, uma característica de passividade em todo o processo de investigação

Schütze propõe um aperfeiçoamento dos instrumentos qualitativos ao organizar uma entrevista não-estruturada onde a resposta emergisse não das perguntas, mas essencialmente das respostas dos participantes. Nesta proposta a busca pela compreensão dos fatos sociais parte das percepções do participante, pois não podemos desconsiderar que o mesmo está encharcado da história coletiva, que em suas vivências no mundo, sua história se intercala e dialoga com a história de outras pessoas.

Partindo desse entendimento é de se considerar o grau de complexidade em coletar, processar dados de situações tão peculiares e singulares. Schütze compreendeu que o processo narrativo se mostrava com eficácia, pois ajuda na organização e na universalização das histórias de vidas e propôs que as entrevistas poderiam agregar a atividade narrativa. Dai estrutura um instrumento do qual denomina de Entrevista Narrativa. Schütze propõe uma narrativa aberta e espontânea, livre de direcionamentos e de estruturações que impedem a fluidez da consciência e da narrativa. Sobre narração Schütze (SCHÜTZE citado por RAVAGNOLI, 2008, p. 5) declara que a:

[...] narração [...] de certas fases e episódios da vida [...], o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir a, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração [...] como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo

equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento.

Ainda sobre o potencial da narrativa Jovchelovitch; Bauer (2000, p.91) apontam que:

[...] contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

Apontaremos aqui algumas características da entrevista narrativa. A primeira delas e a principal é a não interferência do pesquisador durante a narrativa do participante. Nesta técnica, a entrevista é encarada em uma relação mais ativa do narrador do que a do pesquisador, ou seja, vai além da estrutura onde o pesquisador pergunta e o participante responde. Nesta formula pergunta e resposta o pesquisador, no papel de entrevistador, estará sempre impondo um ritmo de fala, escolhendo os temas e os tópicos que devem ter mais importância, dando ordem aos acontecimentos e a fala. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002)

Para se conseguir uma versão menos impostos e por isso mais “válida” na perspectiva do informante, a influência do entrevistador deve ser mínima em um ambiente deve ser preparado para se conseguir esta minimização da influência do entrevistador. As regras de execução da EN restringem o entrevistador. A EN vai mais além do que qualquer outro método ao evitar uma pré-estrutura ação da entrevista. É o empreendimento mais notável para superar o tipo de entrevista baseado em perguntas-resposta. Ela emprega-se um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história, para conseguir este objetivo. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95)

O uso das narrativas substitui o sistema de perguntas e respostas e o participante fica mais livre para expressar com suas próprias palavras e sentimentos, deixando, assim, impressa suas experiências de vida.

Uma outra característica que posso destacar é a utilização de uma questão disparadora. Como não há interferência do entrevistador o mesmo ao iniciar a entrevista narrativa elabora, sozinho ou em parceria com o entrevistado, uma pergunta inicial que gerará e guiará a narrativa. Essa questão deve apontar de modo direto e claro o objetivo da pesquisa

e ajudar o entrevistado a delimitar a sua narrativa dentro de um espaço-tempo. Após a questão disparadora e a escuta atenta de toda a narrativa o pesquisador pode ao final trazer questões mais específicas, mas nunca com a intenção de solicitar explicações ou fazer julgamentos do caminho percorrido pelo participante.

A partir desses apontamentos Schütze (RAVAGNOLI, 2008) destaca uma estrutura de cinco fases para o desenvolvimento das entrevistas narrativas, são elas: preparação, iniciação, narração central, fase de questionamentos, fala conclusiva. Para esmiuçar melhor essas fases recorri as pesquisadoras Sandra Jovchelovitch (2000) e Martin W. Bauer (2000), pois elas são as principais divulgadoras, estimuladoras e pioneiras aqui no Brasil no uso de entrevistas narrativas em pesquisas sociais.

A **fase de preparação** da entrevista narrativa acontece antes do encontro presencial entre pesquisador e o entrevistado ou entrevistada. Nesta fase o pesquisador busca organizar toda a atividade que está por vir iniciando pela a exploração do campo de pesquisa. Explorando o campo e o cotidiano do futuro entrevistado o pesquisador se mune de argumentos, questões e estabelece uma aproximação um vínculo com o entrevistado. Poderíamos dizer que este momento se aproxima de uma imersão etnográfica, mas tal grau de mergulho na exploração inicial do campo deve ser medida de acordo com a necessidade de cada pesquisa, ficando a cargo do pesquisador decidir isso.

Primeiramente, o pesquisador necessita criar familiaridade com campo de estudo. Isto pode ficar sem ter de se fazer investigações preliminares, ler documentos e tomar nota dos boatos e relatos informais de algum acontecimento específico. Com base nestes inquéritos iniciais, e em seus próprios interesses, o pesquisador monta uma lista de perguntas exmanentes. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 97)

Nesta fase meu empenho foi de intensificar a minha imersão no movimento juvenil espírita em particular me aproximar das ações do Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará – COMECE que é um dos centros de trabalho do jovem e das jovens participantes da pesquisa. Foi um exercício difícil manter a aproximação do grupo e seu lócus de atuação e ao mesmo tempo um distanciamento para que o olhar analítico de pesquisador não ficasse ofuscado com situações que considerações habituais.

Falo isso, pois também faço parte desse cotidiano. Fui coordenador da área de juventude da FEEC, coordeno também um grupo de mocidade no Grupo Espírita Renascendo com Jesus e faço parte de uma banda onde boa parte de nossas, apresentações e trabalhos

artísticos são realizados entre os jovens espíritas. De fato, isso também me ajudou bastante, mas mantive o cuidado constante para não estabelecer (pré)conceitos.

Estive presente em todas os eventos voltados para juventude espírita a nível a nível estadual (cito o Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará – EMECE; Acampamento de mocidades Espíritas – ACAMPAME; Seminário da Juventude do CEFA; Momento de Arte Juvenil Espírita – MOARJE; Encontro Cultural Espírita Jovem – ENCEJO), regional (cito o Congresso de Juventude Espírita da Microrregião do Nordeste – Maranhão, Ceará e Piauí MACEPI; Confraternização Brasileira de Juventudes Espíritas – Regional Nordeste) e nacional (cito a Confraternização Brasileira de Juventudes Espíritas – CONBRAJE Nacional). Nestes eventos, pude ter um olhar mais geral do movimento e conviver com jovens de várias regiões e com contextos diversos. Pude fazer uma comparação inicial entre questões similares e particulares de cada grupo seja a nível estadual, regional e nacional.

Quando coordenador da área de juventude da FEEC, fui chamado pelos(as) jovens para participar do grupo do *whatapps* do COMECE para dar algumas orientações em eventos organizados pelo grupo e pude acompanhar através das conversas do grupo suas demandas, dificuldades e pensamentos sobre o movimento espírita.

Nos últimos três anos estreitei também os laços de amizade com as participantes do COMECE realizando encontros informais para diversão. O estreitamento dos laços de afetividades ajudou bastante em diminuir o distanciamento e o estranhamento colaborando para o sentimento de querer bem. Freire (2009, p. 141) ressalta que “a afetividade não se excluída da cognoscibilidade”

Com essa postura inicial busquei subsídios para formular as perguntas exmanentes. Tais questões devem partir do objetivo da pesquisa para auxiliar o pesquisador na garantia que a narrativa estará no contexto, na delimitação do espaço-tempo que precisa para fazer suas análises, ou seja, a elaboração das questões exmanentes refletem os interesses e as formulações iniciais do pesquisador.

Há também as questões imanentes que são formuladas no decorrer da narrativa e que são utilizadas em fases mais adiante do processo. Estas questões são elaboradas a partir de temas, tópicos e relatos que aparecem no transcórre da narrativa do participante, não podendo, assim, tais questões serem elaboradas anteriormente pelo pesquisador.

Segundo Jovchelovitch & Bauer (2002) um dos momentos mais importantes da entrevista narrativa é a traduzir as questões exmanentes em questões imanentes. Isso para que as exmanentes possam ser ancoradas não mais na proposição inicial do pesquisador, mas na própria fala do entrevistado. Toda a atenção do pesquisador deve estar voltada para as

questões iminentes que vão surgir para no momento oportuno da entrevista narrativa possa resgatá-las.

Em seguida, temos a **fase de iniciação** da entrevista narrativa. Neste momento todo o contexto do trabalho deve ser explicado para o participante para que o mesmo fique ciente de todas as fases da entrevista. Essa explicação deve ser feita com uma conversa bem direta, esclarecedora e acolhedora para que o entrevistado fique à vontade e seguro pra fazer sua narrativa.

É esclarecido que todo o processo será gravado para a análise posterior. Muitas vezes, o aparelho gravador pode gerar um desconforto no entrevistado, uma intimidação, mas pode ser contornado e resolvido pelo pesquisador. Recomenda-se o aviso prévio da gravação justificando o porque do uso do gravador e a utilização de um aparelho mais discreto. Pede-se também descrição no seu manuseio evitando ficar pegando direto no gravador, pois além de promover uma possível intimidação do entrevistado pode comprometer a qualidade do áudio gravado.

No dia que realizei as entrevistas sempre comecei conversa bem informal e não parti diretamente para entrevistas. Pela proximidade que construí com as participantes e o participante, comecei com um bate-papo sobre outras questões diferentes da pesquisa, queria anular ao máximo a formalidade do momento e deixá-lo e deixa-las relaxadas. Fui encaminhando com cuidado e leveza a conversa para a atividade de entrevistas.

Particularmente não tive nenhum problema na aceitação da gravação, mas os problemas que apareceram foram técnicos. Na primeira entrevista, a participante falou muito baixo e isso dificultou a escuta para a transcrição. Fiquei mais atento para um aparelho melhor para as próximas entrevistas. Essa questão técnica é importante, pois pode comprometer a análise do material.

Depois disso, apresentei as entrevistadas e ao entrevistado a questão disparadora que irá servir de gatilho para a sua narrativa. Esse tópico emerge das perguntas exmanentes e já vem definido desde a fase de preparação. A questão disparadora deve ser clara, ampla e contemplar, fazer parte do cotidiano do entrevistado para que este possa ter interesse em narrar sua história de vida. Não deve conter datas, nomes, locais, o pesquisador deve deixar tais indexações surgirem na narrativa do entrevistado.

A questão que utilizei foi a seguinte: como foi sua trajetória no movimento de juventude espírita e qual o significado dessas experiencias na formação da pessoa que você é hoje?

Pode-se nesse momento de leitura da questão disparado apresentar algum recurso visual, musical, sensório para motivar e ajudar na introdução e entendimento da questão disparadora. Esses recursos podem ser mencionados ou colocados a disposição do entrevistado, mas o mesmo tem o livre arbítrio de escolher usa-lo ou não. É importante deixar claro que o emprego desses auxílios visuais, musicais, sensórios não devem inspirar ou dirigir as respostas do entrevistado, mas sim de deixar a questão disparadora mais próxima dele, bem como facilitar o início da fala do entrevistado.

Quando fiz o convite para a pesquisa e para a entrevista narrativa, solicitei que colhessem fotos que representassem o que ele e elas viveram no movimento de juventude espírita. Deixei livres para escolherem a quantidade que queriam e foi muito bacana escutar o que sentiram ao relembrar dos momentos vivenciados e perceber os sentimentos que encharcavam o timbre e atonalidade de suas falas quando relembavam suas experiências nesse momento já iniciei a gravação e comecei a fazer os primeiros registros, pois não queria deixar passar tais observações.

Quando se liga o gravador e a questão disparado é feita inicia-se a próxima fase que é definida como **narração central**. Nesta fase o pesquisador não faz nenhuma interrupção na fala do entrevistado deixando-o narrar livremente. O pesquisador pode expressar um encorajamento não verbal balançando a cabeça positivamente e olhando atentamente para o entrevistado gerando um sentimento de reciprocidade. Isso auxilia no relaxamento do entrevistado e demonstra valor a tudo que está sendo narrado. A atenção deve ser redobrada para que o pesquisador possa tomar nota das questões imanentes que vão surgir no decorrer da narrativa, portanto, faz-se imprescindível o uso de um bloco de anotações para o pesquisador tomar nota dessas questões e retornar com as mesmas posteriormente.

A intervenção do pesquisador na fala deve ser apenas ao final do relato do entrevistado. Quando o participante indica que terminou o pesquisador pode perguntar “é tudo que tem para contar?” “gostaria de dizer mais alguma coisa?”. Após esse momento e de posse das questões imanentes o pesquisador inicia a próxima etapa definida como fase de questionamento.

Na **fase de questionamento** o pesquisador irá traduzir as questões exmanentes em questões imanentes usando a própria linguagem do entrevistado para esclarecer e completar lacunas da narrativa. O pesquisador deve ter certeza do fim da narração central para iniciar os questionamentos. Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 99-100) destacam três regras básicas para serem aplicadas nessa fase e conduzir da melhor forma os questionamentos:

- Não faça perguntas do tipo “por que?”; faça apenas perguntas que se refiram aos acontecimentos, como: “O que aconteceu antes/depois/então?” Não pergunte diretamente sobre opiniões, atitudes ou causas, pois isto convida a justificações e racionalizações.
- Pergunte apenas questões iminentes empregando somente as palavras do Informante. As perguntas se referem tanto aos acontecimentos nacionais na história, quanto a tópicos do projeto de pesquisa.
- Para evitar o clima de investigação detalhada, não aponte contradições na narrativa. Esta é também uma precaução contra investigar racionalização, além da que ocorrem espontaneamente.

Durante toda a entrevista fiz registros em blocos de papéis de tais questões e foi muito esclarecedor esse momento. Na fase de iniciação também deixei claro que iria fazer essas anotações para não intimidar as narradoras e o narrador ao verem uma pessoa a sua frente fazendo anotações. Isso foi encarado com tranquilidade e não atrapalhou o andamento das narrativas.

Esta fase da entrevista gera material novo além de fechar todo o processo narrativo. Todas as fases até então são gravadas e transcritas para análise posterior do pesquisador. Depois deste momento, o pesquisador instaura a última fase da entrevista narrativa.

Definida como **fala conclusiva**, essa fase acontece já com o gravador desligado e o pesquisador estabelece agora uma conversa informal com o entrevistado. Esta conversa pode também pode auxiliar na iluminação de informações que mesmo depois da fase de questionamento ficaram obscuras. Nesta fase muitas informações podem ser cruciais para auxiliar na análise da narrativa. O que antes não poderia ser perguntado para evitar julgamentos e intimidações agora podem ser empregados como orienta Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 100):

Durante esta fase, o entrevistador pode empregar questões do tipo “por que?” Isto pode ser uma porta de entrada para análise posterior, quando as teorias e explicações contadores de histórias têm sobre si mesmos (“eigentheories”) se tornam o foco de análise. Além do mais, na última fase, o entrevistador pode também estar em uma posição de avaliar o nível de (des)confiança percebido no informante, o que se constitui em uma informação importante para a Interpretação da narração no seu contexto.

Muitos fatos que não foram colocados nas falas gravadas. Apesar de todo o esforço de deixar o ambiente e o processo mais acolhedor possível, alguns temas emergiram apenas com o gravador desligado. Mesmo sem gravar essas falas me ajudaram a entender

algumas posturas e decisões narradas nas entrevistas. Evidenciei que poderíamos voltar a essas questões e caso quisessem poderíamos colocar no texto final das análises.

Veja abaixo um quadro que resume todas as fases da entrevista narrativa:

Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa

FASES	REGRAS
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar o campo • Formular perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa)
Iniciação	<ul style="list-style-type: none"> • Formular o tópico inicial da narração • Empregar auxílios visuais quando necessário
Narração Central	<ul style="list-style-type: none"> • Não interromper • Motivar o prosseguimento da narração somente com encorajamentos não verbais
Fase de questionamentos	<ul style="list-style-type: none"> • Usar somente expressões como “Que aconteceu, então?” • Não opinar ou fazer perguntas sobre atitudes • Não discutir sobre contradições • Não fazer perguntas do tipo “Por quê?” • Avançar de perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa) para perguntas imanentes (emergem do relato do entrevistado).
Fala conclusiva	<ul style="list-style-type: none"> • Facultar perguntas do tipo “Por quê?”, como porta de entrada para a análise subsequente • Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Jovchelovitch e Bauer (2002, p.697).

É muito importante que todo esse processo seja acompanhado de um diário de campo ou um diário de itinerância para que o pesquisador possa sintetizar temas, conteúdos, memórias e sensações oriundas das entrevistas. Caso faça várias entrevistas o pesquisador precisa de tempo para entre cada trabalho poder registrar o seu diário.

2.4 A análise das entrevistas narrativas

A entrevista narrativa como dispositivo de pesquisa qualitativo está aberta a uma diversidade de procedimentos de análise. Como lidamos com a geração de histórias de vidas esse leque de possibilidade é bem amplo. O próprio Fritz Schütze (SCHÜTZE citado por JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p.) propôs seis passos para analisarmos as entrevistas

narrativas: a. transcrição detalhada do material verbal; b. separação do material transcrito em texto indexado (com referências concretas para quem fez o quê, quando, onde e por quê) e não indexado (descrições de como os eventos são experienciados e sentidos e dos valores e opiniões inerentes ao entrevistado atribuídas aos eventos; argumentações acerca de aspectos que o entrevistado busca legitimar em seu discurso e reflexões acerca dos eventos experienciados); c. ordenação dos eventos com base no material indexado; d. análise do conhecimento com base no material não indexado; e. agrupamento e contraste entre trajetórias individuais; f. elaboração de modelos processuais sobre as experiências dos indivíduos.

Jovchelovitch e Bauer (2002) também estruturaram um modelo analítico para as narrativas através do que intitularam de *análise temática* e *análise estruturalista*. Na presente pesquisa, decidi utilizar a Análise Textual Discursiva proposta pelos pesquisadores Moraes (2007) e Galiazzi (2007) por convergir teoricamente com meus anseios e de ter tido mais familiaridade com esta proposta. Me

A primeira questão a destacar é a importância da transcrição. De posse de todo material gravado inicia-se a transcrição dos áudios, ou seja, transformar o texto falado em texto escrito. O nível de detalhamento será de acordo com as demandas da pesquisa e todas os caracteres para-linguísticos como a tonalidade e pausas são transcritas para maior fidelidade a retórica usada pelo participante.

A transcrição, por mais cansativo que seja, é útil para se ter uma boa apreensão do material, e por mais monótono que o processo de transcrição possa ser, ele propicia um fluxo de ideias para interpretar o texto. É fortemente recomendado que os pesquisadores façam eles próprios ao menos algumas transcrições, sendo que este é concretamente o primeiro passo da análise. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 106)

Na presente pesquisa, decidi fazer essa transcrição de forma compartilhada com os jovens e as jovens participantes da pesquisa. Essa decisão foi tomada para que todos e todas pudessemos assumir vários papéis no transcorrer do trabalho. Esses papéis são o de narrador/narradora, ouvinte, escritor/escritora e leitor/leitora. O papel de narrador/narradora é assumido no ato da entrevista narrativa onde o jovem e as jovem se utilizaram do poder de fala para narrarem suas histórias de vida.

Em seguida, assumem o papel de ouvinte no momento da transcrição onde passam por outra experiência, a de ouvir a sua própria história. É uma experiência fundamental, pois inicia aqui uma nova etapa de interpretação do vivido, pois ouvindo-se puderam perceber

fatos que não narram, mas jugam importante de comentar, analisam a forma da retórica e percebem o que mais emotiva, desconforta e o que é retratado com animo.

No momento seguinte onde assumem-se autores e autoras reescrevem suas históricas a partir da transcrição e da escuta. Promovi um encontro para uma atividade chamada de colaboração narrativa onde os narradores puderam ler suas histórias de vidas uns para os outros e em parceria colaborativa discutir pontos em comuns, tirar dúvidas de questões que não ficaram esclarecidas por completo na escrita. Delory-Momberger (2008) aponta a importância da construção de si a partir da narrativa do outro é uma escrita biográfica que vai além da escrita de si por si mesmo, mas uma produção *heterobiográfica*. Depois de todos esses momentos formadores o jovem e as jovens fizeram a finalização da escrita de suas histórias de vida, Vale ressaltar que esse fechamento é temporal, momentâneo é o fim dos procedimentos para está pesquisa, pois a cada tempo, reinterpretamos a nossa história e nos refazemos no processo de ação-reflexão-ação já destacado pelo grande educador Paulo Freire.

Após a transcrição, dando continuidade ao processo da análise textual discursiva, mergulhei na execução de cada etapa do processo, a saber: unitarização, categorização e comunicação, conforme se descreve a seguir. Na primeira etapa de unitarização é feita uma desconstrução do texto, uma desfragmentação deste em unidade temáticas e de significados. Segundo Moraes e Galiazzi (2007, p.115),

Mais do que propriamente divisões ou recortes as unidades de análise podem ser entendidas como elementos destacados dos textos, aspectos importantes destes que o pesquisador entende mereçam ser salientados, tendo em vista sua pertinência em relação aos fenômenos investigados. Quando assim entendidas, as unidades estão necessariamente conectadas ao todo.

Essa etapa é de grande importância, pois nestas unidades estão as mensagens significativas da narrativa. Portanto, para que essas unidades sejam bem-feitas a leitura atenciosa e minuciosa do texto é fundamental. Ouvi o áudio das narrativas e li varias vezes para confirmar as unidades escolhidas por mim nesse momento de análise. É um momento que pode causar uma certa insegurança, mas que pode ser superada com um preparo da fase inicial da Entrevista narrativa, bem como a imersão do pesquisador no cotidiano e no contexto do participante. Quanto menor o distanciamento do pesquisador desse contexto e do tema do qual pesquisa menor o índice de insegurança no destaque das unidades iniciais da fase de unitarização.

Em seguida, comecei a segunda etapa que é a categorização. É uma etapa onde o olhar do pesquisador deve mais minucioso e atento as unidades organizadas na etapa anterior. Esse cuidado é necessário por que as categorias não estão, na maioria das vezes, explícitas no texto narrativos. A cada olhar atento e meticoloso o pesquisador encontrará uma rede de conceitos, sentidos, sentimentos que lhe darão novas compreensões do vivido. É interessante que mesmo depois dessa categorização o pesquisador possa voltar a analisar as unidades e as próprias categorias em busca de estabelecer um maior rigor e precisão dos dados. Deste modo, a categorização:

Corresponde a simplificações, reduções e sínteses de informações de pesquisa, concretizados por comparação e diferenciação de elementos unitários, resultando em formação de conjunto de elementos que possuem algo em comum. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p.75).

Moraes (2003) orienta seguir alguns passos para se chegar a essa categorização. Uma delas é seguir uma lógica dedutiva que implica deduzir as categorias a partir da fundamentação teórica da pesquisa. Outra possibilidade é seguir uma lógica indutiva que implica em comparar as unidades destacadas, contrastar temas e organizar elementos semelhantes passando de um olhar geral para um mais particular. Outro modo é juntar as duas lógicas, dedutivas e indutivas. O autor ainda vai além em propor também o uso da intuição para estabelecer a categorização.

O processo intuitivo pretende superar a racionalidade linear que está implícita tanto no método dedutivo quanto no indutivo. Pretende que as categorias tenham sentido a partir do fenômeno focalizado como um todo. As categorias produzidas por intuição originam-se por meio de inspirações repentinas, insights de luz que se apresentam ao pesquisador, por uma intensa impregnação nos dados relacionados aos fenômenos. Representam aprendizagens auto-organizadas que são possibilitadas ao pesquisador a partir de seu envolvimento intenso com o fenômeno que investiga. (MORAES, 2003, p.198)

A última etapa é a comunicação de um novo texto culminando todo processo de análise. Apesar de ser a parte final das análises, este “último” texto estará em constante aperfeiçoamento e reorganização, pois a cada visitação a ele podemos enriquecer sua estrutura e seus argumentos. Está reescrita representa todo o esforço de sintetizarmos os sentidos, compreensões, argumentações e representações identificados. Resumindo, desenvolvemos categorias de cada narrativas e em seguida novas categorias que representem todas as narrativas.

Busquei realizar todo esse processo de análise em parceria com o jovem e as jovens participantes desta pesquisa, assim deixando o trabalho cada vez coletivo e colaborativo. Para desenvolver todas essas etapas de análises, em especial as etapas de categorização e comunicação, desenvolvi com o grupo a atividade chamada de Círculo de Cultura que se baseia nas práticas de Paulo Freire. Nessa atividade levei as categorias que identifiquei inicialmente após o processo de unitarização para discutir com o grupo e aprofundar as reflexões, interpretações e aperfeiçoar as categorias coletivas oriundas das já trabalhadas a nível individual (de cada narrativa). Utilizamos novamente muitos recursos artísticos, visuais para estimular as reflexões e ampliar o processo formativo de todo esse processo.

2.5 Análise perspectivada: dialogando em três dimensões

Toda a análise e interpretação desenvolvida a partir das narrativas foram realizadas considerando três dimensões importantes: a teoria, a empiria e os saberes do pesquisador. Desta forma, pude enriquecer o material e apresentar os resultados com múltiplos olhares e várias perspectivas.

A interpretação está cheia das teorias desenvolvidas por diversos pesquisadores e pesquisadoras que com suas obras e pesquisas desenvolvidas puderam configurar a fundamentação teórica dos temas abordados nesta pesquisa. Já os sentidos e significados foram desenvolvidos a partir das experiências do participante e das participantes, bem com a minha própria experiência.

Tudo isso se encontra na escrita e de modo cooperativo onde todas as perspectivas dialogam para o entendimento e teorização dos novos temas e conclusões que emergem do trabalho. Sobre esse processo, Stecanela (2008) destaca que “Com a “categorização” o pesquisador assiste o nascer da “teorização”. Em outras palavras, a teoria brota, emerge, surge do material analisado, instigando novas pontes com os outros interlocutores, auxiliando a compreensão mais detalhada do fenômeno investigado.”

Buscando a construção de um material novo para discutir as categorias, temas que emergiram das narrativas, a tecitura dessas três dimensões foram fundamentais para dar substância praxiológica aos resultados. Vejamos o que Stecanela (2008, p. 186) destaca:

A busca de algo novo é o desejo de todo pesquisador e isso se encontra intimamente articulado com o processo de criação. O novo emerge do

desprendimento do preestabelecido, em busca do desconhecido que precisa ser cavocado, escavado, nos depoimentos que escolhe para submeter as análise textual qualitativa. Trabalhando com categorias que emergem da empiria, ele pode ter outra composição para seu texto através de um entrelaçamento continuo entre teoria, empiria e autoria.

Trabalhar com esses múltiplos olhares é um desafio e requer uma abertura do pesquisador para aceitar esses múltiplos olhares e trabalhar com eles para a escrita de um texto novo e colaborativo. Articular e entrelaçar essas três dimensões (teoria, empiria e os saberes do pesquisador) é um fazer pesquisa aventureiro, dinâmico, vivo e dialógico que aceita a diversidade, a universalidade e as particularidades na tessitura das análises que comporão o texto.



3 A JUVENTUDE ESPÍRITA CEARENSE

Árvore cresceu
 De mudas-mocidades
 Seiva, nutriente-céu
 Galhos são as mãos
 Ramagem de amizades
 Flores no pomar, vergeu
 Juventude, terra culta
 Em ti brotou
 Um grão-semente
 Da vontade de ser pão
 Frutifica maravilhas
 Vence os desafios da Estação
 Que do teu chão
 Nasçam brotos de luz
 Para alimentar... a todos nós
 Ramas (Gladston Lage / Tim)

Quando cheguei ao centro espírita pela primeira vez para participar de maneira mais efetiva das atividades dediquei-me às atividades dos agrupamentos juvenis que no movimento espírita é conhecido por mocidade. Neste espaço tive a oportunidade de desenvolver muitas potencialidades que tenho, dentre elas a musical, através do canto e do violão. Esta formação artística de certa forma me ajudou à um trabalho inicial de fincar raízes no centro espírita e perceber que aquele local era muito mais do que um templo religioso.

Percebi a riqueza daquele lugar me encantou com as possibilidades de formação e desenvolvimento que poderia ter lá. Estudava os princípios e fundamentos da Doutrina Espírita, o Evangelho, desenvolvia habilidades artísticas, trabalhava para diminuir minha timidez, tive estímulo à leitura e escrita, comecei a realizar trabalhos voluntários, enfim, era uma experiência muito intensa, que naquele tempo, não me via longe daquele espaço. Com o passar do tempo, dediquei-me na formação inicial para ser um evangelizador para que eu pudesse contribuir da mesma forma no desenvolvimento de outros jovens. Desde então me envolvi intensa com a juventude espírita da qual até hoje faço parte.

A experiência que tive no centro espírita foi muito marcante em mim e me influenciou na escolha da área de estudo e profissional que eu segui. Cursei Pedagogia, fiz mestrado em Educação Brasileira e em todo esse percurso procurei pesquisar e compreender melhor como o centro espírita, as atividades evangelizadoras ressoam na formação da juventude espírita.

Busquei o estudo da categoria juventude e pude entender melhor suas demandas, anseios, dúvidas, medos e potencialidades. Assim, esta seção traz um olhar sobre o conceito

de juventudes para entender a existência de diversas culturas juvenis e assim propor e esclarecer que há uma juventude espírita.

No tópico seguinte explico o que é uma mocidade espírita, quais suas características, as ações realizadas nesse agrupamento, o que se estuda e como se organiza no centro espírita. Apresento um panorama geral para uma orientação inicial do leitor e da leitora deste trabalho.

Em seguida, faço uma apresentação e análise documental das orientações do Departamento de Infância e Juventude da Federação Espírita Brasileira - FEB. Utilizo como referência documento de *Organização da ação evangelizadora da juventude: princípios, fundamentos e diretrizes* lançados em 2016 pelo Conselho Federativo Nacional da FEB. Exponho e analiso os eixos de trabalho, as diretrizes e a visão de juventude que o documento tem.

Também realizo nesta seção o difícil trabalho de remontar a história do movimento de juventude espírita cearense desde a fundação da primeira mocidade até os dias de hoje. Me encontrei com imensa dificuldade de resgatar registros históricos dos primeiros anos das atividades de mocidades espíritas no Ceará quando fui apresentado ao Senhor Milton Borges que foi um dos coordenadores da Mocidade Espírita Cearense, a primeira mocidade espírita aqui no Estado do Ceará. A partir de suas narrativas que foram coletadas através da técnica de fotonarrativa pude reconstruir ao seu lado e registrar as ações e percepções da juventude espírita no final da década de 40 até o final dos anos 70. A partir dos anos oitentas, fiz uma pesquisa em documentos de grupos que tiveram ações e notoriedade no movimento juvenil espírita no Estado. Foi um esforço inicial para registro e compreensão da história da nossa juventude.

Por fim, trago um retrato da juventude espírita cearense no que tange o seu olhar sobre o centro espírita. Através de um questionário aplicado para 66 jovens de várias mocidades da capital e do interior podemos entender como a juventude espírita entende o centro espírita e como se relaciona com este, além de, apontar as atividades que devem mudar para melhor atenderem aos anseios e demandas da juventude.

3.1 Sobre juventude e juventudes

Sobre a categoria “juventude” podemos iniciar destacando que não é tão simples defini-la, assim como há um nível de complexidade na representação da juventude contemporânea. Definir juventude demanda um olhar cuidadoso da individualidade e da

coletividade que ela representa, daí a importância de não apenas o que os pesquisadores elaboraram, mas ouvir a própria juventude.

Inicialmente, destacarei aqui, com a intenção de propor uma discussão sobre o esforço de conceituação, os termos “juventude” no singular e “juventudes” no plural. Sobre o termo juventude podemos relacionar com o conceito de fase de vida onde significa o período onde o ser constrói a si a partir de vivências individuais de sua trajetória de vida. Essa fase se manifesta e se concretiza a partir do que cada um experimenta.

Alguns estudos e análises que utilizam o termo juventude (no singular) a entendem apenas como uma fase da vida, resumindo a sua caracterização às questões etárias e aos aspectos uniformes e homogêneos. Este é o caso da Sociologia da Juventude que também chegou a defender esse entendimento. (PAIS, 1990)

O aspecto etário é muito limitado para definir o que venha a ser juventude. Se direcionarmos o olhar para as definições que os diversos órgãos internacionais e nacionais têm da juventude encontraremos, na realidade, uma grande indefinição. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS), juventude compreende o período dos 15 aos 24 anos de idade. No Brasil, a Política Nacional de Juventude (PNJ), considera jovem a faixa etária entre os 15 e os 29 anos. Essa política ainda divide essa faixa etária em 3 grupos: jovens de 15 a 17 anos (jovens-adolescentes); jovens de 18 a 24 anos (jovens-jovens); e jovens de 25 a 29 anos (jovens-adultos).

Por muito tempo correntes do pensamento psicológico e sociais difundiram a ideia de que a juventude é um período de transição para a fase adulta. Essa ideia estabeleceu inicialmente uma ideia cristalizada do que é juventude e a “adulter”. O mundo adulto é a fase onde se sabe o que é e o que quer fazer da vida. É o momento onde a identidade do ser está consolidada permitindo-o a ter padrões morais e sociais. É a fase onde a responsabilidade acompanha sua trajetória tendo a necessidade de adentrar ao mundo do trabalho e suprir seu “custo material no mundo”. É o período de assumir de modo responsável as relações culminadas no matrimônio e na paternidade ou maternidade.

Já o mundo juvenil pode ser resumido como o período de lazer e diversão. É o tempo do namoro, das relações rápidas e passageiras, do sexo sem afetividade. É época de estudar, de não trabalhar, mas de começar a aprender sobre as responsabilidades dos atos.

Minha fala pode parecer dura, intransigente e aparentar que estou “forçando a barra”, mas falando francamente essa ideia formou o senso comum de muitos e muitas pessoas e ainda veladamente paira nas cabeças. Assim surge a seguinte questão: quais as

demarcações entre o mundo juvenil e o mundo adulto? O caráter da juventude se limita a transitoriedade para a fase adulta? A fase adulta seria um resultado de uma formação juvenil?

Definir de forma fechada como terminando um mundo e começa o outro é tanto complicado. Esses mundos podem se prologarem ou se encurtarem considerando outros aspectos como questões sociais, educativas, religiosas e espirituais, por exemplo. Reis (2006, p. 68) chama atenção para entender a juventude como fase de vida não com um contorno limitado e nítido.

Enfocar a juventude como fase de vida não significa entendê-la como fase uniforme, mas como período de vida em que múltiplas possibilidades de percurso se apresentam e nela, nesta fase, não se esgotam, proliferando-se pela vida adulta. Juventude e adultez são multiplicidades em suas formas de ser, e estão cada vez menos segmentadas.

Limitar o desenvolvimento físico, cognitivo, social e moral apenas à um período específico da vida do ser humano é engessar o processo de formação colaborando assim para uma visão de ser uniforme, homogênea e limitada não respeitando, assim, transcendentalidade do ser e suas possibilidades de transformação.

Vale ressaltar que a crítica aqui colocada recai sobre o entendimento de juventude como fase de vida uniforme, homogeneia, limitada e puramente etário. É fato inegável que há sim particularidades etárias e geracionais, mas que participam e colaboram para definir o que seria juventude. O problema está em definir com conceitos, visões, posturas e discursos absolutos algo tão amplo, complexo e que está em constante transformação e refazimento como a juventude.

Várias áreas como a Sociologia e a Antropologia colaboraram para a ampliação e entendimento dessa categoria. Destaco agora a corrente de pensamento que utiliza e trabalha com o termo juventudes (no plural). A utilização do termo juventudes condiz com o respeito e a consideração das múltiplas representações e expressões dos jovens e das jovens, bem como o reconhecimento que essas são frutos de diferentes contextos sociais dos quais os jovens e as jovens se inserem. (PAIS, 2003; 2005)

No trabalho de definir juventude podemos apreciar de forma atenta as elucidações de Pais (1990, p. 140) sobre a Sociologia da juventude da qual o conceito de juventude se divide em duas tendências:

a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase

da vida», prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida— aspectos que fariam parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de um geração definida em termos etários;

b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc.

Outro autor que colabora no entendimento do conceito de juventude é Luis Antonio Groppo. Para ele a Sociologia da juventude não define de forma clara juventude contribuindo, assim, mais para uma “indefinição” do que para um esclarecimento. Para Groppo (2000) a juventude é uma categoria social que representa uma situação social e uma representação sociocultural. Deste modo, o autor não restringe a definição à questões etárias, ou seja, supera conceitualmente aceções temporais.

A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma serie de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. [...] Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas. (GROPPO, 2000, p. 07-08)

O entendimento dos jovens a partir de suas realidades sociais e culturas próprias levam à conceituação de juventude como categoria social, pois constitui ponderar suas experiências, suas potencialidades, seu contexto histórico. Outros autores trazem concepções distintas de juventude. É o caso de Abramo (2005, p. 43-44) que aponta para a necessidade de “falar de juventudes, no plural, e não de juventude, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição”.

Pais (1990) colabora para essa discussão apontando que há um equívoco semântico com o entendimento do termo juventude, pois este pode expressar duas ideias: como fase de vida e juventude como atributos sociais que distingue jovens uns dos outros.

[...] a juventude pode ser tomada tanto como uma unidade (quando referida a uma fase da vida), como ser tomada no sentido de conjunto social obviamente diversificado. Isto é, no primeiro caso, estamos em presença de um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, principalmente definida em termos etários; no segundo caso, a juventude é tomada como um conjunto

social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes. (PAIS, 1990, 149)

Assim, temos dois olhares da juventude, um de denota uma unidade superficial e outra que entende em sua diversidade. É muito complicado analisarmos e estudarmos a categoria juvenil sob uma perspectiva homogeneia e unitária, pois limitaríamos muito nossas compreensões sobre o conceito de juventude e sua intervenção no mundo, entendendo-a apenas como um conjunto social.

É preciso que nossos olhares possam superar a perspectiva da juventude como conjunto social e entendermos ela como um conjunto social com atributos sociais que as diferenciam, ou seja, compreendendo na sua diversidade, na sua heterogeneidade. (PAIS, 1990). Dessa forma, podemos legitimar a heterogeneidade juvenil que por sua vez se define a partir de diversas realidades e práticas que formam o seu cotidiano, ou seja, podemos ter uma juventude rural, uma juventude burguesa, uma juventude católica e assim por diante.

Partindo dessa lógica que define a categoria juvenil a partir de conceitos que consideram o cotidiano, a diversidade de práticas, as múltiplas realidades e a existência de distintas culturas juvenis, aponto a existência de uma juventude espírita. Adiante, faremos uma imersão no entendimento da juventude espírita cearense para entender como esta se organiza, suas ações, sua trajetória histórica, seu diálogo com as instituições espíritas, com a sociedade e como os(as) próprios(as) jovens compreendem o centro espírita.

3.2 Espiritualidade e religião

Na conjuntura atual, é eminente a necessidade de se discutir e considerar o paradigma da espiritualidade. Primeiramente pelo fato de estabelecer um respeito pelas culturas, crenças e expressividade dos seres, em destaque, os que mais são oprimidos diante do mundo hoje.

O segundo, porque a dinâmica da vida atual chama cada vez mais as pessoas para questionarem-se sobre quem são? De onde vêm? Qual a sua destinação após a morte física? Observa-se uma busca cada vez maior por crenças, religiões e doutrinas para responder tais questões. O que de fato chama a atenção é a busca de uma religiosidade pura, longe do dogmatismo.

Terceiro, configura-se pela identificação de um vazio, um buraco existencial que não pode mais ser preenchido com valores e bens materiais, pois estes não dão conta desse

preenchimento. A sensação de incompletude aumenta ao percebermos nossa pequenez diante do universo e da impossibilidade de termos as respostas para tudo de forma absoluta. Sobre tais questões Boff (2006, p. 11) destaca que “[...] há uma demanda por valores não materiais, por uma redefinição do ser humano como um ser que busca um sentido plenificador, que está à procura de valores que inspirem profundamente a sua vida”

Apesar da complexidade e amplitude do tema em questão, exercito com humildade, com o suporte teórico e vivência a definição do que é a espiritualidade. Estimo que espiritualidade é uma dimensão humana, e como a própria humanidade, é ontológica ao ser. É essa dimensão que unifica as nossas potencialidades e qualidades que se sintetizam nos valores como a amorosidade que nos impulsiona a fazer o bem ao próximo, o perdão que nos estimula e cobra por uma convivência sadia com aqueles que um dia ofendemos ou que nos ofenderam e esperança de sermos melhores. Deste modo, me aproximo conceitualmente com o que Dalai Lama (2000, p. 21) observa sobre a definição de espiritualidade:

Considero que *espiritualidade* esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros.

Outro autor que tenho como referência no meu exercício de conceituar espiritualidade é Leonardo Boff. Em sua obra *Espiritualidade: caminho de transformação*, Boff (2006, p. 51) destaca a espiritualidade como uma dimensão do ser humano e que destaca e dialoga com os nossos valores:

[...] A espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano. Essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade e pelo cuidado como atitude fundamental. É alimentar um sentido profundo de valores pelos quais vale sacrificar tempo, energias e, no limite, a própria vida.

É importante nesse ponto fazermos uma diferenciação entre o conceito de espiritualidade e religião. Muito se confunde esses dois conceitos nas falas e no senso comum. Vejamos o que Dalai Lama (2000, p. 21) destaca sobre religião:

Julgo que a religião está relacionada com a crença no direito da salvação pregada por qualquer tradição de fé, crença esta que tem como um de seus principais aspectos a aceitação de alguma forma de realidade metafísica ou sobrenatural, incluindo possivelmente uma idéia de paraíso ou nirvana.

Associados a isso estão ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações, e assim por diante.

Dalai Lama destaca em sua visão de religião características bem interessantes para discutir. De certo modo, sua definição representa muito o entendimento geral sobre religião como prática que representa uma crença no “sobrenatural”, com crenças, princípios e rituais definidos.

Muitos no intento de definir religião partem para a origem etimológica da palavra. Mas esse caminho mais embarça a compreensão do que nos desvela seu significado. Uma corrente defende sua origem no termo *relegere* que significa “reler, retomar”, outra aponta sua raiz no termo *religare* que significa “religar, atar” à Deus. De fato, o termo não tem origens nas próprias religiões, pois a palavra não se encontra em nenhum texto sagrado das religiões mais antigas. É sim um termo criado posteriormente e explicar o significado da religião apenas com a referência etimológica é uma ingenuidade.

Não há uma universalidade, um consenso no que diz respeito ao conceito de religião. Cada área do conhecimento tem um ponto de vista, uma ideia do que seja religião. Sobre essa perspectiva, John Hick (citado por CRAWFORD, 2015, p.14) afirma:

Religião é uma coisa para o antropólogo, outra para o sociólogo, outra para o psicólogo (e outra ainda para outro psicólogo!), outra para o marxista, outra para o místico, outra para o zen-budista e outra ainda para o judeu ou cristão. Existe, por conseguinte, uma grande variedade de teorias religiosas sobre a natureza da religião. Não há, portanto, nenhuma definição universalmente aceita de religião e possivelmente nunca haverá.

Muitos acabam definindo religião não com o enfoque na essência, mas apenas pelas as manifestações e práticas religiosas, pela sua funcionalidade. Por exemplo, quando buscamos conceituar religião e dizemos que religião une as pessoas, eleva e traz bem-estar. Um trabalho de conceituação mais substancial se dá quando destacamos nesse conceito fundamentos e princípios consistentes. O fato é que religião é uma prática coletiva e que está inteiramente ligada a um ponto particular que é a crença.

Para Crawford (2005) o trabalho de definir religião dependerá muito de como a mesma é estudada, ou seja, dependendo da área do conhecimento a religião é investigada em seu conceito pode ter uma conotação ética, jurídica, ritualística, institucional, doutrinária, pessoal, política ou sobrenatural.

Joanna de Ângelis (2014, p. 64-65), através da psicografia de Divaldo Pereira Franco, define que:

A religião se destina ao conforto moral e à preservação dos valores espirituais do homem, demitizando a morte e abrindo-lhe as portas aparentemente indevassáveis à percepção humana. Desvelar os segredos da vida de ultratumba, demonstrar-lhe o prosseguimento das aspirações e valores humanos, ora noutra dimensão dentro da mesma realidade da vida, é a finalidade precípua da religião. Ao invés da proibição castradora e do dogmatismo irracional, agressivo à liberdade de pensamento e de opção, a religião deve favorecer a investigação em torno dos fundamentos existenciais, das origens do ser e do destino humano, ao lado dos equipamentos da ciência, igualmente interessada em aprofundar as sondas das pesquisas sobre o mundo, o homem e a vida.

Apesar de distintos, espiritualidade e religião tem conceitos que se relacionam, pois o propósito de ser da religião é canalizar as nossas experiências espirituais para Deus, para o próximo e para si, promovendo um movimento contínuo entre o mundo espiritual e o mundo físico. Boff (2006, p. 43) ressalta que a religião se define e alcança a sua grandiosidade quando colabora com a espiritualização do ser:

Trata-se de uma religião que guarda sua funcionalidade verdadeira, que se enche de reverência e, por isso, não manipula os sentimentos humanos, não aterroriza as consciências, nem prende os profetas na trama de seus dogmas. Entende tudo como aceno para o mistério, como indicações sobre o inefável. Só se contenta quando leva o ser humano a mergulhar nessa suprema realidade, e não quando os transforma num devoto seguidor de suas doutrinas, ritos e preceitos morais.

Para atingir esse objetivo é necessária uma coragem do ser humano em ampliar, superar o que se entende como religião e/ou prática religiosa. A religião tem tido muito o seu enfoque nos dogmas, tradições, cultos e hierarquias, limitando o seu campo de atuação real. Talvez seja até necessário e assumir que religião é isso mesmo, até porque esse termo e seu uso surgem com a organização clerical.

É necessário que o entendimento do que é religioso possa caminhar com a racionalidade para fortalecer a relação do crente com o divino, ampliando de uma relação mística e mitológica para um relacionamento afetivo, intencional e cognoscível. Isso não quer dizer que compreenderemos a divindade criadora e organizadora do universo em toda a sua plenitude e de forma racional. Estamos longe disso ainda, pois como crianças em tenra idade, engatinhamos na esteira evolutiva.

Para além da religião, da prática religiosa, o ser humano deve buscar a religiosidade interior, aproximando mais da Divindade em toda a sua plenitude e essência, sem temor, mas com amorosidade. Sem dogmatismo, mas com racionalidade. Sem prepotência, mas com respeito a tudo que vive, como plantas, animais, minerais.

Joanna de Ângelis (2014, p. 68) ressalta que “A religiosidade é uma conquista que ultrapassa a adoção de uma religião; uma realização interior lúcida, que independe do formalismo, mas que apenas se consegue através da coragem de o homem emergir da rotina e encontrar a própria identidade.”

Assim, a espiritualidade é independente da religião. Ela não é uma propriedade dessa ou daquela manifestação religiosa, mas sim permeia de modo fluido por todas e até fora dela. A religião é como ferramenta de fluidez e campo de vivência da espiritualidade.

Ainda no que tange a definição de espiritualidade e experiência religiosa, quero destacar que ela provoca uma mudança, uma transformação interior. Entende-se aqui como “interior” a essência do ser humano, a sua intimidade, ou seja, as formações e as (trans)formações dos seres oriundas das experiências religiosas são profundas e não superficiais. Modificam e/ou burilam seu íntimo reelaborando seus sentimentos, pensamentos e a sua vontade para que o ser possa melhorar sua relação consigo, com o próximo e com o mundo.

3.3 Espiritismo é religião? Considerações sobre o tríplice aspecto da Doutrina Espírita

No século XIX, inúmeros fenômenos eram testemunhados nos salões festivos de toda a Europa. Na França esses fenômenos eram conhecidos como “mesas girantes” e aconteciam corriqueiramente com o objetivo de entreter o público. As mesas subiam, movimentava-se por todo o salão e o mais intrigante é que respondiam a perguntas feitas. Eram questões fúteis como: meu pai já morreu? Tenho quantos filhos? Qual a minha idade? Mas era estranho uma matéria bruta como uma mesa responder tais questões.

Em 1854 o senhor Fortier procura o pedagogo e magnetizador Hipolyte Leon Denizard Rivail e comenta que “já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade.” (KARDEC, 2012, p. 323). O professor Rivail não se entusiasma, pois entendia ser esse fenômeno plenamente possível e justificava que o fluido magnético, uma espécie de força elétrica, podia sim movimentar corpos inertes. O que Rivail não esperava é que além dessa movimentação as mesas “falavam”, respondiam as perguntas de forma inteligente.

Inicialmente Rivail repeliu essa possibilidade assumindo uma posição de incrédulo. “Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não

veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé.” (KARDEC, 2012, 324) Era compreensível a postura diante de fatos que não tinham estudos e comprovações científicas.

No início do ano de 1855, Rivail reencontra um amigo de estudos o senhor Carlotti que voltou a falar de tais fenômenos, agora de forma mais entusiasmada e já apontando para o que poderia ser a causa daqueles fenômenos. Foi a primeira vez que Rivail ouviu sobre a possibilidade da intervenção de espíritos e a riqueza de detalhes do depoimento do amigo que aguçou mais ainda sua curiosidade.

Cinco meses depois, a convite de Fortier, Rivail participou pela primeira de uma sessão onde pode ver de perto tais fenômenos. O encontro foi marcado na casa da senhora Plainemaison em companhia também do senhor Pátier.

Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo. (KARDEC, 2012, p. 326)

A partir de então, o professor Rivail dedicou-se a estudar tais fenômenos para não só compreender a mecânica de seu funcionamento, mas para dali construir uma nova ciência, pois acreditava estar diante de um novo paradigma.

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. (KARDEC, 2012, p. 327)

Desse trabalho de pesquisa, Rivail constatou inicialmente que aquelas “entidades” era nada mais do que a alma de homens que tinham falecidos, não se caracterizando como divindades e nem dotados de plena sabedoria. Seus conhecimentos eram de acordo com o seu grau de desenvolvimento intelectual e moral. Esse entendimento inicial foi fundamental para que Rivail pudesse criar com liberdade e segurança teorias sobre essas manifestações.

Outro tópico importante de destacar sobre suas constatações foi as comunicações dos espíritos traziam informações sobre o mundo em que viviam, seus costumes, o estado em que se encontravam e como se organizavam. Deste modo, Rivail percebeu que seus estudos

não poderiam se aportar em um único espírito ou resposta devido a diversidade dos espíritos e do mundo que descreviam. Estas particularidades fizeram Rivail aprimorar sua metodologia e técnica de coleta e análise dos resultados alcançados.

Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não **reveladores predestinados**.

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui. (KARDEC, 2012, p. 329)

Rivail buscou alcançar respostas para várias questões que comportavam as áreas do conhecimento humano como Sociologia, Psicologia, Filosofia. Com o objetivo de entender a natureza e origem dos espíritos e do mundo em que viviam, Rivail elaborou cuidadosamente uma série de perguntas que eram dispostas metodicamente para não dar brechas a equívocos e encontrar possíveis contradições. Rivail esclarece que as perguntas “Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica.” (KARDEC, 2012, p.329)

Diante da rigorosidade metódica e do caráter científico organizado por Rivail, as reuniões deixam de ter perguntadas fúteis dando lugar a pesquisa científica séria, com conclusões que extrapolavam o entendimento do fenômeno em si, mas que traziam um novo olhar para as questões humanas. Após dois anos intensos de pesquisa, Rivail decide publicar os resultados obtidos. Percebeu que as questões que elaborara tinha o corpo de um livro e que seu conteúdo poderia ensinar a todas as pessoas.

Assim, em 18 abril de 1857 Rivail publica *O Livro dos Espíritos* contendo toda a filosofia, princípios e fundamentos da Doutrina Espírita. Esta obra em sua primeira edição, teve o corpo de 501 perguntas, mas posteriormente com a continuidade dos estudos de Rivail a obra foi editada com 1018 questões. A obra se divide em quatro partes: Das causas primárias; Do mundo espírita ou dos espíritos; Das Leis Morais; e Das esperanças e consolações. A obra apresenta conceitos e análises sobre Deus, espírito, matéria, mediunidade, pluralidade dos mundos, a relações dos espíritos com o mundo corpóreo e a moral.

Na ocasião do lançamento desta obra, Rivail decide publica-la sob o pseudônimo de Allan Kardec ficando conhecido assim desde então. Há duas linhas de explicação para entendermos as razões que levaram Rivail a adotar um pseudônimo. A primeira é que o professor Rivail queria que sua nova obra fosse lida e referendada não pelo seu nome, bastante considerado no campo da ciência e da educação francesa, mas pelo o conteúdo. A

segunda é que essa foi uma orientação de um mentor espiritual chamado Zéfiro que apontou esse nome como era conhecido em uma vida pretérita e que a partir daquele momento sugeriu o uso desse mesmo nome.

Após a primeira publicação, O professor Rivail, agora Kardec, continua seus estudos sobre a ciência espírita. Nos 10 primeiros anos de pesquisas e estudos, Kardec organiza o que conhecemos como Obras Fundamentais do Espiritismo. São elas: São eles: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno – ou a Justiça de Divina Segundo o Espiritismo (1865) e A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo (1868).

Kardec teve diversas publicações que complementavam toda a teoria e prática apresentada nas obras fundamentais. São as seguintes obras: Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas (1858); O que é o Espiritismo (1859); Carta sobre o Espiritismo (1860); O Espiritismo em sua Expressão mais Simples (1862); Viagem Espírita em 1862 (1862); Resposta à Mensagem dos Espíritas Lioneses por ocasião do Ano Novo (1862); Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas, ou Primeira Iniciação (1864); Coleção de Composições Inéditas (1865); Coleção de Preces Espíritas (1865); Estudo acerca da Poesia Medianímica (1867); Caracteres da Revelação Espírita (1868); Obras Póstumas (1890).

Também criou no ano de 1858 um periódico científico onde publicava artigos frutos de estudos sobre fenômenos e a filosofia espírita. A *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, tinha publicação mensal concentrava em seu corpo artigos, cartas e orientações de Kardec, matérias jornalísticas, respostas aos detratores do Espiritismo, análises de fenômenos espíritas, mensagens de espíritos, etc. Este periódico foi publicado por Kardec entre os anos de 1858 a 1869 configurando o principal veículo impresso de divulgação e difusão dos estudos e pensamentos espíritas deste período.

Também no ano de 1858, Kardec fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas com o objetivo de reunir pessoas interessados em estudar e pesquisar sobre o Espiritismo, bem como estudar a moral cristã e suas consequências morais. Vejamos as considerações de Rodrigues (2013, p. 107) sobre a dinâmica de atividades da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Nesse ambiente aconteciam reuniões semanais, em cuja programação constavam, manifestações de espíritos, estudos dos princípios e fundamentos da Doutrina Espírita e análises dos resultados oriundos das experimentações feitas a partir dos fenômenos espíritas. Kardec cita, no livro *Obras Póstumas* (1995, p. 285), que “Essas reuniões ofereciam um grande interesse pelo seu caráter sério, e a alta importância das questões que ali eram tratadas;

frequentemente, viam-se ali príncipes estrangeiros e outras personagens de distinção”. A fundação dessa sociedade de estudos é o primeiro passo dado por Kardec na construção e organização do Movimento Espírita, que tinha como seu primeiro objetivo a difusão do Espiritismo a todas as pessoas.

Desde os primeiros estudos e durante toda sua trajetória, Kardec tinha clareza da contribuição dessa nova doutrina para o campo da razão humana e da espiritualidade do ser. Mas, diante desse corpo de estudo, de toda essa produção e organização podemos considerar o Espiritismo uma religião?

Para responder essa questão, partiremos da definição que Kardec deu à Doutrina Espírita. Vale ressaltar que essa definição foi construída no decorrer dos anos de estudos de Kardec sobre o Espiritismo. Na obra *O que é o Espiritismo* publicada no ano de 1859, Kardec (2013, p. 40) diz que “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.”. Nesta resposta direta, podemos ter clareza do objeto de estudo da Doutrina Espírita e do seu primeiro aspecto: uma ciência.

O aspecto científico do Espiritismo é evidente em sua essência, nenhuma ciência, nenhum conhecimento novo nasce do acaso. É preciso o estudo sério e contínuo, a observação constante e sucessiva, uma rigorosidade metódica, o diálogo com outras áreas da ciência, a racionalidade em interface com a amorosidade que nos engaja a buscar a verdade, assim, produzimos conhecimento, e foi dessa forma que a ciência espírita se constituiu.

De frente de um objeto de estudo considerado subjetivo, Kardec teve o cuidado de executar e usar em seus estudos as diretrizes das ciências experimentais e de métodos analíticos e indutivos da qual era adepto, mas como estava diante de um novo paradigma, um novo objeto de estudo teve que organizar e aplicar novos modelos metodológicos. Desde modo, certo de sua rigorosidade científica sempre colocou a prova suas conclusões. O caráter científico da Doutrina Espírita decorre das seguintes conclusões:

O Espiritismo, pois, não estabelece com o princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. [...] Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará. (KARDEC, 2005. p, 42)

Delanne (2008, p.5) destaca o papel científico da Doutrina Espírita quando diz que “O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente

têm sido chamados mortos.”. Destaca ainda, que seus postulados e conclusões não são regulados por dogmatismo ou uma visão estreita e reguladora de ciência.

O Espiritismo é uma ciência progressiva, baseia-se na revelação dos Espíritos e na análise minuciosa dos fatos. Não tem dogmas nem doutrina cuja discussão seja interdita; além da comunicação entre os vivos e os mortos e do princípio da reencarnação, que estão absolutamente demonstrados, admitimos todas as teorias racionais que se referem à origem e ao futuro da alma. Em uma palavra, somos os positivistas do espiritualismo, e isso dá-nos uma superioridade incontestável sobre as outras filosofias, cujos adeptos se conservam encerrados em estreitas malhas. (DELANNE, 2008, p.191)

No que tange ao aspecto filosófico, Kardec (2004, p. 592) destaca que “Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom-senso.”. Essa observação vem das conclusões de Kardec sobre o conteúdo e análise das respostas dadas pelos espíritos.

De posse disso, nos interrogamos, duvidamos, refletimos, construímos novos saberes sobre quem somos, qual a nossa natureza e para onde vamos quando findar a vida do corpo. Este movimento de interpretação e reflexão dos resultados obtidos da pesquisa científica dos fenômenos espíritas constitui uma nova filosofia espiritualista. Assim, na obra *O que é o Espiritismo*, Kardec (2013, p. 40) define que “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.”

Com o tempo de estudo Kardec, conclui que das concepções filosóficas destaca-se posturas morais. Deste modo, Kardec completa o círculo gnosiológico definindo a Doutrina Espírita sob um tríplice aspecto

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. [...] Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem, inteiramente nova de idéias, que surge e da qual não pode deixar de resultar uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem igualmente que essa modificação não pode deixar, de operar-se no sentido do bem. (KARDEC, 2004, 595)

Em nenhum momento onde Kardec apresenta a Doutrina Espírita sob esse tríplice aspecto identificamos o termo religião, assim, tornar-se um equívoco e uma má interpretação das conclusões de Kardec sob esse tema. Havia, desde a época de Kardec, uma preocupação em definir ou não Espiritismo como religião. Kardec foi muito contundente em suas posições quanto esse tema em deixar claro no início de seus estudos que Espiritismo não é religião.

Em uma carta publicada na Revista Espírita de maio de 1859, Kardec refuta um artigo do jornal *l'Univers* onde apontam o Espiritismo como uma seita.

A Sociedade a que vos referis tem seu objetivo expresso no próprio título. A denominação Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas não se assemelha ao de nenhuma seita. Ela tem um caráter tão diverso que os seus estatutos proíbem tratar de questões religiosas. Está classificada na categoria das sociedades científicas, porque, na verdade, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos resultantes das relações entre o mundo visível e o invisível. Tem seu presidente, seu secretário, seu tesoureiro, como todas as sociedades. Não convida o público às suas sessões, nas quais não há discursos nem qualquer coisa com o caráter de um culto qualquer. Processa seus trabalhos com calma e recolhimento, primeiramente porque é uma condição necessária para as observações e em segundo lugar porque sabe que devem ser respeitados aqueles que não vivem mais na Terra. (KARDEC, 2012, p. 206-207)

Kardec defende a categoria de sociedade científica da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, pois era muito comum na época pessoas de diversas religiões participarem das reuniões de estudo do Espiritismo. Mas com o passar dos anos e com o aprofundamento dos estudos, Kardec elabora e amplia o seu entendimento do conceito de religião e traz novas visões a cerca do Espiritismo como religião.

Na edição de dezembro de 1868 da Revista Espírita, Kardec publica um discurso que fez em razão da Sessão Anual Comemorativa dos Mortos na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Na ocasião, fez uma longa e esclarecedora fala sobre o tema *O Espiritismo é uma religião?* Kardec inicia esclarecendo como são os encontros e reuniões na Sociedade e apresenta sua definição de religião.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a comunhão de pensamentos; é que, com efeito, a palavra religião quer dizer laço. Uma religião, em sua acepção larga e verdadeira, é um laço que religa os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. (KARDEC, 2012 p. 490)

Kardec traz em seu conceito de religião aspectos de comunhão de pensamentos, sentimentos e de aspirações, fraternidade e a solidariedade, benevolência com o próximo. Esses laços são essencialmente morais e denotam o compromisso com o “querer bem” e da coletividade. É nesse sentido que Kardec destaca

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza. (KARDEC, p. 491)

Mas no paragrafo seguinte de seu discurso Kardec esclarece:

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou. Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (KARDEC, 2012, p. 491)

A prudência e o bom senso de Kardec levam-no a esclarecer de vez essa questão. O que de fato acontece é que o termo religião possui uma polissemia, ou seja, uma palavra que tem dois ou mais significados. A polissemia pode ser simétrica ou assimétrica, por exemplo, quando dizemos a palavra cabo eu preciso saber em qual o contexto em que essa palavra é empregada para saber se a palavra cabo remete fio ou à patente militar. Quando a palavra não possui um sentido usual ou dominante no qual o ouvinte precisa do contexto para saber o significado dissemos que é uma polissemia simétrica. Quando utilizamos uma palavra como religião e o ouvinte não precisa de um contexto para entender, pois há um sentido usual que é o de culto, dogma, hierarquia sacerdotal, cerimônias e rituais dissemos que é uma polissemia assimétrica.

Ou seja, Kardec, entendendo que o conceito filosófico de religião pode caracterizar a Doutrina Espírita, considerou prudente afirmar que o Espiritismo não é religião, pois o ouvinte não considerará a variante polissêmica tendo sua interpretação partido do

conceito usual, dominante comprometendo o verdadeiro sentido do que é a Doutrina. Por isso Kardec orientou a afirmação de uma doutrina filosófica e moral.

Não quero aqui esgotar tal discussão, mas apontar o quanto a Doutrina Espírita é ampla em sua visão sobre a religião. Os tempos são outros e novos modelos e visões de mundo surgem para colaborar com o entendimento sobre a religiosidade espírita. Novos paradigmas como o da complexidade discutem a ideia de saberes e conhecimentos intrínsecos e não em disjunção.

Leon Denis (2017) aponta que o Espiritismo será o futuro das religiões, pois resgatará o verdadeiro sentido da religiosidade para além dos dogmas, hierarquias e rituais, mas uma religião baseada na comunhão e em uma fé raciocinada. Sobre essa perspectiva Kardec (2013, p. 365) no livro *A Gênese* destaca

“A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não se apoiar sobre base inabalável. Essa base é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, visto que, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que toda gente pode aceitar e aceitarão: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto; que o mal vem dos homens e não dele, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros. É essa fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.”

O aspecto religioso espírita está cheio os laços de comunhão e a religiosidade no sentido filosófico existente nas práticas espíritas. É importante essa elucidação sobre o tríplice aspecto da Doutrina Espírita para compreendermos que não há uma experiência puramente religiosa, mas sim uma experiência sistêmica que envolve sentimentos, reflexão, moral, razão, pergunta, mudança, transformação, ou seja, uma experiência espírita perpassa por um saber-fazer científico, filosófico e moral.

3.4 O que é mocidade espírita

Sintetizando as definições assinaladas pelas instituições espíritas que organizam e estrutura o funcionamento do movimento espírita brasileiro, a juventude espírita é um agrupamento de jovens, que se congregam no intuito de estudar o Espiritismo e o Evangelho

de Jesus, além de buscar a vivência destes ensinamentos através do desenvolvimento de atividades artísticas, culturais e trabalho espírita-cristão.

Em opúsculo lançado pelo Departamento de Infância e Juventude (DIJ) da Federação Espírita Brasileira (FEB) encontramos a seguinte definição: “Juventude ou Mocidade Espírita é um grupo de jovens, com faixa etária entre 13 e 21 anos, vinculado a uma Instituição que represente o Espiritismo. Tem como objetivos estudar e vivenciar a Doutrina Espírita e participar do Movimento dela decorrente”.

Podemos observar a conceituação do DIJ/FEB que a compreensão que possuem sobre juventude é baseada apenas na perspectiva de fase de vida, homogênea. Essa orientação provoca em algumas mocidades inúmeros conflitos e discussões sobre qual a idade limite para que um(a) jovem permaneça na mocidade espírita.

Partindo dessa orientação, os centros espíritas desconsideram as características e especificidades de cada grupo e de cada jovem, assim, equivocando-se e contradizendo princípios espíritas que apontam para a existência uma individualidade e particularidade de cada espírito.

O agrupamento de jovens espíritas é conhecido como “mocidade”. Bezerra (2013, p. 51) apresenta o objetivo e o funcionamento desse espaçamento:

A “mocidade espírita” é um espaço a que os jovens vão para estudar e discutir assuntos e problemas referentes ao cotidiano juvenil, e seus projetos de vida. Além disso, é u local onde eles adotam papeis e responsabilidades perante projetos de assistência e reintegração social, orientados pelos preceitos espíritas.

No documento de *Orientação para a ação evangelizadora espírita da Juventude*, também encontramos diretrizes para entender quais os objetivos das reuniões de mocidade/juventude espírita:

- Proporcionar o estudo e a vivência da Doutrina Espírita, em seu tríplice aspecto, e dos ensinamentos morais do Evangelho de Jesus, visando à sua aplicação à vida diária e à formação de pessoas de bem;
- Promover e estimular a integração do jovem “consigo mesmo, com o próximo e com Deus”, bem como no conjunto de atividades dos Centros e do Movimento Espírita;
- Oferecer ao jovem a “oportunidade de perceber-se como homem integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do universo, agente de transformação de seu meio, rumo a toda perfeição de que é suscetível”. (FEB/CFN, 2016, p. 31)

Para os jovens, o reconhecimento de ser espírita advém da participação nas mocidades espíritas. Desse modo, o(a) jovem que frequenta esses encontros inicia a sua inserção no movimento juvenil espírita por este núcleo. Vale ressaltar que os encontros de mocidade espírita não são as únicas formas de iniciar no movimento, mas se configura como a mais comum no que tange ao espaço de entrada. Por exemplo, muitos(as) jovens que estão nas mocidades são migrantes das atividades de evangelização infantil que acolhem crianças até os 12 anos. A partir dos 13 anos de idade os(as) jovens são encaminhados(as) às mocidades espíritas.

Os encontros de mocidades consistem em um momento onde jovens se reúnem para o estudo da Doutrina Espírita e do Evangelho. Os encontros em sua grande maioria ocorrem semanalmente nos fins de semanas com uma carga horária de duas horas. Os encontros são cheios de dinâmicas e momentos de confraternização para estreitar e fortalece os laços de amizade, bem como promover um estudo doutrinário e evangélico de forma lúdica e descontraída.

Outros temas também são estudados e discutidos nesses encontros como por exemplo: família, uso de drogas, sexualidade, juventude, política e sociedade. Busca-se nos estudos na mocidade relacionar os temas com o cotidiano dos jovens e das jovens participantes. A maioria dos e das participantes estão entre a faixa etária de 15 a 21 anos.

Como é intrínseco à formação espírita o trabalho no bem e a transformação do ser também é um dos focos das ações das mocidades espíritas. Podemos encontrar ações que estimulam e desenvolvem trabalhos sociais em espaços diversos como abrigo de crianças, idosos e animais, campanhas de arrecadação de alimentos para cestas básicas, campanhas de arrecadação de brinquedos, trabalhos de valorização da vida, conversas fraternas, entre outros.

A mocidade espírita está vinculada à coordenação de infância e juventude de cada instituição espírita configurando o quadro de atividades que compõem os trabalhos de evangelização espírita infanto-juvenil. No movimento espírita, o termo “evangelização” não é utilizado com o sentido de catequização, mas sim no sentido educativo, característica esta, própria do Espiritismo que se configura como uma doutrina de postura eminentemente educativa. Sobre a importância da tarefa evangelizadora na infância e juventude, Teixeira (1997, p. 81) esclarece que:

[...] evangelizar a infância e juventude é um processo eminentemente educativo, não no sentido meramente religioso, catequético, mas sim como um processo dinâmico de interação consciencial, gerando o

autoconhecimento libertador da ignorância, do erro, do medo e da superstição.

Atualmente, os jovens buscam flexibilidade e poder de decidir livremente as práticas religiosas das quais querem aderir. O censo sobre Juventude Brasileira realizado em 2005⁶, aponta que a maioria dos jovens escolhem determinadas religiões por iniciativa própria e não mais por costume ou orientação da família. Os jovens procuram praticas que vão além do culto, ou seja, buscam uma ambiência onde podem desenvolver suas potencialidades a partir de novas construções sobre fé e espiritualidade.

O Espiritismo, mais do que uma religião, no que tange o significado usual da palavra, é uma doutrina filosófica e moral que fomenta a formação e a construção do ser integral e o desenvolvimento das suas multidensões (moral, cognitiva, espiritual, política, social, etc). Desta forma, as atividades desenvolvidas no movimento espírita superam o mero objetivo de “catequização espírita”, gerando, assim, vivências educativas, transcendentais e práticas para aqueles que a compreendem e se engajam em seus propósitos.

3.5 Organização da ação evangelizadora da juventude: princípios, fundamentos e diretrizes

Nos últimos anos os estudos sobre juventude no Brasil têm se intensificado bastante com vistas a compreender e reconhecer seus anseios, sua atuação na sociedade, seu comportamento, suas características sociodemográficas, seus meios de informação, sociabilidade e participação social, seus valores e opiniões manifestados sobre uma série de temas em debate, sua representatividade e mobilizações juvenis, as políticas públicas de juventude e etc.

Além de todos os aspectos já citados, o campo religioso tem sido muito pesquisado no que tange à juventude e sua relação com a espiritualidade e suas práticas religiosas. Em uma atenção inicial para o quantitativo de jovens espíritas no Brasil, observamos os números da pesquisa do IBGE de 2000 em comparação com os números divulgados no último censo de 2010. Vejamos o quadro:

⁶ Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas. Rio de Janeiro: Ibase/Polis, 2005.

Quadro 2 – População jovem espírita no Brasil

JUVENTUDE (12 a 24 ANOS)	2000	2010	DIFERENÇA
População jovem no Brasil (12 a 24 anos)	44.504.434	44.527.932	23.499 (+0,05%)
População jovem espíritas no Brasil (12 a 24 anos)	448.600	623.221	174.621 (+38,93%)

Fonte: Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes.

Observamos com esses números um aumento considerável da juventude que se denomina como espírita no Brasil. Mesmo com um aumento estável da população juvenil geral no Brasil, a juventude espírita teve um aumento de 38,93% em 10 anos. Diante desse quadro, o Departamento de Infância e Juventude da Federação Espírita Brasileira – DIJ/FEB, iniciou uma série de esforços para acolher e atender melhor o crescente número de jovens nos centros espíritas no Brasil.

Uma primeira iniciativa foi um censo realizado entre os anos de 2009 e 2011 para conhecer o perfil da juventude espírita brasileira. Esse censo foi coordenado pela DIJ/FEB e aplicado em parceria com os 26 Estados mais o Distrito Federal.

Em seguida, tiveram várias frentes de trabalhos dois quais podemos destacar os encontros das Comissões Regionais do Conselho Federativo Nacional de 2011 onde as coordenações dos trabalhos de infância e juventude se reúnem a cada ano durante um fim de semana para analisarem, avaliarem organizarem atividades referente a ação evangelizadora a nível estadual, regional e nacional; o VI Encontro Nacional de Diretores de DIJ que aconteceu em Brasília, no ano de 2012, e reuniu diretores e diretoras dos DIJs de todo o Brasil para promover debates, compartilhar experiências exitosas com o objetivo de aperfeiçoar e avançarem nas ações para a juventude espírita; as ações realizadas a nível estadual como os encontros de formação de evangelizadoras(es) e as confraternizações de jovens que tinham em vista a dinamização das atividades com a juventude e com a formação da equipe de trabalho com o/a jovem; O *Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro* (2013 – 2017) e o *Plano de Trabalho para a Área de Infância e Juventude* (2012 – 2017); o VII Encontro Nacional da Área de Infância e Juventude que aconteceu em 2015; e a criação de grupos de estudos, debates e leituras de pesquisas acadêmicas nas áreas da educação, psicologia e desenvolvimento humano.

Todos esses momentos auxiliaram na construção de um documento que orientasse o trabalho com a juventude no movimento. Em 2016, o Conselho Federativo Nacional na FEB

autorizou o lançamento do documento *Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes*⁷. O objetivo deste documento é auxiliar as federativas estaduais e as instituições espíritas no âmbito nacional no desenvolvimento de ações evangelizadoras voltadas para a juventude com mais dinamismo, atendendo a demanda da juventude contemporânea e colocando a juventude com protagonista do processo de evangelização.

A construção do documento “*Orientação à Ação Evangelizadora Espírita da Juventude: Subsídios e Diretrizes*” objetiva oferecer ao Movimento Espírita Brasileiro sugestões para potencializar as ações espíritas com a Juventude, favorecendo o estudo da Doutrina Espírita e a efetiva participação e integração dos jovens nas atividades do Centro Espírita. Nessa perspectiva, a organização do presente documento contempla a identificação de espaços de ação que consideram a visão do jovem na atualidade, dialogando com seus contextos, bem como o compartilhamento das experiências desenvolvidas pelos Estados brasileiros, que evidenciam o protagonismo juvenil e servem de base e inspiração para a organização contínua de ações, projetos e programas com o público jovem. (DIJ/FEB, 2016, p. 21)

O documento define que a ação evangelizadora, seja com a infância ou juventude, deve promover o estudo e a prática da Doutrina Espírita, bem como a sua difusão. Mas o objetivo não deve se resumir a uma catequese espírita, mas a formação de homens e mulheres de bem. Esse objetivo se encontra como princípio da própria Doutrina Espírita que tem em sua essência um caráter pedagógico. Veja o que Kardec (2004, p. 514) apresenta em O Livro dos Espíritos sobre essa questão:

Louváveis esforços indubitavelmente se empregam para fazer que a Humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época. Entretanto, o egoísmo, verme roedor, continua a ser a chaga social. É um mal real, que se alastra por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Cumpre, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal. [...] Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. [...] Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se

⁷ Vale lembrar que em paralelo a todo trabalho voltado para a juventude a DIJ/FEB também organizou o documento *Orientação para a ação evangelizadora espírita da infância: subsídios e diretrizes* com o mesmo objetivo, mas com as especificidades da área da infância. Os dois foram lançados no mesmo ano.

há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos.

O processo de educação do ser, na visão espírita, passa por um entendimento que esse ser não é só formado por racionalidade, mas por sentimentos, espiritualidade e moralidade. É um ser que possui historicidade e potencial crítico para fazer e refazer a sua trajetória, refletir sobre suas ações e mudar a si a sociedade no qual está inserido. Na Doutrina Espírita o processo de formação humana encontra alicerce também na máxima cristã “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, assim, as reuniões de juventude espírita tem como objetivo:

- Proporcionar o estudo e a vivência da Doutrina Espírita, em seu tríplice aspecto, e dos ensinamentos morais do Evangelho de Jesus, visando sua aplicação à vida diária e à formação de pessoas de bem.
- Promover e estimular a integração do jovem “consigo mesmo, com o próximo e com Deus”, bem como no conjunto de atividades dos Centros e do Movimento Espíritas;
- Oferecer ao jovem a “oportunidade de perceber-se como homem integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo, agente de transformação de seu meio, rumo a toda perfeição de que é suscetível” (CFN/FEB, 2016, p. 31)

Visando alcançar esses objetivos, a ação evangelizadora para a juventude se sustenta em três eixos que auxiliam na organização da tarefa: conhecimento doutrinário (fé raciocinada), aprimoramento moral (vivência do amor) e transformação social (trabalho no bem).

Sobre o eixo **conhecimento doutrinário** o documento ressalta a importância de as atividades evangelizadoras para a juventude serem pautadas para o desenvolvimento da fé raciocinada. Esclarecer-se com os princípios e fundamentos espíritas seria ter condições de exercer uma fé pautada na razão, longe do fanatismo e do dogmatismo religioso. A compressão da essência espiritual dos seres, suas relações com o divino, bem como o conhecimento sobre temas como a morte, causas das aflições, os males sociais, são objetos de estudo na Doutrina Espírita e sempre discutidos em diálogos com outras áreas do conhecimento.

Sustentado pelo conhecimento doutrinário, o estudante do Espiritismo estimula sua criticidade e a sua busca pelo conhecer, mas em um processo que caminha lado a lado com o aprimoramento moral. Há no seio espírita, uma liberdade para o livre pensar, para o questionamento constante na busca de um discernimento mais sublimado e amoroso.

Ao codificar a Doutrina Espírita, o pedagogo Allan Kardec a organiza como uma ciência que tem por objetivo o estudo da natureza, origem e destino dos espíritos e suas relações com o mundo material. Nesse caminhar, Kardec se respalda de toda uma rigorosidade metodológica para dar respaldo científico para suas descobertas. Utiliza-se de procedimentos científicos que superam o paradigma metodológico do século XIX que não mais atendiam as demandas e nem davam conta de estudar com maior amplitude a subjetividade, pois ainda estavam amarrados aos grilhões da materialidade, da daquilo que podia ser medido, pesado, quantificado.

No que tange o **aprimoramento moral**, está se demonstra no esforço de evoluir, corrigir os erros, aperfeiçoar-se como ser em constante desenvolvimento. Kardec (2004) chama atenção para a urgência da educação moral para o desenvolvimento pleno dos seres. Em um exemplo simples podemos comprar o caminha evolutivo dos seres observando um pássaro que quer voar. O pássaro não voa apenas com uma asa ele precisa das duas para alçar voo. O voo para evolução humana se dar da mesma forma, mas ao invés de usarmos asas utilizamos a inteligência e a moral. Como o pássaro que não voa apenas com uma asa não evoluímos apenas com a inteligência desenvolvida precisamos de ambas em perfeita harmonia para evoluirmos.

É assim que a Doutrina Espírita propõe o desenvolvimento intelectual ao lado do aperfeiçoamento moral. É necessário que eu saiba de forma racional o porque de amar, de ser caridoso, de ter paciência e tolerância para com o próximo. Deste modo, posso ter uma postura mais racional e responsável diante das minhas ações e escolhas, não querendo fazer o bem por coerção ou medo de uma ameaça ou castigo de um Deus punitivo.

Vejamos o Denis (2005 p. 245) esclarece sobre a importância de formar caracteres, ou seja, desenvolver o campo moral

Não basta desenvolver as inteligências, é necessário formar caracteres, fortalecer as almas e as consciências. Os conhecimentos devem ser completados por noções que esclareçam o futuro e indiquem o destino do ser. Para renovar uma sociedade, são necessários homens novos e melhores

Vinicius (2015, p. 93) aponta para a necessidade do surgimento de um Homem novo que entrelaça a amorosidade genuína com a razão e que esse despertar só pode ser dada com uma nova forma de educar, um modelo que supere os paradigmas atuais

A Humanidade precisa ser reformada. Do interior do homem velho cumpre tirar o homem novo, a nova mentalidade cujo objetivo será desenvolver o

amor na razão direta do combate às multiformes modalidades em que o egoísmo se desdobra. A renovação do caráter depende da renovação dos métodos e processos educativos.

Sobre a **transformação social** está embutido a compreensão de que esse ser que se desenvolve intelectualmente e moralmente deve agir de forma efetiva no mundo em que vive. A busca de regenerar, reconstruir e renovar o mundo ao seu redor é essencial para os seres que almejam esse pleno desenvolvimento de si. Esse eixo de orientação a ação evangelizadora objetiva tornar todo os ensinamentos e sensações apreendidas no transcurso do conhecimento do “saber espírita” em concretude na vida do jovem e da jovem. A máxima espírita “Fora da caridade não há salvação” é compreendida em sua essência e exercitada. Não a caridade material de dar esmola, mas a caridade do perdão e da paciência, a caridade da compaixão pela dor do outro, a caridade que escuta e acolhe as diferenças, a caridade que nos move na luta pelo bem social, a caridade que garante os direitos humanos, a caridade que pacifica e gera amorosidade no mundo.

Na atualidade está muito evidente em nossa sociedade a divisão, a disputa, a manipulação e a opressão das minorias. O Espiritismo destaca que no processo de formação de si os seres devem se conjurar em um pensamento de fraternidade e cooperatividade, para assim, ter uma vida social mais justa e amorosa. Kardec (2004) destaca que

“[...] esta [melhoria moral] conduzirá à prática da caridade, e da caridade nascerá o sentimento de fraternidade. Quando os homens estiverem imbuídos dessas ideias, a elas conformarão suas instituições, e será assim que realizarão, naturalmente e sem abalos, todas as reformas desejáveis. É a base sobre a qual assentarão o edifício do futuro. Essa transformação é inevitável, porque está conforme a lei do progresso [...].”

Diante dos eixos expostos acima, há de se destacar o caráter formativo, educativo da Doutrina Espírita. Essas orientações para a organização da ação evangelizadora para as juventudes espírita são exaustivamente trabalhadas nas formações dos evangelizadoras(es) de juventude para que, bem compreendido, a ação evangelizadora possa estimular a juventude a adentrar em um processo de (re)forma íntima e que essa atitude reverbere em seu contexto histórico-cultural.

Além dos eixos que estruturam a tarefa evangelizadora, o documento de *Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes*, traz também em seu corpo diretrizes nacionais das ações da juventude, onde estas são orientadas por quatro princípios norteadores.

O primeiro é a **concepção que o jovem e a jovem é um espírito imortal**, com toda uma experiência pretérita e de potencialidade a serem desenvolvidas. Essa ideia é difundida em várias crenças orientais e ocidentais, mas apenas a Doutrina Espírita se debruça sobre o estudo e a comprovação da imortalidade da alma. Segundo o Espiritismo, a imortalidade da alma é comprovada pelas comunicações espíritas e pelas provas matéricas como as aparições e manifestações visuais, ambas as provas tem origem em pesquisas e em observações frequentes e autênticas. Crer no jovem e na jovem como espírito imortal é desconsiderar a possibilidade de serem “lousas em branco”, recipientes vazios que devem ser preenchidos. O Espiritismo, em seu processo formativo considera todos os saberes pré-existentes no Ser, seja esse saber fruto de vidas passadas ou fruto de sua construção socio-histórica.

O segundo princípio é o **reconhecimento da abrangência da ação evangelizadora** para além dos encontros da juventude no centro espírita. Os espaços para efetivação da ação evangelizadora devem ser o do estudo doutrinário, da vivência do evangelho, da convivência familiar, da confraternização entre jovens, da vivência e ação social e da integração com outras mocidades e atividades do movimento espírita em geral.

Em terceiro está o princípio da **contextualização** das ações e temas abordados nos estudos nos centros espíritas. A Doutrina Espírita tem ensinamentos e práticas que devem ser desenvolvidos para a vida e não ser uma doutrina de cabine que se resume apenas a leitura de livros. Ela deve dialogar com o cotidiano da juventude e com suas demandas, seus contextos familiares e sociais.

Também deve considerar o contexto da instituição espírita e a comunidade no qual está inserida. Daí tiramos o posicionamento que o currículo de estudos e atividades não pode ser o mesmo, pois em respeito a essas culturas diferentes os temas e ações devem dialogar e considerar o contexto próprio da instituição espírita. As diretrizes são as mesmas e com elas as instituições espíritas devem trabalhar com unicidade, mas as especificidades de cada campo já citado acima devem ser consideradas na organização da ação evangelizadora.

A **formação integral** é o quarto princípio que norteia as diretrizes da ação evangelizadora para a juventude espírita. Este princípio também é responsável por definir os eixos de trabalho já apresentados aqui: conhecimento doutrinário, aprimoramento moral e transformação social. Esses eixos estruturantes compõem uma tríade de educação pautada na formação, desenvolvimento da razão, sentimento e na práxis onde reverbera para a sociedade como ação concreta.

Por último, o documento destaca o princípio de **integração** entre os setores que estão envolvidos com a ação evangelizadora: a família, o centro espírita e o movimento espírita. A articulação de ações desenvolvidas nos centros espíritas, bem como o compartilhamento de experiências ajudam a fortalecer as atividades e as reflexões sobre o trabalho.

Esses princípios norteadores são sugeridos para servirem de base para as seguintes diretrizes:

DIRETRIZ 1 – AÇÃO DO JOVEM ESPÍRITA

Objetivo

- Possibilitar aos jovens momentos de estudo, aprendizado, ação, integração, troca de experiências e vivências, proporcionando espaço para o protagonismo juvenil na Juventude/Mocidade Espírita, no Centro Espírita, no Movimento Espírita e na sociedade.

DIRETRIZ 2 – FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DA JUVENTUDE/MOCIDADE ESPÍRITA

Objetivos

- Promover formação inicial e continuada aos trabalhadores da Juventude/Mocidade Espírita;
- Identificar os potenciais trabalhadores e as lideranças juvenis e capacitá-las para assumirem atribuições e responsabilidades na Juventude/Mocidade Espírita, no Centro e no Movimento Espíritas.

DIRETRIZ 3 – ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA JUVENTUDE/MOCIDADE ESPÍRITA

Objetivo

- Estruturar ordenadamente a gestão e as atividades da Juventude/Mocidade Espírita, primando pelos objetivos da tarefa e considerando a efetiva participação e engajamento dos jovens na concepção, no planejamento, na realização e na avaliação das ações.

O documento *Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes*, surge para potencializar e melhorar as ações voltadas para a juventude espírita em âmbito nacional. Não se apresenta como um documento que engessa e define coercivamente quais atividades e temas devem ser abordados com a juventude, mas se coloca como orientador para que as ações no movimento de juventude espírita possam ser unificadas com os princípios espíritas e evangélicos, respeitando as especificidades de cada região do país, independente da instituição espírita ser filiada à Federação Espírita Brasileira ou não.

3.6 Do plantio à colheita: trajetória das mocidades espíritas no Ceará

O movimento de juventude espírita no Estado do Ceará tem poucos registros históricos sobre sua trajetória, situação que dificulta as gerações novas conhecerem seus personagens e o grandioso trabalho que desenvolveram para preparar a terra fértil para a seara

evangelizadora. O que temos de registros das primeiras décadas de atividades das mocidades, são fotos e uma linha histórica organizada a partir de ações registrada em atas da União das Sociedades Espíritas do Estado do Ceará. Para este trabalho resolvi iniciar um esforço de registro das narrativas de homens e mulheres que à época eram jovens que coordenaram e participaram de tais atividades. Sobre as primeiras décadas de atividade tenho como referência à narrativa emocionada e vibrante do senhor Milton Borges dos Santos que foi um dos coordenadores da primeira mocidade espírita aqui no Estado do Ceará.

Cheguei até a pessoa do senhor Milton Borges através da indicação do atual presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará, o senhor Luciano Klein Filho. Marcamos um encontro para fazer a entrevista fotonarrativa. Ao chegar em sua residência o senhor Milton Borges me recebeu com grades esmero e felicidade, me encaminhando para seu escritório onde guardava grande acervo de sua trajetória no movimento espírita.

Conversei com ele sobre a pesquisa que estava desenvolvendo e expliquei como seria a entrevista. De pronto, ele disponibilizou o seu acervo de documentos e fotos para que eu pudesse conhecer e escolher as fotos que iria utilizar na entrevista fotonarrativa. Seu acervo estava muito bem organizado e os álbuns de fotografias estavam dispostos por ano. Escolhi algumas fotos e começamos a entrevista.

Apresentei uma foto e inicialmente o senhor Milton rememorava aqueles momentos e descrevia as ações e organização do movimento de juventude. Era um exercício muito amplo que ia além do ato de rememorar, pois junto com este estabelecíamos um movimento de reinterpretação do vivido e reflexivo gerando novas interpretações e conclusões. Essa atividade produziu uma narrativa que serviu de referência para o registro histórico e análise dos fatos sobre os primeiros anos dos agrupamentos de mocidades espíritas no Ceará. De posse dessa narrativa, organizei o histórico das mocidades expostos neste tópico.

Antes de iniciar esse histórico faz-se necessário falar de um grande trabalhador⁸ do movimento espírita que teve influência na fundação desta mocidade aqui no Estado, trata-se de Leopoldo Machado. Este espírita incansável teve uma atuação na organização e fundação da Federação Espírita Brasileira, na unificação de instituições espíritas em todo Brasil e na criação de diversas mocidades espíritas no Brasil.

⁸ Trabalhador(a) espírita é o(a) adepto(a) da Doutrina Espírita que se voluntaria para a execução de atividades dentro do movimento espírita. Nesse contexto, o(a) trabalhador(a) realiza atividades que podem ser de gestão do centro espírita, coordenação de estudos evangélicos e dos princípios e fundamentos da Doutrina Espírita, ações sociais, atividades de evangelização infanto-juvenil, divulgação, etc.

Sua atenção para esse trabalho deu-se por um fato que aconteceu com ele, quando a caminho da Federação Espírita Brasileira que na época tinha sede na cidade do Rio de Janeiro, avistou um jovem alcoolizado na praça de Nova Iguaçu sendo alvo de chacotas e brigas. Nesse momento compadeceu com aquela situação e refletiu sobre a situação dos jovens inclusive os filhos de espíritas. Nesse período, o movimento espírita era essencialmente formado por adultos e não havia nenhuma atividade específica com a juventude. Já existiam em alguns centros espíritas com as escolas de catecismo espírita com atividades voltadas para crianças. Diante desse quadro, Leopoldo Machado em parceria com outros trabalhadores do movimento investiu esforços na fundação de mocidades espíritas.

A primeira mocidade espírita criada por Leopoldo Machado foi no Rio de Janeiro, na década de 1930, no Centro Espírita Amaral Ornelas. A segunda, em Nova Iguaçu, no Centro Espírita Fé, esperança e Caridade, dirigida por Leopoldo. E a terceira, em Três Rios, também no Rio de Janeiro, no Grupo Espírita Fé e Esperança, coordenada por Ramiro Gama.

Aqui no Ceará a primeira agremiação de jovens espíritas foi fundada em 11 de junho de 1944 por Manuel Coelho da Silva com o nome de União da Juventude. Este grupo tinha como proposta o estudo da moral cristã na Confederação Espírita Cearense, tendo por finalidade fomentar a educação da juventude espírita cearense, dentro dos princípios cristãos.

No dia 31 de março de 1948, José Borges funda a Mocidade Espírita Cearense na Confederação Espírita Cearense⁹, primeiro núcleo de juventude no Estado do Ceará. Theodorico Barroso é escolhido para ser o primeiro mentor da Mocidade Espírita Cearense. O mentor era o que conhecemos hoje como coordenador, monitor, evangelizador da mocidade espírita.

Após quatro meses, nos dias 18 a 25 de julho acontece na cidade do Rio de Janeiro o I Congresso das Mocidades Espíritas do Brasil e a Mocidade Espírita Cearense mandou um representante para o evento, o escritor e poeta Clóvis Ramos. O evento reuniu cerca de 600 jovens de todo o Brasil e fomentou o estudo do Espiritismo e a difusão da Doutrina por todo o país. Desse encontro foi instituído o Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil que ao lado da União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal figuravam os dois órgãos de representação federativa do movimento espírita juvenil a nível nacional.

⁹ A Confederação Espírita Cearense fica no mesmo prédio Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres – GEAP. O presidente do GEAP era o mesmo presidente da Confederação. O GEAP atuava a nível local enquanto a Confederação atuava em nível estadual.

A partir do ano de 1949 Milton Borges assume a coordenação da Mocidade Espírita Cearense e motivados pelo congresso nacional começam a incentivar a criação de outras mocidades no Ceará. Esse entusiasmo se fortaleceu quando Leopoldo Machado grande entusiasta do movimento de juventude espírita passa pelo Ceará a época da Caravana da Fraternidade¹⁰.

Figura 1 - Caravana da Fraternidade em Fortaleza. A esquerda Maurício Holanda, no centro Leopoldo Machado e na direita José Borges dos Santos



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges

A década de 50 foi um período de grandes atividades na área da juventude espírita, onde este setor se consolidou e fez no movimento espírita cearense. Em 1954 é fundado o Departamento de Infância e Juventude da União Espírita Cearense este órgão foi

¹⁰ Durante o ano de 1950: é desenvolvido o trabalho da “Caravana da Fraternidade” que teve por finalidade divulgar os objetivos da unificação e colher adesões de onze Estados do Norte e do Nordeste ao “Pacto Áureo”. Os caravaneiros Artur Lins de Vasconcelos, Ary Casadio, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli e Leopoldo Machado realizaram as visitas e contatos e levaram orientações sobre a divulgação do Espiritismo, estímulo às obras de assistência social e de ambientação doutrinária aos lares. Ao final, alguns “caravaneiros” visitaram Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, no dia 11 de dezembro de 1950. (ver histórico da FEB em <https://www.febnet.org.br/blog/geral/movimento-espirita/historico-4/>)

imprescindível para a organização e unificação das mocidades no Estado que a época se concentrava mais na capital cearense.

Figura 2 - Criação do Departamento de Juventude em 1954



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

Além do trabalho de fomentar a criação de mocidades e unificar as ações, a coordenação do Departamento de Infância e Juventude da UEC organizou nos dias 22, 23 e 24 de julho de 1955, em Fortaleza, a III Confraternização de Mocidades Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil. Estiveram presentes representantes de mocidades dessas regiões e também do Sudeste. Toda a Mocidade Espírita Cearense ajudou na realização da programação que contava com palestras e trabalhos sociais.

Figura 3 - Comissão organizadora do III Confraternização de Mocidades Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil em 1955



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

Figura 4 - Mesa de encerramento da III Confraternização de Mocidades Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil em 1955



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

Figura 5 - Vista parcial do público da III Confraternização de Mocidades Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil em 1955.



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

Entusiasmados pelo evento que reuniu representantes de juventudes espíritas de vários Estados, o DIJ/UEC organizou no ano de 1956 a I Confraternização de Mocidades Espíritas do Ceará sob a promoção do GEAP. Foi importante para observar o quantitativo de mocidades, avaliar as ações e entusiasmar mais ainda a juventude para o trabalho social que era um foco muito forte naquele momento histórico. Neste encontro estavam presentes as seguintes mocidades espíritas: Mocidade Espírita Auxiliadores dos Pobres, Mocidade Espírita Antônio de Pádua, Mocidade Espírita Jesus Nazareno, Mocidade Espírita Viana de Carvalho, Mocidade Espírita Semeadores do Bem, Mocidade Espírita Francisco de Assis e Mocidade Espírita Aurora Redentora.

Figura 6 – I Confraternização de Juventudes Espíritas do Ceará em 1956



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

Figura 7 – I Confraternização de Juventudes Espíritas do Ceará em 1956



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

Segundo o senhor Milton Borges, em entrevista realizada para esta pesquisa, as atividades realizadas pelas mocidades em seu cotidiano eram na sua grande maioria voltadas para trabalhos de assistência social. Havia as Campanhas do Quilo onde a juventude saía pelas ruas de Fortaleza e pediam de porta em porta alimentos para a formação de cestas básicas para o grupo de idosos frequentadores dos centros espíritas. A Campanha do Livro Espírita onde distribuíam semanalmente livros espíritas para frequentadores dos centros espíritas e pessoas das ruas. Visitavam outros centros espíritas como se fosse uma caravana para a realização de tarde e noites fraternas e ações que seu Milton chamou de leilão onde arrecadavam recursos financeiros para ajudar na manutenção de centros espíritas mais pobres. Também realizavam visita aos doentes nos antigos leprosários e nas casas de amigos e amigas que por algum motivo se ausentava das atividades da mocidade ou do centro espírita.

Outras atividades eram os recitais lítero-musicais e as peças teatrais. No que tange ao estudo da Doutrina Espírita, Seu Milton Borges descreveu que haviam estudos do Evangelho, do O Livro dos Espíritos e do Livro dos Médiuns. Os jovens estudavam temas específicos e apresentavam como palestras para outras pessoas que frequentavam os centros espíritas. Também havia uma espécie de sabatina onde o “mentor”, que era o coordenador da mocidade, realizava perguntas sobre o Espiritismo que eles deveriam responder.

Figura 8 – Campanha do Quilo.



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

Figura 9 - Assistência aos idosos com cestas básicas.



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Milton Borges.

A partir de 1960 o esforço do departamento de juventude foi expandir a criação de mocidades para o interior do Estado. A fundação desses núcleos foi fomentada através da realização dos encontros de jovens em cidades do interior e não apenas na capital. Assim foram criados núcleos em Camocim, Quixadá e Aracati.

Com o passar dos anos houve o aumento considerável de mocidades espíritas em todo Estado. Atividades sociais e artísticas mantinham os grupos sempre no trabalho evangélico e de divulgação da Doutrina Espírita. No ano de 1979, jovens do Centro Espírita João, o Evangelista – CEJE resolveram comemorar as festas natalinas de um modo diferente: realizando trabalhos de assistência a pessoas em situação de rua do centro de Fortaleza. Este trabalho ganhou o nome de Caravana da Fraternidade e conseguiu agregar mais do que a mocidade da época, mas muitos trabalhadores espíritas e pessoas que se compadeciam com a causa. Levando músicas, roupas, alimentos, brinquedos e mensagens edificantes, a Caravana da Fraternidade acontece até hoje no dia 24 de dezembro na Praça da Justiça Federal no centro de Fortaleza sob a coordenação do CEJE. Tornou-se também, um momento de confraternização natalina para o movimento espírita reunindo cerca de 500 a 600 pessoas a cada ano.

Nos anos 70 e 80 as ações voltadas para a artes fez surgir diversos grupos de música e teatro. Entre os anos de 1977 e 1979 temos a atuação do Coral Vinde a Mim, o Grupo Musical Somos 7 em 1981, o Grupo Cantares em 1985. O ano de 1989, foi muito especial, pois das mocidades espíritas surgiram os dois dos principais grupos de arte espírita do Ceará que são referência até hoje: Grupo Arte e música Espírita – Grupo AME e o Grupo de Teatro Leopoldo Machado – Grupo LEMA.

Grupo Arte e música Espírita mais conhecido como Grupo AME é o grupo musical em atividade mais antigo do Brasil. O AME surge em 1989 na mocidade espírita Joanna de Ângelis na Federação Espírita do Estado do Ceará e inicialmente é formado por jovens participantes desta mocidade. O grupo surge a partir de evento realizado pela própria mocidade chamado de I Arte e Música Espírita de Fortaleza onde abria espaços para grupos musicais se apresentarem. Em 1990 um K7 com o título de Sementes do Amor e em 1993 lança o Semente do Amor II em formato de LP, sendo este, o primeiro do Brasil dentro do segmento espírita. De 89 até hoje o Grupo AME continua com shows e apresentações no movimento espírita e fora dele também e matem um trabalho que já conta com 6 CDs lançados.

O Grupo LEMA surge na mocidade do Centro Espírita João, o Evangelista também no ano de 1989 com o objetivo de dinamizar as atividades do centro sobretudo a juventude com peças bem-humoradas e de linguagem simples e diretas. Além disso, tinha a intensão de colaborar com as atividades sociais do centro espírita difundindo os princípios e os fundamentos espíritas. Sua primeira peça, *“Tudo que você gostaria de saber sobre mediunidade e não teve coragem de perguntar”*, foi um sucesso gigantesco de público e crítica sendo pedida até hoje. Com o passar dos anos o grupo se profissionalizou e aperfeiçoou suas técnicas de teatro montando espetáculos que são referências na arte espírita nacional. Como o Grupo AME, o LEMA mantém suas atividades até os dias de hoje.

Os anos 90 foi uma década de consolidação desses grupos de trabalhos e que através de suas ações motivaram outras mocidades na criação de grupos artísticos. Um momento importante foi o Momento de Arte Espírita – MOARTES, um festival cujo objetivo era fomentar novos talentos na música e no teatro espírita.

Nos anos 2000 as mocidades voltam a se reunir em grandes eventos. Surge o Encontro das Mocidades Espíritas do Ceará – EMECE que acontece até os dias de hoje durante o carnaval e reúne jovens de mocidades espíritas da capital e interior do Estado. Outra atividade foi o Momento de Arte Juvenil Espírita – MOARJE que surge na mocidade Espírita Paulo e Estevão com o intuito de manter um espaço onde as mocidades pudessem

apresentar músicas, peças teatrais, poesia, artes plásticas e etc. Este evento foi e ainda é um celeiro de artísticos, pois muitas mocidades se engajam na construção artística para o evento e acabam estendendo para além do evento. É o caso do Grupo de Teatro Arte em Cena que existiu até o ano de 2016 e a banda Cantar é Viver que até hoje mantem suas atividades artísticas.

Em 2012 surge o Acampamento de Mocidades Espíritas do Ceará – ACAMPAME que fortalece as ações artísticas no movimento de juventude, mas resgata os trabalhos sociais que foram atividades “carro chefes” das primeiras mocidades. A cada acampamento uma cidade do interior era escolhida como sede do evento e durante um fim de semana os jovens e as jovens participantes estudavam temas dos fundamentos doutrinários do Espiritismo e o evangelho, além de realizarem ações sociais nas comunidades como entrega de cestas básicas, atividades lúdicas com as crianças, orientações para os pais, etc.

Essas são algumas atividades que destaco aqui neste trabalho, mas há diversas ações realizadas no seio dos centros espíritas e é aí que gostaria de provocar uma reflexão. A juventude espírita no estado do Ceará tem sido muito atuante na sua história, mas em um dado momento nos últimos 10 anos ações acabaram se restringindo as quatro paredes dos centros espíritas.

O poder de unificação das ações e de mobilização juvenil diminui bastante nesse período. Houve uma queda considerável no quantitativo de jovens que participam, por exemplo, do EMECE. Enquanto que no início dos anos 2000 tínhamos um quantitativo de 500 jovens por edição, hoje não passa de 120, 150 por edição. Apesar do crescimento de 38,93% de jovens espíritas em âmbito nacional¹¹, observamos no Ceará, uma diminuição da participação juvenil no movimento espírita e conseqüentemente uma evasão das mocidades. Fica então o questionamento: Onde estão esses jovens? Por que o engajamento tem enfraquecido aqui no Ceará?

Ao pesquisar as mocidades que estavam presentes nessa “época de ouro” percebemos que hoje muitas delas não existem mais. Acabaram por conta da evasão, falta de continuidade do trabalho e do fechamento do grupo em si, não participando mais das atividades coletivas realizadas pela CIJ/FEEC e por outras instituições espíritas. Esse último aspecto é muito comum na postura de coordenadoras(es) que não querendo se engajar em ações além do seu centro espírita ou por discordância na condução de ações, não se envolvem

¹¹ Ver os dados do IBGE entre os anos 2000 e 2010.

e nem estimulam seus grupos de juventudes a participarem mais proativamente do movimento de juventude espírita no Estado.

Além disso, as demandas da juventude atual têm mudado significativamente. A lógica das ações para a juventude passa de fazer ações para os jovens para fazer ações com o jovem. Tive a minha trajetória espírita toda durante esse período que começa nos anos 2000 e muito dos que coordenam as mocidades nos centros espíritas e nas coordenações federativas tem realizado atividades que não acompanham as demandas atuais da juventude, mantendo uma postura didática de 30, 40 anos atrás.

Muito se tem investido para melhorar esse quadro, diminuir a evasão das mocidades espíritas. Isso passa pela formação de evangelizadoras(es) de modo inicial e continuado, além de ações para fortalecer o movimento juvenil espírita envolvendo gestores dos centros espíritas, equipe de evangelização e a juventude.

3.7 Organização e ações do movimento juvenil espírita cearense

O movimento de juventude espírita no Ceará tem desenvolvido uma série de atividades fruto da parceria entre a Coordenação de Infância e Juventude da Federação Espírita do Estado do Ceará – CIJ/FEEC, os centros espíritas e o Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará – COMECE.

No Estado as atividades são coordenadas pela equipe CIJ/FEEC que tem como objetivo de estimular as ações na área de evangelização infanto-juvenil. A CIJ/FEEC não tem caráter fiscalizador das atividades espíritas e nem a única que coordena tais ações. Além de promover atividades para infância e juventude a CIJ/FEEC também organiza as formações para evangelizadoras(es) durante todo o ano com a intenção de aperfeiçoar a prática evangelizadora e gerar processos de conscientização entre os(as) trabalhadoras(es) na área de evangelização, bem como os dirigentes dos centros espíritas do Estado.

A CIJ/FEEC conta atualmente com apenas quatro pessoas em sua equipe administrativa para realizar um trabalho hercúleo em todo o Estado Ceará. Muito embora na realização de eventos e formações a CIJ/FEEC conta com uma série de trabalhadoras(es) que se organizam e auxiliam na coordenação e execução das ações. Das ações voltadas para a juventude que são realizadas e coordenadas pela CIJ/FEEC destacamos as seguintes: Encontro de Mocidades Espíritas dos Estado do Ceará – EMECE, Arraia do Cumpade EMECE e o Congresso de Juventude Espírita do Estado do Ceará.

O Encontro de Mocidades Espíritas dos Estado do Ceará – EMECE é um evento que tem 21 anos e foi inspirado no Encontro de Mocidades Espíritas do Piauí e de outros Estados. Desde sua primeira edição contou com um grande quantitativo de jovens e trabalhadores(as) voluntários(as). É um evento que visa a integração entre os jovens e o coletivo de mocidades, tendo em vista o desenvolvimento de ações que estimulem o estudo da Doutrina Espírita e sua aplicação, além de proporcionar a unidade do movimento espírita juvenil. Nesse encontro, possibilita-se a reflexão sobre questões de interesse da juventude à luz da Doutrina Espírita; promovem-se atividades desafiadoras, aliando pensamento, sentimento e ação; valoriza-se a arte e o movimento como forma de expressão.

Figura 10 – Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará 2019.



Fonte: Acervo CIJ/FEEC



Fonte: Acervo CIJ/FEEC

É também um espaço para o compartilhamento de experiências entre os jovens e as jovens; para a apresentação das atividades e projetos realizados pela juventude nas casas espíritas. É uma atividade que procura favorecer o protagonismo juvenil, incentivando a formação de lideranças no movimento espírita do Estado do Ceará.

O EMECE é realizado uma vez por ano, no período do carnaval e conta com uma estrutura segura onde os jovens podem aprender e construir caminhos saudáveis para seu desenvolvimento moral. Tem como principal objetivo integrar as mocidades espíritas do estado do Ceará, fortalecendo o estudo e a prática dos princípios da Doutrina Espírita e do Evangelho, tendo em vista a evolução integral do jovem e da jovem participante.

Além disso, propõe em potencializar o estudo da Doutrina Espírita e do Evangelho entre os jovens, compartilhando saberes e vivências, de forma atual e próxima do cotidiano juvenil; Abrir espaço para a exposição de atividades e projetos desenvolvidos pelos jovens; Destacar a arte como instrumento de educação do espírito; e estimular a autonomia do movimento de juventude espírita do Ceará.

O EMECE tem a duração de quatro dias, no período do carnaval, tendo início no sábado à tarde e concluindo suas atividades na teça pela manhã. Em geral, é realizado em local fechado (escola, pousada, etc.), visando garantir a segurança dos participantes. Para este evento, conta-se com a colaboração de um número considerável de trabalhadores, distribuídos em equipes de: recepção, secretaria, manutenção, cozinha, anjos, que ajudam no controle dos jovens nos momentos coletivos e livres, pedagógica e vibração.

O evento é organizado considerando momentos coletivos com os jovens, tanto em pequenos grupos como considerando todo o público, nas quais são planejadas atividades de estudo, oficinas, roda de conversas, debates, apresentação artística, entre outras, conforme o tema escolhido. Há também, momentos livres com objetivo de se observar as atitudes espontâneas dos jovens e promover o descanso.

Também tem o Emecinho que acontece simultaneamente ao encontro dos jovens e destina-se a acolher os filhos menores dos trabalhadores(as) voluntários(as) do EMECE. Tanto o EMECE destinado aos jovens, como o Emecinho para as crianças menores de 12 anos, seguem a estrutura e o tema do Encontro de Mocidades, adequando as atividades ao público aos quais se destinam.

Ao final do EMECE, há um momento de interação entre o público juvenil e infantil, com amostras das atividades desenvolvidas nestes dias, visando a ampliação da visão infantil sobre o movimento espírita juvenil, fortalecendo laços afetivos e criando uma cultura espírita.

Outra atividade é o Arraial do Cumpade EMECE que acontece anualmente no período das festas juninas. Tem como objetivo promover a confraternização entre a juventude espírita do Ceará através da festividade. O evento surgiu com a proposta de angariar fundos financeiros para auxiliar nos custos do EMECE. O evento é organizado e realizado pela CIJ/ em parceria com as mocidades onde cada mocidade fica com uma barraca da festa e a CIJ/FEEC também.

Figura 11 – Arraia do Cumpade EMECE 2019



Fonte: Acervo CIJ/FEEC



Fonte: Acervo CIJ/FEEC

Toda a renda arrecada com as barracas fica com a própria mocidade auxiliando nos custos que as mocidades tem para a inscrição de alguns eventos ou para realizar atividades dentro de seu próprio centro espírita. A CIJ/FEEC destina a renda para auxiliar nas despesas do EMECE e dos eventos de formação de evangelizadoras(es).

O Congresso da Juventude Espírita do Ceará – CONJECE é outro evento que é organizado pela CIJ/FEEC e acontece em paralelo ao Congresso Espírita do Ceará – CONECE sempre no segundo semestre de cada ano. A dinâmica do CONJECE tem se resumido a palestras com os palestrantes que vem ao CONECE e que expandem sua participação também para atender ao público jovem. Com o passar dos anos, esse formato foi problematizado pela atual equipe da CIJ/FEEC por entender que não atendia as demandas da juventude e que era um formato cansativo e pouco atraente para o público alvo.

O evento teve a sua edição no ano de 2016 e desde então a equipe pedagógica avaliava que formato dialogava melhor com a juventude e, para isso, tomou algumas iniciativas como: o diálogo com as juventudes dos centros espíritas para saber quais suas demandas e como gostariam que o evento fosse organizado; participando e compartilhando experiências com outros Estados a fim de avaliar modelos e ver ações exitosas nesse campo de atuação; estudando novas metodologias e formatos.

Depois desse trabalho o evento volta no ano de 2019, mas apenas em 1 dia de evento para que o novo modelo possa ser testado e assimilado pelo público. Parece redundância, mas a ideia é fazer do CONJECE um congresso como o título destaca. A proposta desse ano é não limitar o evento em apenas palestras, mas trazer mesas redondas, atividades artísticas, apresentação de trabalhos científicos, espaço para compartilhar experiências exitosas e bate-papos.

O principal objetivo será em abrir espaço para que a juventude espírita possa relacionar suas áreas de estudo acadêmico e escolar com os princípios e pesquisas espíritas, abrindo uma discussão sobre as contribuições que a Doutrina Espírita pode dar as diversas áreas do conhecimento. Esse aspecto foi considerado, pois a equipe da CIJ/FEEC em seus estudos e observações percebeu que havia uma evasão muito grande nas mocidades quando os jovens e as jovens entravam na universidade, desde modo, pensou-se em reaproximar essa juventude convidando para falar de suas áreas de estudo e relacioná-las à Doutrina Espírita. Com esse formato espera-se que se possa abrir espaço maior para a juventude e ampliar a discussão sobre o campo de estudo e ação da Doutrina Espírita esclarecendo a juventude que se faz Espiritismo com a ciência e com ações práticas na sociedade.

O Grupo Espírita Memei localizado em Fortaleza também realiza uma atividade anual envolvendo a juventude espírita de Fortaleza e região metropolitana. Anualmente realiza o ENCEJO que o Encontro Cultural Espírita Jovem objetivo de unir cada vez mais os jovens do Grupo Espírita Meimei com os jovens e as jovens das mocidades convidadas, através da arte e cultura como instrumento de divulgação da Doutrina Espírita. sempre repleto de dinamismo e originalidade, trabalhando com a juventude temas através de oficinas de música, teatro, cinema, pintura, desenho, dança, argila, moda e muitas outras. Esse encontro começou no ano de 2002 e que também atende a jovens que não são espíritas, mas que querem conhecer o Espiritismo.

Outra equipe que realiza ações no movimento de juventude cearense é o Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará – COMECE e esse em especial é um grupo composto por jovem representantes de várias mocidades. Sobre esse grupo daremos mais detalhes sobre sua trajetória e ações nos próximos capítulos, aqui destacarei o MOARJE que é o Momento de Arte Juvenil Espírita. Este é um evento organizado e realizado pela própria juventude onde é destacado uma temática no qual várias mocidades convidadas fazem diversas intervenções artísticas para apresentar o tema do evento.

Este momento é uma ótima oportunidade para a confraternização dos grupos de mocidades, apresentar o resultado das suas produções artísticas e o principal é a experiência que os jovens e as jovens desenvolvem depois do trabalho de planejamento e organização de um evento de grandes proporções.

No que tange às ações de planejamento e formação de evangelizadoras(es) a CIJ/FEEC mantém um calendário anual com atividades que são destinadas tanto para área de infância como juventude. No início de cada ano há o Encontro de Formação Inicial para

Evangelizadoras e Evangelizadores onde se trabalha com equipes iniciantes ou pessoas que querem formação inicial para a tarefa evangelizadora com jovens ou crianças.

Há também as formações por UDEs¹² onde a equipe da CIJ/FEEC visita estas regiões durante o primeiro semestre de cada. Nos últimos anos as formações nas UDEs têm como foco trabalhar em um primeiro momento com a temática que é abordada no Encontro de Evangelizadores e Evangelizadoras do Ceará. Neste último, os centros espíritas enviam representantes e equipes da área de evangelização infanto-juvenil para uma formação de três dias onde é feita a culminância de todo o percurso formativo iniciado no primeiro semestre nas UDEs. Neste encontro acontecem exposições temáticas, oficinas de trabalhos, minicursos, mesas redondas e debates sobre o trabalho de evangelização espírita. Concomitantemente a este evento acontece, também, o Encontro Cearense de Evangelização de Bebês.

No final do ano a CIJ/FEEC organiza um último encontro com coordenadores de juventude e de infância onde a proposta é avaliar os trabalhos realizados durante o ano e listar demandas de trabalho para o ano seguinte. A partir desse encontro é organizado o calendário de trabalho, temas e cronograma de visitas e formações.

Com a organização do trabalho com as juventudes a CIJ/FEEC procura manter as autonomias dos centros e grupos espíritas no que tange a escolha metodológica e dinâmica de trabalho. A coordenação investe seus esforços em manter as ações unificadas e com o mesmo objetivo doutrinário e evangélico tendo como referência o documento de *Orientação para a Ação Evangelizadora da Juventude*. Apresenta propostas metodológicas e recursos didáticos que dialogam com tais diretrizes, mas não há a imposição de uma específica. É um trabalho árduo e imenso para dar conta de formações e estimular a juventude espírita do Estado, onde muitos pontos não são abordados e muitas frentes de trabalho a equipe não consegue dar conta, mas a equipe tem se mostrado disposta ao trabalho e investido, principalmente, em parcerias com a própria juventude através de diálogos mais próximos com cada mocidade e da companhia do COMECE onde propõe um debate mais direto e ações conjuntas.

3.8 Juventude espírita e o centro espírita: um retrato do movimento espírita cearense

A relação da juventude com a religião tem mudado consideravelmente nas últimas décadas. Hoje, a juventude não busca só na religião sentido para a vida, muitos outros espaços

¹² A União Distrital Espírita – UDE, são unidades geográficas que auxiliam na gestão e organização do movimento espírita cearense nas zonas da capital e região metropolitana. A FEEC possui atualmente 8 UDEs em seu quadro organizacional.

também tem sido procurados com essa intenção. A figura das autoridades religiosas não são as únicas reconhecidas pela juventude para balizar e orientar as condutas cotidianas. Esse é um entendimento e um sentimento que permeia toda essa geração. (NOVAES, 2018)

Um aspecto que caracteriza a juventude por muito tempo é a da incerteza, que propicia uma fase de muitas dúvidas, medos, receios. O medo de serem deixados de lado, de não serem aceitos como são, da incompreensão. As dúvidas que permeiam a escolha da profissão, de decidirem qual o caminho a seguir, sobre a capacidade de ser. O receio de errar, de cair e não se levantar, de fazer bobagens, mas não deixar de ser levado a sério. Enfim, todo esse contexto de incerteza paira a aura juvenil atual. Mas há também as qualidades, as potencialidades do sonho de ser mais, de engajar-se, da força de agir no mundo e da ação social. (NOVAES, 2018)

Todas essas potencialidades e limitações são desenvolvidas também em outras esferas além do ambiente religioso. Destaco isso para esclarecer como as afinidades da juventude atual tem mudado em relação ao espaço religioso diferindo das gerações anteriores. Apesar desse cenário, ainda há um grande quantitativo de jovens que estão ligados à alguma religião e o que de fato muda não é uma saída do cenário religioso, mas como a juventude se relaciona com esta.

No relatório Brasil de 2008 que apresenta a Pesquisa sobre Juventudes no Brasil organizado pelas pesquisadoras Helena Abramo, Anna Luiza Salles Souto, Regina Facchini, Erica Nascimento, com 3500 jovens de 18 a 29 anos, mostram no tópico juventude e religião que 65,2% dos entrevistados e entrevistadas afirmaram pertencer ao catolicismo, 20%, evangélicos e protestantes, na maior parte (13,6%) evangélicos pentecostais.

Quando a pesquisa relaciona adultos e juventudes encontramos os seguintes quadros: católicos (62% dos jovens e 67% dos adultos) e de evangélicos pentecostais (11,4% dos jovens e 14,6% dos adultos); é maior, contudo, houve um aumento significativo da porcentagem daqueles que dizem ter fé mas não uma religião (11% dos jovens e 5% dos adultos) e daqueles que se dizem ateus ou sem religião (3,5% dos jovens e 2,1% dos adultos). Essa diferença percentual demonstra o quanto as gerações atuais estão sendo menos influenciadas pelos pais a seguirem a “religião da família”. A juventude hoje tem mais liberdade para escolher por onde querem caminhar, mesmo que decidam também em não ter nenhuma religião ou seguirem o ateísmo. Esse entendimento já tinha aparecido nos resultados das pesquisas do Perfil da Juventude Brasileira em 2003 realizado por Regina Novaes.

Outro ponto interessante a observar é a experiência flutuante da juventude nas diversas manifestações religiosas. Muitos(as) jovens buscam experimentar as práticas de

várias religiões na busca de se encontrarem em um espaço mais acolhedor e do qual ele ou ela sintonize com seus princípios. Esse movimento é bem como nos últimos anos.

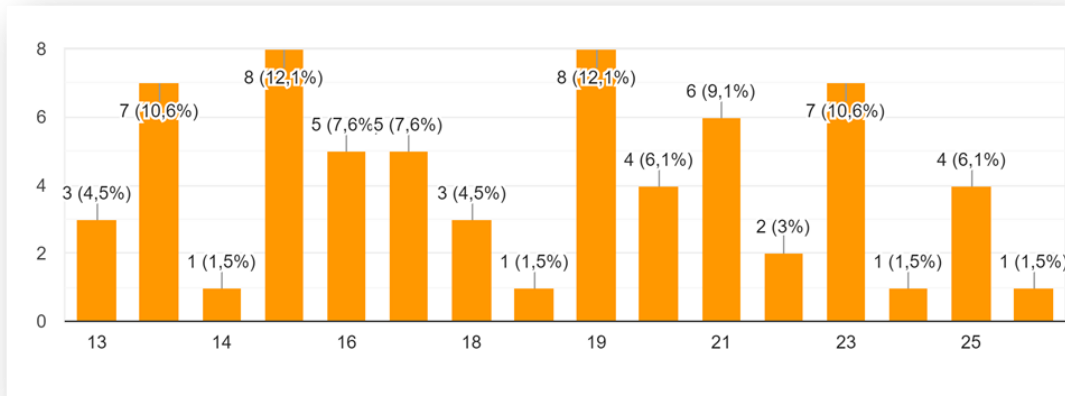
De fato, as relações da juventude com as religiões mudaram e o que eles buscam é um diálogo maior entre os participantes, menos endurecimento quanto as opiniões e mais abertura para a discussão de temas considerados polêmicos e tabus. Muitos agrupamentos juvenis nas diversas religiões modificaram sua metodologia para acolher melhor essa demanda da juventude atual. Comunidades católicas, pastorais, mocidades espíritas, escola dominical, a juventude umbandista, diversos espaços tentam acompanhar esse movimento juvenil, utilizando principalmente de recursos artísticos para atrair o público alvo.

Mais do que uma mera participação em um ciclo religioso, a juventude busca a formação de si nesses espaços, desenvolver a sua espiritualidade e isso independe se este ou esta jovem tem religião ou não, se faz parte de uma religião x ou y. Os(as) jovens esperam não uma formação catequética ou baseada em palavras e sermões. Querem experimentar, duvidar, testar, fazer, serem livres para transcenderem e construir sua liberdade.

Em busca de compreender como a juventude espírita cearense entende o Espiritismo e o centro espírita, que é um dos espaços que compõe o movimento espírita, apliquei um questionário à 66 jovens de mocidades da capital e interior do Estado, entre os dias 1 e 31 de agosto de 2019. Analisaremos adiante como é a relação da juventude espírita cearense com o centro espírita para termos um retrato de como esta juventude entende este espaço.

De início, foi um trabalho difícil, pois não há nenhum tipo de censo para orientar quais centros espíritas possuem mocidades e o quantitativo de jovens. O que orientou a aplicação do questionário foi o registro de inscrição de jovens no Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará – EMECE dos anos de 2018 e 2019. Assim, fiz um questionário online e encaminhei para um grupo de *WhatsApp* dos jovens dessas edições do EMECE e encaminhei às equipes de evangelização que tinham representantes na lista de contato da Coordenação de Infância e Juventude. O questionário possui 13 perguntas (questões objetivas e subjetivas) que serão detalhadas a seguir.

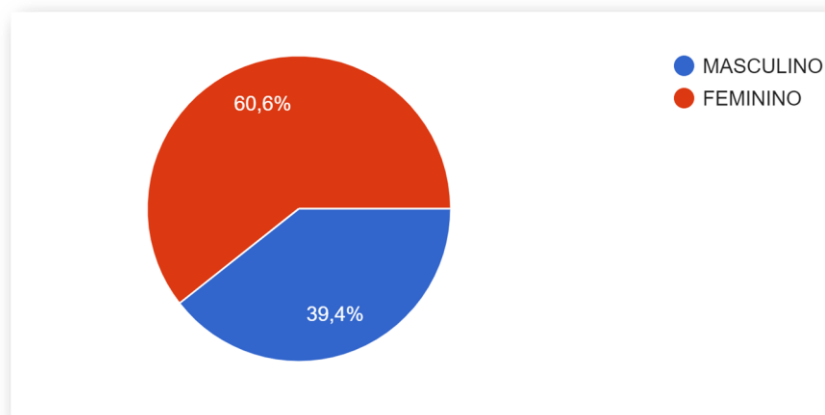
Gráfico 1 – Qual a sua idade?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

Início com a primeira pergunta sobre idade. Como podemos ver no gráfico acima tivemos um quantitativo de 24 jovens entre 13 e 16 anos, 21 jovens entre 17 e 20 anos e 21 jovens entre 21 e 25 anos.

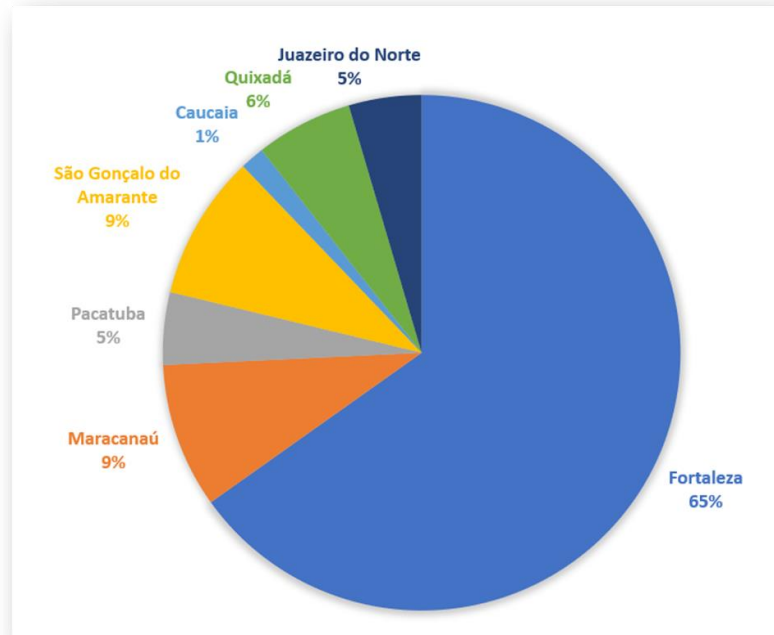
Gráfico 2 – Qual o gênero do qual se identifica?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A segunda pergunta foi sobre o gênero, 60,6% se identificaram com o gênero feminino e 39,4% com o gênero masculino. No questionário havia o campo para outros gêneros, mas não obtivemos, nesta pesquisa, respostas nesse campo.

Gráfico 3 – Qual a cidade onde mora?

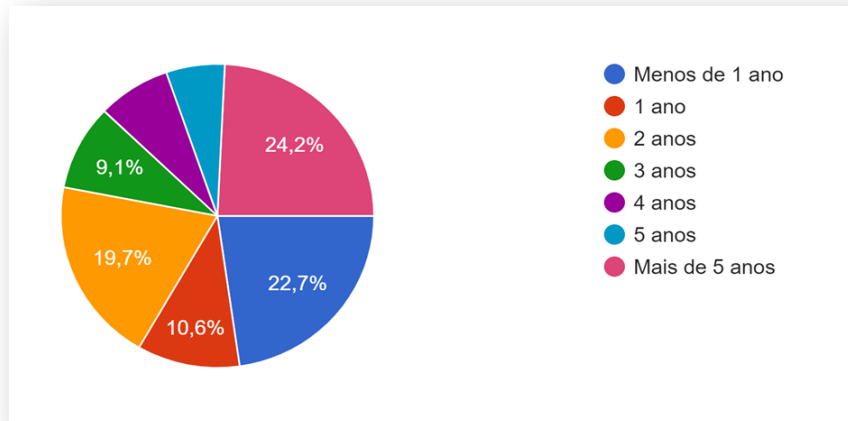


Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A terceira pergunta foi sobre a cidade onde mora. 65% responderam que moram em Fortaleza e 35% dos jovens que responderam o questionário são de cidades do interior ou região metropolitana. As cidades do interior que tivemos jovens respondendo o questionário são: Caucaia (1), Juazeiro do Norte (3), Maracanaú (6), Pacatuba (3), Quixadá (4) e São Gonçalo do Amarante (6). A grande concentração de mocidades é na capital. Nas formações que participei com CIJ/FEEC pelo interior, é notório a quase inexistência de mocidades espíritas. Há nos centros espíritas jovens trabalhadores(as), mas não engajados(as) em um agrupamento específico juvenil. No interior há um número maior de evangelização infantil.

No complemento desta pergunta, os(as) jovens responderam também o centro espírita que frequentam. Assim, as respostas representaram 21 centros espíritas do Estado dos quais identificamos: Centro Espírita Irmão Leite, Meimei, Associação Espírita Vidal da Penha, Sociedade Espírita de Maracanaú, Caminheiros da Luz, Centro espírita Maria Madalena, Centro Espírita Amor ao Próximo, Centro Espírita Casa do Caminho, Sociedade de Estudos Espíritas Casa de Francisco, Lar Espírita Memei, Grupo Espírita Renascendo com Jesus, Centro Espírita Francisco de Assis, CECAKE, Centro Espírita João o Evangelista, André Luiz, CEAP, CEMAN, Sociedade Caridade e Esperança, GEFIS, Centro Espírita Humberto de Campos, Grupo Espírita Fraternidade Irmã Sheila.

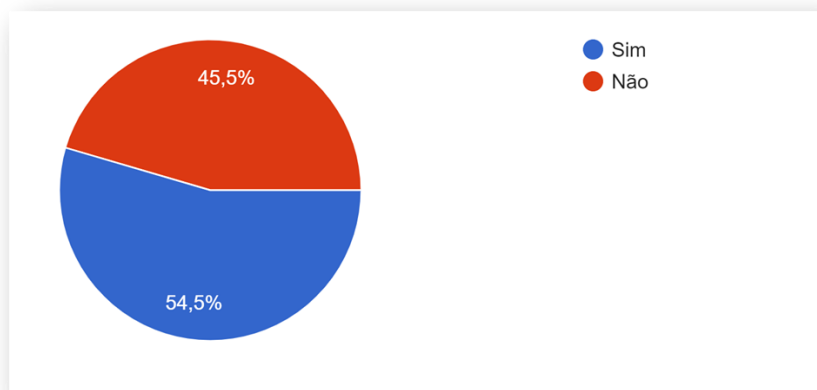
Gráfico 4 – Está na mocidade há quanto tempo?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A quarta pergunta é referente ao tempo que as jovens e os jovens estão na mocidade espírita. O maior quantitativo está a mais de 5 anos na mocidade cerca de 24,2%. Em seguida, os que estão a menos de 1 ano cerca de 22,7%. Interessante que os dados demonstram como os grupos são heterogêneos mesclando novatos e veteranos. Outra questão é o tempo estendido que muitos passam na mocidade. Há uma discussão muito atual no movimento de espírita que é quando o jovem deve sair da mocidade e ir para outros grupos de estudo. Em alguns centros essa transição é meio coerciva onde acaba em muitos casos com a evasão desses jovens. Outros centros já fazem essa transição mais dialogada para que o jovem ou a jovem possa se sentir mais à vontade e mais preparado ou preparada para assumir outros compromissos. Concordo com esta última postura, pois não podemos atribuir apenas a idade o estado de amadurecimento da juventude.

Gráfico 5 – Antes da mocidade você estava na evangelização infantil?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A quinta pergunta foi “antes da mocidade você estava na evangelização infantil?” tivemos 54,5% respondendo que sim e 45,5% responderam que não vieram da evangelização infantil, ou seja, entraram diretamente na mocidade. Apesar de uma porcentagem superior de que vem de evangelização infantil a diferença não é tal alta apontando que é importante um olhar mais atento para jovens que não conhecem desde cedo os princípios espíritas.

Digo isso porque percebemos que em alguns centros os currículos são muito rígidos e consideram que todos e todas percorrem o caminho da evangelização infantil até a mocidade. O(a) jovem neófito(a) em Espiritismo precisa ser acolhido(a) com suas demandas e dúvidas. Isso impulsiona o exercício de um currículo menos conteudista e mais flexível e adaptável às tais demandas e onde se possa estudar Espiritismo mais ligado com a realidade das juventudes, pois, para muitos(as), a mocidade é a porta de entrada para o conhecimento dos princípios espíritas.

Gráfico 6 – Qual o seu vínculo com o centro espírita



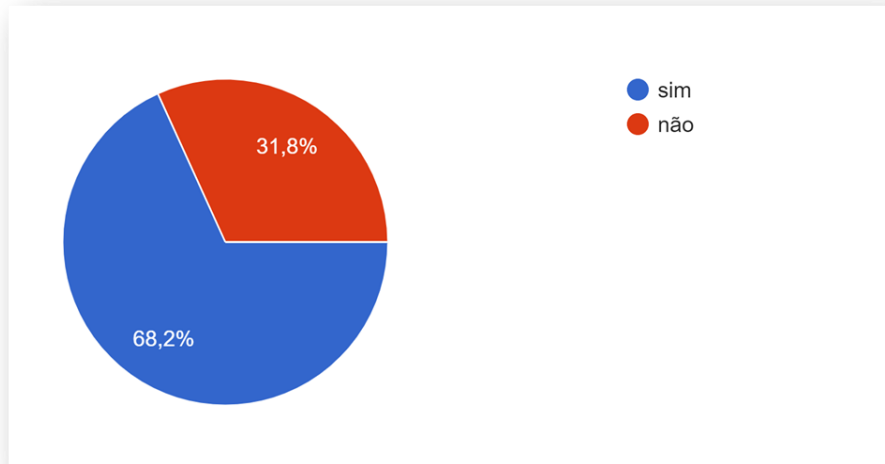
Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A sexta pergunta é sobre o qual o vínculo que a juventude tem com o centro espírita. 50% das respostas apontaram para uma participação restrita apenas a mocidade o que demonstra que a relação com demais setores da casa espírita demora a acontecer. Por muitos anos as mocidades espíritas tem sido consideradas, proposital ou não, a margem da Área de Evangelização. Isso desencadeou uma autonomia nas mocidades que, em muitos casos, aparentavam centros espírita de jovens dentro de centros espíritas de adultos.

Os documentos orientadores da ação evangelizadora espírita para a juventude, organizado pelo Departamento de Infância e Juventude da FEB, tem chamado a atenção dos dirigentes de instituições espíritas, como de equipes de mocidades para que esse quadro

diminua e que aja uma interação maior e mais dialógica entre as mocidades e os demais setores do centro espírita.

Gráfico 7 – Sua família é espírita?

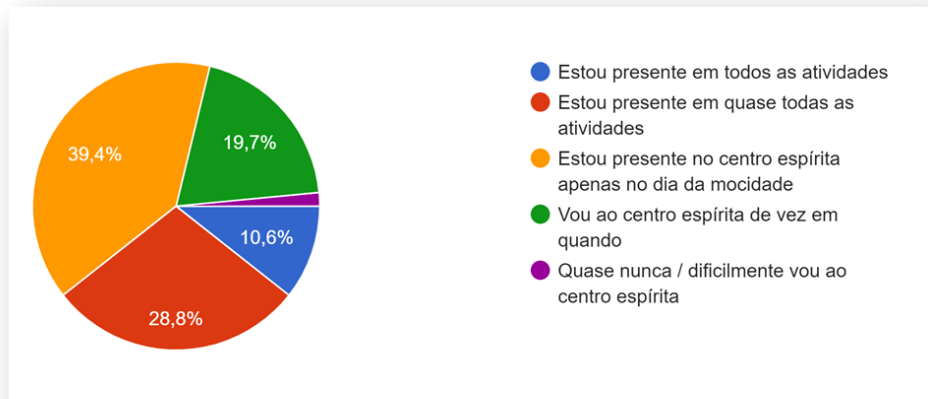


Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A sétima pergunta do questionário é sobre a família e o Espiritismo. O questionário perguntou “se sua família é espírita” e 68,2% responderam que sim e 31,8% responderam que não. Uma questão chama muito atenção: o alto grau de influência dos pais na participação dos jovens e das jovens no que chamarei aqui de “religião da família”. Regina Novaes, na pesquisa sobre o Perfil da Juventude Brasileira¹³, afirma que as escolhas religiosas da juventude não estavam mais se atendo às influências dos pais, mas aqui podemos perceber que a grande maioria são oriundos de família espírita.

¹³ Pesquisa realizada em 2003 com 3.500 jovens entre 15 e 24 anos. Ver em Novaes, Regina (2005).

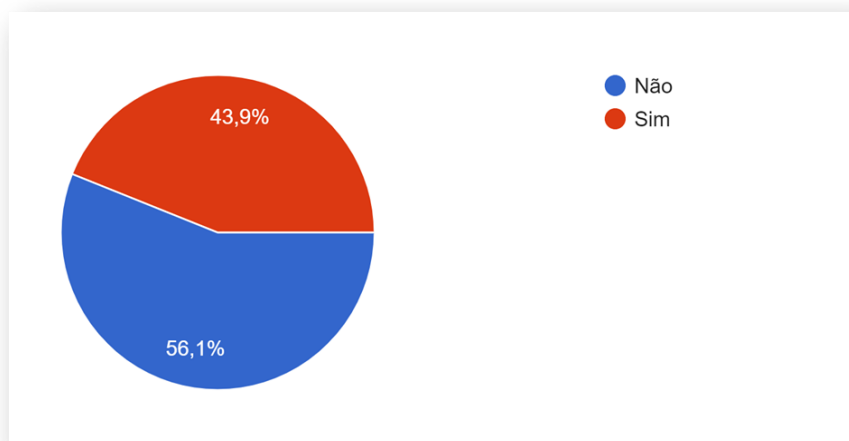
Gráfico 8 – Qual é a frequência com que você vai ao centro espírita?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A oitava pergunta é sobre a frequência no centro espírita. 39,4% disseram que estão no centro espírita apenas no dia da mocidade, 28,8% responderam que estão presentes em quase todas as atividades, 19,7% afirmaram que vão de vez em quando e apenas 1,5% disse que quase nunca vai a mocidade. Apenas 10,6% disseram que estão em todas as atividades do centro espírita.

Gráfico 9 – Você participa de algum trabalho no centro espírita?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A nona pergunta foi se participam de algum trabalho específico no centro espírita 56,1% responderam que sim e 43,9 % responderam não. Os jovens que responderam que sim destacaram principalmente o trabalho na evangelização infantil. Esse setor acaba servindo de laboratório e de trabalho da juventude no centro espírita. Muitos e muitas jovens começam a

engajar-se em alguma atividade a partir da evangelização. Também destacaram setores de recepção, arte, atividades sociais e comunicação social. Apenas 3 responderam que estavam engajados em atividades mediúnicas.

Aos que responderam que não trabalhavam no centro espírita foi perguntado o motivo de não se engajar em outra atividade além da mocidade. A partir das respostas, destacou-se as seguintes categorias: falta de tempo; falta de interesse; baixa autoestima; idade insuficiente e timidez. Vejamos algumas respostas dos(as) jovens sobre a falta de tempo¹⁴:

Falta de tempo por conta da faculdade e outras instituições. (Jovem 1)

Gostaria de participar do passe e participar do grupo de estudos mediúnicos, mas o horário não me permite, pois estudo a noite. (Jovem 2)

Nesse momento desta existência estou no ensino superior, assim meu tempo é limitado. O meu dia de Sábado é para o Centro Espírita, pois tem o encontro da mocidade, o ensaio do grupo musical, o ESDE 2 além de poder ver a família do centro. Aos domingos vou para a Hora da Prece com a frequência um domingo sim outro domingo não. Em casa sempre estou lendo algum livro que seja espírita e acompanho a Comunhão Espírita de Brasília, a FebTv, a TV Mundo Maior tudo pelo youtube. Tudo isso por amor. Gostaria sim poder trabalhar nas obras sociais, na evangelização. Mas quem sabe mais a frente. (Jovem 3)

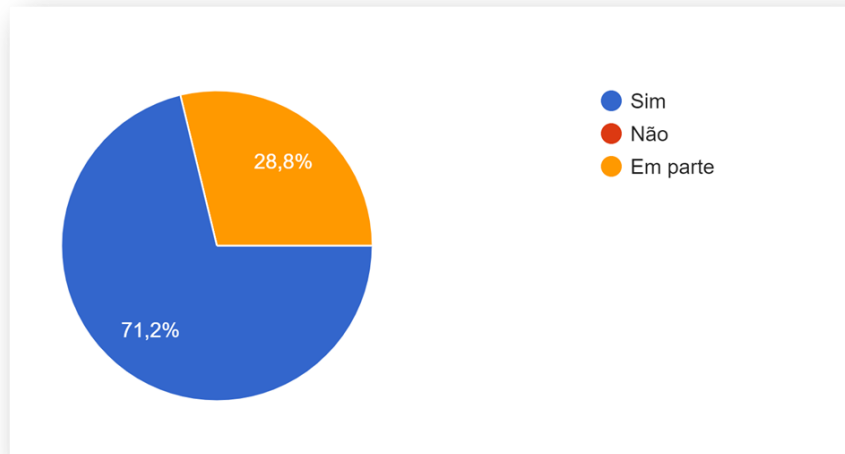
Nessas respostas podemos observar cinco blocos de justificativas que os jovens utilizam para não se engajar em outras atividades do centro espírita além da mocidade. A grande maioria justifica a falta de tempo como o principal fator de impedimento de iniciar um trabalho no centro espírita. Emprego, faculdade, escola são outras atividades que consomem o tempo dos jovens. Atualmente, em conversas com alguns jovens, tenho percebido uma evasão com a justificativa do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), pois muitos jovens fazem aulas e simulados aos sábados no mesmo horário das suas respectivas mocidades.

Outra questão que aparece é a justificativa da idade. Tivemos algumas respostas como: “Não tenho idade suficiente ainda.” e “Acho que ainda sou muito jovem.”. Alguns centros espíritas delimitam idade específica para que a juventude inicie a fazer algumas atividades desconsiderando nessa análise as potencialidades, a vontade de fazer e participar ativamente e as afinidades com o trabalho. Já ressaltéi antes que a maturidade para a ação juvenil não pode ser medida apenas considerando a idade biológica. Outro ponto que chamou atenção foram as falas sobre baixa autoestima.

¹⁴ Ao responder o questionário o(a) jovem não precisava se identificar nominalmente para garantir a anonimidade e deixa-lo ou deixa-la mais a vontade para responder. Assim, as respostas aqui usadas como referencial estarão nominadas como jovem 1, jovem 2, assim por diante.

Apenas com estas respostas não podemos dizer os fatores que ocasionam isso, mas serve de alerta ao evangelizador ou a evangelizadora de juventude para ficarem atentas aos estímulos positivos e o incentivo para a ação da juventude no centro espírita e no mundo.

Gráfico 10 – Você acha que o centro espírita oferece um tratamento adequado aos Jovens?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A décima pergunta foi se “achavam que o centro espírita oferece um tratamento adequado aos jovens” 71,2% responderam que sim e 28,8% responderam em parte. A partir das respostas, destacou-se as seguintes categorias: Acolhimento e dinamicidade dos encontros. Vejamos algumas falas sobre o acolhimento no centro espírita:

O centro está sempre disponível em acolher a disponibilidade dos jovens, às vezes com um cuidado maior. Mas, sempre aberto. (Jovem 1)

Sempre foi muito acolhedor e aconchegante a recepção dos jovens no Centro Espírita. A diretoria sempre apoiou as nossas atividades dentro e fora do Centro. (Jovem 2)

Faz com que nos sintamos superconfortáveis, acolhidos de maneira bastante positiva, nos tratam superbem a atenção necessária que merecemos. (Jovem 3)

As colocações acima apresentam o centro espírita como espaço acolhedor, promovedor de paz e formação em várias dimensões (intelectual, moral, sentimental, espiritual, etc). O ponto mais destacado nas respostas é a acolhida mostrando o quanto esse aspecto é fundamental para atrair e manter os(as) jovens na mocidade espírita, pois a

juventude atual busca, mais do que em outras gerações, espaços onde podem se firmar com segurança e desenvolver suas potencialidades sem nenhum preconceito ou pressão. A dinamicidade dos encontros foi um ponto destacado também nas respostas. Vejamos abaixo algumas falas destacadas:

Posso dizer pelo centro que frequento, pois educa o jovem por meio dos estudos da doutrina, integração nas atividades da casa e eventos, muitas vezes ajuda no convívio familiar do jovem como espírito imortal, além de promover várias atividades e grupos artísticos em que ele pode participar, ajuda-o a se entender. (Jovem 1)

Sim. Pois, além das aulas/encontros serem preparadas pensando em nós, temos assistência após a evangelização, os evangelizadores cuidam de nós. (Jovem 2)

Entretanto, outros(as) jovens destacaram que o centro espírita atente as necessidades da juventude em parte. Um ponto evidente é a reação a uma metodologia, dinâmica de trabalho na mocidade que não atende as demandas e a dinamicidade própria da juventude. Muitos(as) disseram que os centros que participam são “fechados” e “não dão voz” para a juventude chamando atenção, pois apesar de estarem em uma instituição espírita, esta atitude não é coerente com a filosofia e princípios espíritas e cristãos. Vejamos abaixo algumas respostas com esse enfoque:

Alguns centros não são muito receptivos a trabalhos e opiniões dos jovens, além de alguns trabalhadores direcionarem visões distorcidas do que representa a juventude diante dos próprios jovens. (Jovem 1)

Em parte, porque o jovem, bem como, as crianças que estão nascendo cada vez mais com espírito evoluído claramente, e muitas vezes, nos centros, não tem tanta escuta ou lugar sem pré-julgamentos de verdade. Muitos já nascem com o "polígrafo natural" e quando não sentem esse lugar... Acham que é somente mais um lugar. Por isso que demorei tanto para achar um centro espírita que me fosse mais adequado. (Jovem 2)

Às vezes as mentes fechadas não abraçam as ideias dos jovens. (Jovem 3)

As vezes não temos voz. (Jovem 4)

Depende do quão preparados os monitores estão para falar a língua do jovem. Um monitor despreparado pode causar o afastamento de jovens por deixar seus preconceitos falarem mais alto que a empatia. (Jovem 5)

Tanto a metodologia como a dinamicidade dos encontros com a juventude devem considerar dois pontos importantes. O primeiro é estar em diálogo constante com as demandas

e necessidades da juventude. Para isso acontecer o(a) evangelizador(a) de juventude deve promover um espaço de escuta e fala para que a juventude possa expor suas dúvidas, o que quer estudar, seus anseios, ou seja, “dar voz” a juventude. O desafio do(a) evangelizador(a) é relacionar esses anseios e demandas com os conceitos doutrinários e evangélicos. Assim, a Doutrina Espírita se apresenta viva e de fato como consoladora, pois não fica apenas no plano conceitual ou se tornando em algo “místico”.

O segundo ponto é sairmos do conteudismo. Nos grupos de jovem ficam tão preocupados em conteúdos e currículos fechados que esquecemos de atender as necessidades multidimensionais de cada jovem. No questionário tivemos a seguinte resposta que traz a tona essa questão: “Tem muitas atividades para os jovens, mas poderia ter mais assuntos vividos pelos jovens”. O conteúdo doutrinário e evangélico deve estar a serviço de atender essas necessidades. Deste modo, estaremos dando significado e sentido para a aprendizagem no centro espírita. A escolarização da evangelização deve ser superada.

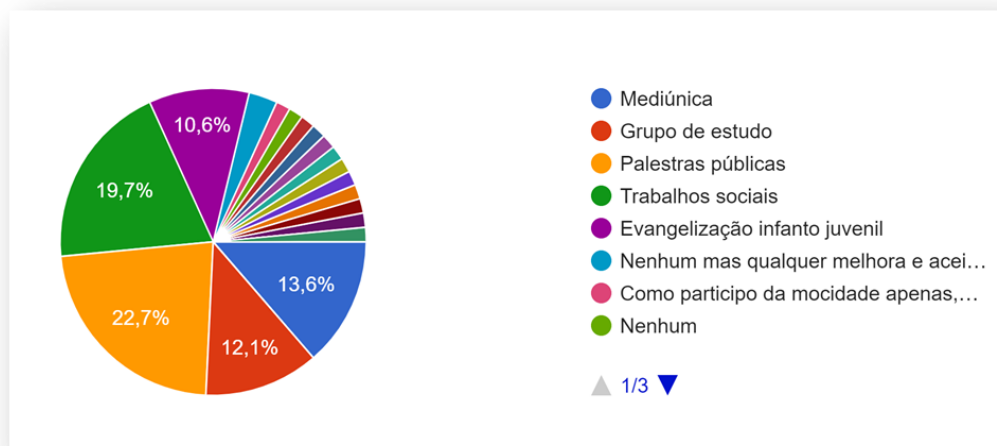
Sobre os eventos e como é o seu envolvimento nessas atividades, destaco a resposta a seguir:

Deveria ter mais atividades voltadas para os jovens espíritas. geralmente só acontece para as pessoas mais maduras, mas os jovens também carregam em si uma grande bagagem de aprendizado e poderiam participar de tais eventos. (Jovem 2)

Não é apenas abrir vagas em um evento e colocar a juventude como participante. O(a) jovem hoje não suporta ficar apenas ouvindo horas a fio de palestras. A juventude quer perguntar, dialogar, colaborar. A questão é incluir a sua linguagem e as suas demandas para dialogarem com o conteúdo dos eventos, seminários e *workshops*. Assim, não só aprenderem juntos fortalecendo a relação intergeracional, mas rejuvenesce o movimento espírita, atrai novas ideias para ampliarem o entendimento sobre a vida espiritual e sua ação em várias áreas do conhecimento humano.

O questionário também perguntou de forma mais específica “em que setores você entende que o centro espírita necessita de mudanças em relação aos jovens?”. Vejamos o gráfico 10 para identificar quais os setores mais apontados pela juventude.

Gráfico 11 – Em que setores você entende que o centro espírita necessita de mudanças em relação aos jovens?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

A décima primeira pergunta é sobre “Em que setores você entende que o centro espírita necessita de mudanças em relação aos jovens?”. A maioria das respostas, cerca de 22,7% responderam que a atividade que precisa de mais mudanças são as palestras públicas. Essa atividade consiste em um espaço onde o centro espírita convida pessoas para exporem, palestrar sobre temas espíritas, evangélicos ou temas do cotidiano a luz da Doutrina Espírita. São atividades que duram 60 a 90 minutos e possuem uma dinâmica organizacional muito parecida na grande maioria dos centros espíritas: músicas, leitura de uma mensagem, prece inicial, palestra, avisos, prece final. O engessamento dessa dinâmica de funcionamento, a linguagem utilizada, os temas propostos, são, segundo alguns jovens, alguns dos entraves que colabora para o afastamento da juventude espírita dessa atividade. Vejamos algumas justificativas:

Deveria ter mais palestras voltadas também ao jovem com temática pertinente. (Jovem 1)

Palestras voltadas para a juventude espírita atraem eles, palestras muito serias, os jovens não tem muita vontade de estar presenciando. (Jovem 2)

Linguagem muito formal, assim deixa muito a desejar aos jovens que por muitas vezes acha chato. (Jovem 3)

Poderia ter mais palestras voltadas para o público mais jovem. (Jovem 4)

Vou mais frequentemente às palestras, e elas algumas vezes não são de agrado dos jovens. (Jovem 5)

As palestras nem sempre são de fácil entendimento, e temas difíceis. (Jovem 6)

Os assuntos abordados acabam se tornando muito repetitivos. (Jovem 7)

A dinâmica utilizada pela grande maioria das instituições espíritas para organizar essa atividade caracteriza-se pelo fortalecimento da cultura da resposta e não da pergunta. Os(as) palestrantes gastam horas e minutos expondo seus pontos de vistas e suas interpretações de diversos assuntos e com isso, inconscientemente ou conscientemente, atestamos que tal método não dá conta das demandas do público. É a partir disso que problematizo e dialogo aqui com a fala dos(as) jovens destacada na categoria do quadro acima quando pedem as palestras “voltadas para o jovem”, pois nessa fala tem um pedido de “rejuvenescer” a atividade, ou seja, dela ser mais dialógica, compartilhada e contemporânea.

Nas falas dos(as) jovens fica claro três tópicos importantes para considerar quando falamos em ter uma atividade (nesse caso a palestra pública) “voltada aos jovens”. O primeiro é a temática dialogar com as necessidades do mundo e das pessoas. Muitas abordagens temáticas pairam apenas no plano teórico e não dialogam com a vida cotidiana das pessoas. Deste modo, a teoria se enfraquece sem sustentação prática e sem sentido e significado para existir. Os temas devem ser caracterizados pela práxis, ou seja, a relação estreita entre as interpretações conceituais e as práticas que decorrem dessas interpretações onde estas nos transportam para uma mudança da realidade. A práxis é movimento, portanto, os temas e conteúdos pautados pela práxis devem ser ativos, reflexivos, que gerem o incomodo para que busquemos o nosso melhor. Os temas devem emergir do que as pessoas sentem, tem dificuldades, do que se tem dúvidas, do vivenciamos no dia a dia. Para que isso aconteça destaco o segundo tópico a observar que é a metodologia utilizada.

Poderia ser mais elaborado e chamar mais atenção. (Jovem 1)

Algumas metodologias não são atrativas e são fora da realidade do jovem. (Jovem 2)

Porque acaba sendo algo direcionado de um público X como se fosse pra ele mesmo ao invés de ser mais apropriado a forma didática. (Jovem 3)

Para que os temas emerjam é preciso dar espaço para ouvir e acolher. É necessário criar um espaço de escuta onde as pessoas (aqui em nosso caso específico a juventude) não tenha medo de propor e expor suas inquietações, para a partir daí, estipular temáticas. Segundo Freire (2005, p. 53) o dialogo começa “[..] não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando

aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes.”. As organizações temáticas das palestras, nesse processo que chamo aqui de rejuvenescimento, não devem ser uma imposição, mas uma construção coletiva e sistemática com aqueles(as) que aprendem e que também ensinam.

O terceiro tópico que destaco é a linguagem utilizada nessas atividades. A formalidade excessiva e a erudição importuna inviabiliza a comunicação, deixando-a cansativa, longe da realidade e como os(as) próprios jovens dizem “chata”. Só há verdadeira aprendizagem se houver comunicação genuína e para isso é preciso respeitar a linguagem do outro e incorporar essa nova linguagem na comunicação. Não respeitando esses princípios estaremos apenas transferindo, transmitindo informação e isso de longe é educação.

Outros tópicos foram destacados como, por exemplo, 19,7% responderam que poderiam mudar mais nas atividades sociais. A maioria das sugestões nesse sentido foram de estimularem mais ações externas ao centro espírita.

Trabalho em grupo em causas sociais muito fragilizadas torna se muito importante para o crescimento de todos. Bem como impedir de muitos entrarem em um caminho negativo para seu espírito. (Jovem 1)

Mais ações sociais externas. (Jovem 2)

Para os jovens trabalharem mais a sua área onde mora, atividades sobre comunidade e os jovens. (Jovem 3)

Sabendo da resistência persistente de muitos jovens em participar de projetos sociais, acredito que tenhamos que nos empenhar mais para que os mesmos despertem o interesse em iluminar-se, iluminando o próximo. (Jovem 4)

Muitas instituições envolvem suas juventudes em ações sociais, mas sempre cabe a reflexão sobre a metodologia para a execução das atividades e de como os convites são feitos para não soar como uma “obrigação”. Como despertar esse interesse? No documento de “*Orientação ao Centro Espírita*” há diretrizes para a Área de Promoção Social Espírita para estimular o engajamento da juventude nas ações sociais

c) Os participantes das reuniões de estudos doutrinários e os jovens integrantes da Juventude Espírita deverão ser sempre convidados a colaborarem nas atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, a fim de que possam aliar o conhecimento doutrinário à prática da caridade junto às pessoas e famílias em situação de carência sócio-econômico-moral-espiritual. (CFN/FEB, 2006, p. 78)

Outro destaque ficou para a necessidade de uma mudança na mediúncia. 13,6% disseram que gostariam de mudanças nesse setor principalmente para a inserção de mais jovens nessa atividade.

Acredito que deveria existir mais trabalhos voltados à mediúncia no qual os jovens fossem mais participantes. (Jovem 1)

Tanto mediúncia, grupo de estudos e as demais atividades é de fundamental importância para a interação jovem. (Jovem 2)

Infelizmente percebemos em muitos centros espíritas que mitificam essa atividade restringindo apenas a um pequeno grupo de pessoas do centro espírita. É preciso incluir a juventude nessa atividade através de estudos e para que os mesmos possam conhecer o fenômeno mediúncico, pois a mediunidade é um dos fundamentos da Doutrina Espírita.

A partir das respostas da décima primeira pergunta do questionário, destacaram-se também as seguintes categorias: acessibilidade aos grupos de estudo e incentivo ao trabalho no centro espírita. Vejamos abaixo outras ponderações dos(as) jovens sobre a acessibilidade aos grupos de estudo:

Muitos jovens se sentem intimidados quando veem os grupos de estudos com quase sua totalidade de pessoas mais velhas. Não há receptividade para nós sermos incluídos, ou para novas metodologias, ou mesmo durante as aulas, me sinto intimidada quando quero fazer comentários ou sugestões. (Jovem 1)

Precisa ter uma abertura maior em relação a todos os aspectos. Sem preconceitos, sem dramas porque o público infanto juvenil já está passando por mudanças normais como ser biopsicossocial - contudo - crescente a mediunidade ostensiva em muitos. Sem a escuta verdadeira recíproca - no mínimo ansiedade vai causar. Digo isso por conhecimento de causa. (Jovem 2)

Não há convites entre a juventude a participarem desses setores. (Jovem 3)

Porque o olhar juvenil tem criatividade e uma visão aberta que muitas vezes os mais velhos na casa não aceitam. (Jovem 4)

No que tange ao incentivo ao trabalho no centro espírita destaco abaixo algumas respostas dos(das) jovens:

Criar e engajando os jovens nos trabalhos. (Jovem 1)

Coordenadores que incentivem o jovem a continuar participando dos encontros da própria mocidade e de outras atividades da casa. (Jovem 2)

Jovens gostam de serem pró ativos. (Jovem 3)

Incentivar o jovem a participar mais. (Jovem 4)

Poderia haver um incentivo maior para trabalhos da casa. (Jovem 5)

A evangelização é a porta de entrada de muitos jovens para a doutrina. Ela precisa ser pensada com muita responsabilidade para que o jovem se sinta à vontade e acolhido, e com dinamicidade para que se sintam estimulados a voltar toda semana. (Jovem 6)

No documento “*Orientação ao Centro Espírita*” existem diversas recomendações específicas a instituição espírita em especial ao setor de evangelização infanto-juvenil dentre elas destaco o seguinte item:

g) Propiciar aos jovens a capacitação para desempenhar atividades no Centro Espírita tais como: colaboração nas aulas para crianças, prestação de serviços nos setores de secretaria, tesouraria, informática e atividades assistenciais; colaboração nas reuniões públicas, doutrinárias, quer ocupando a tribuna, quer realizando outras atividades programadas para essas reuniões, e ajudar na divulgação da Doutrina. (CFN/FEB, 2006, p. 69-70)

No documento “Plano Trabalho Movimento Espírita Brasileiro de para o Movimento Espírita Brasileiro (2018-2022)” em sua diretriz 7 sobre a formação continuada do trabalhador e das lideranças espíritas coloca como uma das ações o “Incentivo à preparação e à integração do jovem nas atividades espíritas;” (CFN/FEB, 2018, p. 24).

Apesar de pouco destaque e podemos observar que nos documentos orientadores ao trabalho e a organização do movimento espírita existem direcionamentos para a inclusão da juventude e sua orientação nas atividades do centro espírita. Mesmo com essas diretrizes poucos dirigentes efetuam ações consistentes e relevantes para que isso aconteça de fato nas instituições. Ambas as partes, jovens e a instituição, ganham e se desenvolvem quando essa integração é feita de modo dialógico e acolhedor.

Há um discurso nos centros espíritas que o(a) jovem é o “futuro trabalhador(a) do centro” e essa fala deve ser superada, pois o(a) jovem não está no centro espírita apenas para ser um(a) trabalhador(a). Tal visão reduz e a grandiosidade da ação evangelizadora de crianças e jovens. Portanto, a integração da juventude ao centro espírita não deve ser apenas para preparar o futuro trabalhador(a), mas sim desenvolver habilidades e competências espirituais, morais, intelectuais para a ação do jovem no mundo; despertar e estimular a

solidariedade; construir vínculos de amizade e desenvolver um formação ampla, multidimensional do ser.

O questionário traz como décima segunda a questão “em uma palavra ou frase, como você enxerga o centro espírita?”. Nessa pergunta as respostas caracterizaram o centro espírita como luz, lar, escola, local de paz e local de acolhimento. Abaixo destaquei algumas respostas:

CENTRO ESPÍRITA COMO LUZ

Luz; Um ponto de Luz; Iluminação; O centro é o sol, e nós (alunos, trabalhadores e frequentadores), somos o arco-íris no céu de um planeta que já enfrentou grandes tempestades.

CENTRO ESPÍRITA COMO LAR

Abrigo; Casa; Lar completo; Lar onde posso me desenvolver moralmente junto a todos que frequentam; Segunda casa; Família; Uma casa de muita de luz e paz.

CENTRO ESPÍRITA COMO ESCOLA

Um local de apoio, de estudo; Conhecimento; Um local de obter conhecimento e fortalecer laços de amizade; Conhecimento; Um lugar pra se buscar conhecimento e se sentir bem com você mesmo, sem julgamentos; Um lugar de União de entendimento e aprendizagem; Esclarecimentos; Escola.

CENTRO ESPÍRITA COMO PAZ

Lugar que transmite paz; Meu ponto de paz e esperança; Ponto de equilíbrio e reencontro do meu ser; Paz interior; Lugar de paz; Meu ponto de paz; Lugar de paz e ensinamentos.

CENTRO ESPÍRITA COMO ACOLHIMENTO

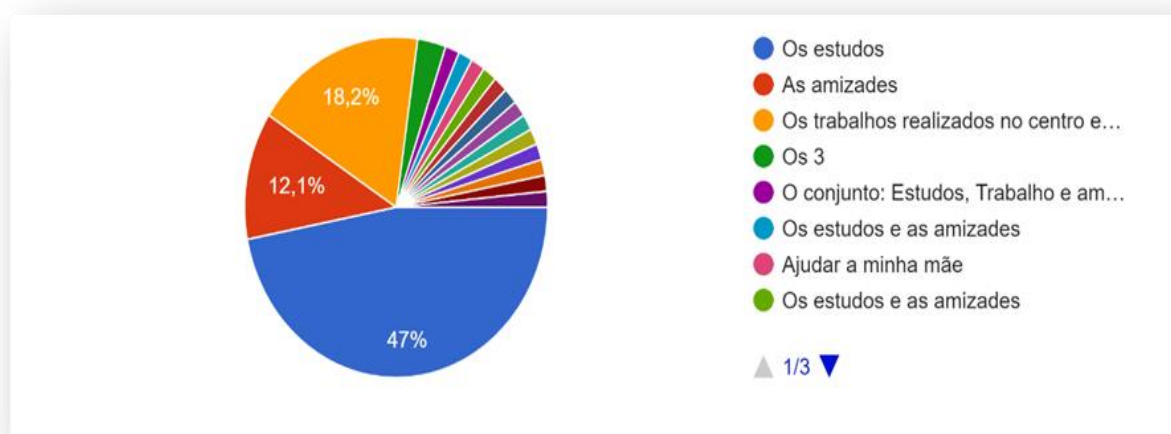
É um lugar estranhamente acolhedor; Acolhimento; Acolhedor; Local de acolhimento, de estudo e de despertar do ser; Local de conforto e união; Consolador

OUTRAS VISÕES

Como um lugar bom; Boas conversas e ótimo tratamento; Caminho; Divertido; Vida; Sensacional; Uma semente. Tudo o que você planta, floresce e cabe a você colher os frutos ou não; Trabalho revigorante; Serviço; Como um elo direto com o mestre Jesus e aos bem

fatores da humanidade; Maravilhoso; "Fora da caridade não há salvação."; Porto seguro; Terapia; Evolução; Necessário; Consolador; Um bem enorme na melhoria de vida e evolução moral das pessoas; Despertar; Um lugar para evoluir e se melhorar cada vez mais; Um lugar de possibilidades de aprender a palavra e ficar em companhia com pessoas diferentes de mim; compaixão.

Gráfico 12 – O que te mantém na mocidade espírita



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado com a juventude espírita cearense

Na última pergunta do questionário os(as) jovens foram perguntados sobre o que os(as) mantem na mocidade espírita. Os estudos, os trabalhos realizados no centro espírita e as amizades tiveram destaque nas respostas demonstrando que a grande maioria tem como objetivo construir novos conhecimentos a partir dos saberes espíritas e os estudos são fundamentais para isso. Esse destaque ressalta a importância de uma boa formação inicial e continuada da equipe de evangelização juvenil para ter uma linguagem mais acessível, dinâmicas mais atraentes, currículos menos engessados, metodologias dialógicas e vivas onde a juventude possa ser sujeito do processo de aprendizagem e abordagem dos princípios e fundamentos espíritas e cristãos dialogando com a realidade, com as demandas próprias da juventude participante.

A realização deste questionário foi fundamental para a pesquisa, pois esboçou um retrato de como a juventude espírita tem se relacionado com a o centro espírita. Percebo que os(as) jovens tem o centro espírita como um espaço importante em suas vidas e na sua formação intelectual, sentimental, moral, espiritual, política, social, etc. Mas, diferentemente de outros momentos dos quais outras gerações de jovens seguiam cartilhas determinadas estes

se põem a falar e reivindicar uma participação maior deles nesse processo formativo e um investimento melhor da instituição espírita nesse processo.

Hoje a juventude está aberta ao diálogo e disposta à ação e ao planejamento dos seus atos que buscam sua formação íntima e sua colaboração no mundo, mas não havendo espaço e interação amorosa, construtiva e acolhedora, procuram outros espaços mais dialógicos e com ações propositivas.

Especificamente nos centros espíritas isso pode acontecer com a mudança do(a) jovem para outro centro espírita que esteja melhor alinhado com os princípios e fundamentos espíritas ou buscam outras experiências religiosas. Podem até escolher não terem relação com nenhuma instituição religiosa, fato comum nos dias de hoje, onde um dos fatores que aumentaram o número de jovens irreligiosos, ou seja, sem religião está inteiramente ligado com espaços religiosos dogmáticos, coercivos e endurecidos.

Ressalto que muitos dos tópicos e categorias que emergiram das respostas do questionário foram também apontados nas falas dos(as) sujeitos dessa pesquisa e que aprofundarei nas análises destas com o aporte de tais narrativas mais adiante.

O questionário contribuirá para a orientação posterior de ações da CIJ/FEEC com as juventudes e com as equipes evangelizadoras, pois traz muitas falas significativas e sérias da visão do jovem sobre o centro espírita, além de ser um material de pesquisa aplicado que servirá também de registro para análises e estudos sobre a temática.

4 DIALOGANDO NA BEIRA DO CAMINHO: AS HISTÓRIAS DE VIDA DO JOVEM E DAS JOVENS PROTAGONISTAS

Esse livro sou eu
Sou feito dessas linhas
Denso como a tinta que cobre e não se apaga
Não me venda pela capa
Pois a história só acaba
Pra começar outra vez!
Biografia (Projeto Carrossel)

Há uma riqueza imensurável nas histórias de vida de cada jovem. Enveredar na aventura biográfica de trilhar o seu caminho refazendo e ressignificando experiências é de fato um trabalho que requer “sangue nos olhos”. Isso porque, desse processo, emergem emoções intensas, saberes antes não identificados, reflexões que burilam convicções, a necessidade de se assumir como ser inconcluso. A construção biográfica através da narrativa é um desafio para o pesquisador que orienta o processo como para aquele ou aquela que se põe a narrar.

Neste trabalho a técnica escolhida para a construção biográfica foi a entrevista narrativa que é um procedimento realizado de forma individualizada. As entrevistas narrativas foram realizadas nas sedes das mocidades frequentadas por cada jovem por ser um ambiente comum para eles e que sugere proteção e segurança para realizar as atividades propostas. Trabalhei com 4 jovens de 20 a 24 anos, que participam ativamente das atividades do movimento juvenil espírita cearense. Tais jovens convidados para participar e construir esse trabalho, foram chamados entre os que compõe atualmente o Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará - COMECE. Esse agrupamento é formado por jovens de várias mocidades de Fortaleza e região metropolitana e tem como objetivo articular os jovens para ações dentro e fora do movimento espírita. O critério foi baseado em jovens de mocidade engajadas no movimento espírita e em jovens que se envolvem com as demandas estaduais e nacionais do movimento espírita.

Para desenvolver essa técnica, trouxe as jovens participantes para organizar junto comigo os pormenores organizacionais para que tudo pudesse ocorrer da melhor forma possível. Escolhi em parceria com as participantes o dia e horário para a entrevista e sugeri realizar tal atividade no centro espírita onde cada uma trabalhava para promover um ambiente mais acolhedor e que estabelecesse uma sensação maior de segurança, Mesmo com todos esses cuidados com a escolha do local as jovens e o jovem ainda sentiram um pouco de insegurança no início de suas narrativas, completamente normal nesse trabalho.

Apesar das dificuldades eminentes do trabalho, conseguimos mergulhar em um lindo processo de construção de si que aponta para novas reconstruções futuras. Nesta seção apresento as narrativas de Débora (**A pequena semente**), Orlanna (**As vivências de uma jovem espírita: do autoconhecimento a reforma íntima**), Leonardo (**O sentido das coisas: minha caminhada**) e Natalia (**A caminhada do meu ser imortal**). Para demonstrar a riqueza produzida através das entrevistas narrativas, resolvi apresentar as histórias de vida na íntegra. Este formato colabora para que o leitor e a leitora deste trabalho possam ter um conhecimento maior de cada jovem participante desta pesquisa, bem como estabelecer uma relação mais próxima e íntima com cada história. Todas as narrativas foram produzidas com base nos princípios e fundamentos da pesquisa (auto)biográfica em educação. Assim, convido todos e todas para a aventura de ler e interpretar as vivências dessa juventude, rememorando o seu passado, para compreender o seu presente e criar projeções futuras.

4.1 A pequena semente¹⁵

Eu nasci em um berço espírita, pois meu pai e minha mãe tornaram espíritas desde antes do nascimento do meu irmão mais velho. Então, desde bebê eu frequentei a Associação Espírita Vidal da Penha (AEVP) acompanhando-os nas atividades realizadas. Mais tarde, assim como meu irmão, começamos a participar da Evangelização Infantil desse mesmo centro espírita. Lembro de ter que ficar no Vidal até depois da Evangelização, pois minha mãe era a coordenadora do grupo de jovens, a mocidade, por isso, eu estava sempre por perto desse grupo de jovens, que naquele tempo meu irmão já era um dos integrantes. Mesmo ainda não sendo da mocidade, por não ter idade o suficiente, participava de alguns encontros semanais, viagens e eventos, pois estava sempre bastante próxima daquelas pessoas e gostava da companhia deles.

Quando completei os 15 anos entrei, oficialmente, na Mocidade da Associação Espírita Vidal da Penha. Considero uma época muito boa da minha vida, pois tive a oportunidade de atuar junto com outros jovens nas diversas atividades do Movimento Espírita Juvenil, agora como jovem. A partir daí, participei de Acampamentos, EMECE's (Encontro de Mocidade Espíritas do Ceará), diversos outros eventos voltados para a juventude espírita que antes só ia deixar os jovens com a minha mãe até os devidos locais, pois era muito nova para participar.

¹⁵ Todas as falas das jovens e do jovem que participaram das entrevistas narrativas e do Círculo de Cultura, estão em itálico para diferenciar da minha escrita.

Por frequentar o centro espírita desde criança, sempre me senti muito à vontade em estar no Vidal, e hoje eu o vejo como uma segunda casa, onde as portas estão sempre abertas para me receber e onde o dever chama. Nunca me questionei sobre qual religião deveria seguir, devido ao fato de me encontrar muito no Espiritismo e me ver sempre bem com seus valores e ensinamentos. É claro o quanto a minha família me influenciou na permanência na Doutrina, no trabalho na evangelização e no meu envolvimento no COMECE, como meus evangelizadores minha mãe e meu irmão serviram como uma grande fonte de inspiração e exemplo no trabalho para com o movimento espírita.

Em 2016 o Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará – COMECE, foi criado, inicialmente com a tarefa de organizar a 16ª edição do Momento da Arte Juvenil Espírita (MOARJE). Essa primeira formação do COMECE reunia jovens que a Coordenação da Infância e Juventude acreditava que possuíam um perfil atuante no movimento espírita. Nesse ano, participei do MOARJE como integrante de uma das mocidades convidadas a se apresentarem. Ao final do evento, eu, assim como muitos que ali estavam presentes, nos emocionamos com o espetáculo que assistimos, com a dedicação de cada integrante do Coletivo na realização desse evento, feito por jovens que nunca tinham realizado algo parecido.

No ano seguinte, o Coletivo continuava os preparativos para o lançamento da 17ª edição do MOARJE, nesse momento tive a oportunidade de ajudá-los na divulgação do evento a partir da realização de um vídeo apresentando o evento, que seria apresentado durante o EMECE de 2017, o que mais tarde tornaria a minha porta de entrada para o COMECE. Fiquei muito feliz e grata por poder ajudá-los naquele momento, somando com as minhas habilidades.

Ainda no ano de 2017, durante o EMECE, o COMECE organizou o I Fórum da Juventude Espírita do Ceará (FOJECE), o qual eu estava presente como jovem do evento. Ouvi o depoimento de diversos jovens sobre suas atuações nas mocidades, nos centros espíritas, como também, no movimento espírita de uma forma geral. Foi comentado como o jovem espírita pode fazer mais do que apenas frequentar a mocidade. Assim, através de conversas sobre o protagonismo juvenil, saí da sala muito motivada a fazer mais pela Doutrina Espírita, disposta a me doar mais no trabalho no bem.

Então, além da minha entrada para a faculdade naquele ano, entrei para o COMECE, o que me deixou muito alegre e fez com que aumentassem as minhas responsabilidades para com o movimento espírita, como também, comecei a evangelizar

junto com a equipe da evangelização infantil da AEVP¹⁶, o que futuramente me possibilitou participar do I Encontro Nacional de Evangelização Infantil e Juvenil (ENEIJ), o primeiro evento fora do estado do Ceará que participei.

Nesse evento tive a oportunidade de conhecer outros jovens que assim como eu, participavam de grupo de juventudes espíritas e evangelizava, nesse evento percebi como o movimento espírita não se restringe ao meu centro espírita, nem ao meu estado e que os jovens espíritas ainda precisam reconhecer todo seu potencial de atuação, não se restringindo a famosa frase “o jovem espírita é o futuro do movimento espírita”, uma vez que temos capacidade de fazer muito no agora, não precisamos esperar para nos tornar trabalhador espírita ou mudar a realidade a qual nos encontramos.

O Espiritismo entrou na minha vida muito cedo por ser a doutrina que meus pais seguem. Ser apresentada dessa maneira ao Espiritismo, nunca fez com que me sentisse obrigada a frequentar as reuniões ou participar das atividades. Me sinto muito acolhida por saber que questionar é uma atitude positiva e enriquecedora, que nos faz compreender melhor os princípios; que todos são bem vindos dentro de uma casa espírita; que a missão da Doutrina Espírita não é fazer as pessoas espíritas, e sim melhores a cada dia, através da caridade, do amor em ação.

É difícil expressar em palavras o significado da minha vivência dentro do movimento espírita. Com a mocidade e com o COMECE eu tive a oportunidade de fazer novos amigos e reforçar os laços de amizades que já tínhamos um com o outro. Participando das atividades no Coletivo, na evangelização infantil e na Mocidade tive a oportunidade de desenvolver competências que não estava acostumada a trabalhar, como a oratória. Sempre fui muito tímida, mas o trabalho para desenvolver certas atividades me permitiu exercitar a fala em público, perdendo o medo de pouquinho em pouquinho. Outra relevância que atribuo a todas essas atividades que participo, é o fato de através de todos os estudos e vivências na Doutrina Espírita, eu pude me perceber como um ser mais participativo e consciente da responsabilidade que a juventude possui para com a renovação da humanidade. E assim, pude me trabalhar para começar essa renovação dentro de mim, mudando velhos hábitos e me esforçando para dar mais passos no caminho do bem, reconhecendo-me como instrumento de trabalho.

Como membro do Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará me sinto com uma responsabilidade grande para com o movimento juvenil do estado. O compromisso com o

¹⁶ Associação Espírita Vidal da Penha.

nosso trabalho nunca deixou de ser uma prioridade, pois sei da importância das nossas atividades, a realização do MOARJE, do FOJECE, das atividades sociais e a divulgação da Doutrina Espírita. A cada dia me percebo como representante da juventude espírita, e ciente da tarefa do COMECE, em despertar no jovem espírita a vontade e o compromisso de mudar o mundo, a partir do trabalho no bem.

Nem sempre eu soube o porquê que eu gostava tanto da Mocidade do Vidal da Penha, nem do Movimento Espírita, não sabia do tamanho da sua importância na minha vida. Hoje, compreendo que muito do que sou é influência da Doutrina Espírita, das pessoas que conheci no Movimento Espírita, das experiências que vivi e dos sentimentos que tive ao longo desses anos. Isso faz com que siga mais confiante em um futuro onde as pessoas possam se reconhecer como irmãs, a partir do respeito às diferenças, onde o amor e a gentileza prevaleçam.

Ser jovem espírita, é saber porque você está aqui e qual a sua missão, o jovem espírita é alegre e possui vontade de trabalhar em prol de uma causa maior, ele reconhece toda sua capacidade de aprender e mudar a si mesmo e o mundo, quando se identifica como um cidadão do universo a serviço do Pai Maior.

4.2 As vivências de uma jovem espírita: do autoconhecimento a reforma íntima

Eu nasci em berço espírita, desde criança frequento aqui, sempre eu vinha acompanhada com a mãe, eu fazia parte do ESDE¹⁷, vinha para evangelização, normalmente é para começar com 4 anos e comecei com três, então eu sempre estava por aqui e acabo conhecendo tendo amizade com todo mundo da casa e nas atividades evangelização tive contato com muita gente e também do grupo fantasia, que era um grupo de palhaços voluntários que trabalha aqui na casa, visitando outras crianças de abrigos e em hospitais. E sempre que tinha festinha eles apresentavam na evangelização e isso ficou muito marcado na minha infância, “sempre que tiver festinha, vai ter festinha do Grupo Fantasia” e eu lembro de muitas músicas e de muitas brincadeiras, de tudo. E deixaram realmente bem claro na questão sempre reconheci como Espírita desde quando era criança. Aí o tempo foi passando fui estudando no ESDE e também na mocidade que tive contato com muitos jovens, muita gente já passou por aqui, muitos jovens mesmo.

¹⁷ Estudo Sistemático da Doutrina Espírita.

E as aulas aqui nunca foram realmente paradas, sempre foram aulas que faziam com que a gente refletisse, faziam com que a gente olhasse nosso papel como jovem, nosso papel como jovem Espírita, sempre colocaram isso em questão por que isso ia de acordo com as vivências que a gente tinha via de acordo com as aulas, e como eu disse, não eram aulas paradas, sempre faziam o link com a realidade, tudo no com a base espírita, então o tempo foi passando e a questão e fui tendo também várias atividades tanto na casa, com na Mocidade, tendo outras vivências não só dentro da casa espírita com outros eventos.

Comecei a ir pro EMECE, para o encontro de mocidades, na época eu estava com 10 anos, eu lembro que meu primeiro EMECE o tema foi "Terra" estava lá no PRÉ-EMECE ainda, e estão aqui na SOESMA a gente nunca deixou que a juventude ficasse só dentro da sala da Mocidade, enfim, tinha que ter contato com outros jovens, tinha que ter contato com outras realidades. A minha vida digamos assim profissional, estudando, fazendo faculdade, trabalhando, acabou tendo outros reflexos, outras realidades.

Se o jovem queria realmente continuar na Doutrina Espírita por conta de achar as outras coisas sendo mais fáceis, achando mais fáceis ir para festa só curtir, enquanto quem trabalha, estuda, jovem que faz isso, final de semana quer sair, quer curtir e a gente vem para casa Espírita e vai estudar e quando se compara com outro tipo de jovem acha que somos caretas, que é chato por conta que em vez de tá curtindo tá estudando, né então desde cedo eu fui taxada com besta por não sair e ir ficar na Mocidade, mas não era coisa chata era realmente porque eu queria, porque eu gostava, e quanto mais aconteciam coisas, mais trabalhos na casa parecia, então entrei na equipe de evangelizadores, e entrei no grupo fantasia e tudo isso me ajudaram a várias coisas, o amadurecimento mesmo.

Enquanto tinha atividade tanto dentro da casa como também aconteciam outras coisas fora, tinha o EMECE, saía para assistir às apresentações do MOARJE, a gente foi para o Piauí, o MACEPI¹⁸, teve a CONBRAJE¹⁹ Nordeste. Então tudo isso foi ao mesmo tempo que tinha atividade na casa. E realmente foi maravilhoso, foram coisas que realmente deixam marcado na nossa vida que quem sempre o nosso propósito quem vivencia isso é repassar e por estar sempre ativo nos movimentos e acabei sendo convidada junto com outros jovens que eram atuantes para compor o COMECE que é o Coletivo de Mocidades Espíritas, e o COMECE realmente foi de grande ajuda, ver que a gente está fazendo parte disso, dos movimentos.

¹⁸ Congresso de Juventude espírita da Microrregional Maranhão, Ceará e Piauí.

¹⁹ Confraternização Brasileira de Juventudes Espíritas.

A gente vê que também somos trabalhadores do movimento espírita que coloca a gente como realmente para trabalhar para isso ajuda muito na questão como eu disse de amadurecimento, porque uma coisa é realmente a gente ser jovem e só escutando que um adulto tá dizendo mas a gente ser jovem e fazer coisas, fazer trabalhos para outros jovens, que outros jovens tenham aquilo, a gente acaba tendo realmente uma responsabilidade muito grande a fazer o MOARJE, colocar temas com que instiguem os jovens trabalhar aquilo em tempo na realidade atual, trazer de temas do evangelho para poder trabalhar é realmente muito positivo porque a gente vê que o não é para estudar o evangelho de dentro da casa a gente colocar ensinamentos na nossa vida por isso que sempre quando estando Mocidade como no MOARJE, sempre colocam a Doutrina Espírita sempre no contexto atual, para os jovens entender e não é ser jovem só na casa Espírita, não é ser jovem é movimento Espírita mas se na vida como na questão do pensamento, a questão da maturação.

Acho muito gratificante e realmente eu levo os ensinamentos, levo o que eu aprendi o que eu internalizei realmente para a vida toda e para onde eu vou tem isso, a gente enxergar com os olhos espíritas, a questão de festa, questão de posicionamento tanto político muita coisa realmente a gente coloca com os olhos espírita, eu gosto muito e eu não vejo saindo disso, estando em outro canto. O que eu vi, o que vivenciei é realmente querer repassar tudo, não consegue vivenciar e guardar e deixar em uma caixinha presa, é realmente repassar é se melhorar cada vez mais.

Teria uma Orlanna antes e depois dessa experiência? Eu posso falar sobre esse antes e depois quando eu era só jovem e não era trabalhadora, não trabalhava nem nada não tinha nem outro campo não era evangelizadora e nem fazia parte do Grupo Fantasia²⁰, as vezes eu queria realmente ficar em casa, sair, mas eu faltava, era algo solta, mas quando realmente comecei encarar a responsabilidade de ser evangelizadora de fazer parte do grupo fantasia de trabalhar de ver a importância daquilo, não se tornar obrigatório que seja Obrigada tá ali todo sábado, sabe, mas era a estão de compromisso, de você ver que que é necessário você tá ali. Tudo que acontece no movimento, tanto como como um jovem mas como trabalhador da casa, tem o trabalho sempre realmente eu posso sempre eu tô participando porque tem que trabalhar isso e se eu me comprometi como evangelizadora eu não só vou pegar o tema da aula 2 horas antes para poder dar aula, realmente eu sempre tá ali eu tenho que estudar então eu vejo o propósito eu passar conhecimento para criança eu tenho que estar na Mocidade, ESDE tem que fazer outro grupo de estudo tem que fazer

²⁰ Grupo de educadores palhaços da Sociedade Espírita de Maracanaú que realizam atividades lúdico-pedagógicas em abrigos no município de Maracanaú.

outras coisas porque como é que eu vou passar uma coisa que eu não sei? então como tem as coisas realmente chega pra poder continuar então eu vejo que antes eu era realmente solta vinha por obrigação, mesmo eu gostando de andar aqui, gostando das pessoas, mas eu vinha para cá brincar, mas quando depois acabou tendo compromisso, responsabilidade você vê o Real motivo de tudo aquilo você ver com os outros, você ver que realmente tem um trabalho atrás disso.

E o que é esclarecer para mim assim o que é ser jovens e trabalhadores hora e outra tu fala assim a senhora essa jovem sei o quê agora trabalhadora O que significa ser jovem trabalhador tá colocando aí só para esclarecer para ficar quando eu falei trabalhador é que eu quando comecei a eu e a questão de trabalhadora porque mas também eu também é porque eu falei que eu não trabalho não só deixar mais claro assim para mim assim então o que é o que é que seria tem um jovem Espírita e se existe isso jovem Espírita jovem espírito trabalhador ou então é só trabalhador Tu podia conceituar isso

Eu não sei os outros, mas porque nem todos os jovens quer trabalhar na casa, mas tem muito jovem que realmente quer ser visto dentro da casa Espírita, conhecido aqui na SOESMA ²¹não tive dificuldade, desde cedo colocaram os jovens realmente para trabalhar para fazer alguma coisa nem que seja para entregar a mensagem ou para ajudar as crianças, têm que ser visto e quando eu digo assim só jovem que frequenta é que tem muitos assim que vão realmente obrigado pelos pais, que tem que ir para mocidade só porque o pai é trabalhador da casa tem outra outra função na casa e não só estudar. E quando ele o pai dele fica forçando a criança ou jovem a ir então acho que ele já não tá 100%, pode até gostar, mas quando coloca uma função algo para chamar atenção desse jovem e acaba mudando porque vai mudar a cabeça dele vai mudar o comportamento. Até em uma aula de uma criança de infantil todo mundo brincando aqui tudo assim, os “Danados” digamos assim e quando você dá uma função para uma criança dizer a ela, dar a ela um função vai olhar tal coisa ele muda o perfil dele para poder se realmente dar de conta do que foi colocado para ele, então ele vai levar aquele que foi destinado realmente com responsabilidade então quando um jovem ele é colocado para trabalhar de uma forma e ele acaba realmente vendo o que daquilo.

²¹ Sociedade Espírita de Maracanaú.

4.3 O sentido das coisas: minha caminhada

Começando com uma linha histórica, eu não tenho muitas recordações da minha infância. Eu não nasci em um berço espírita, apenas a minha tia Silvia, seu marido e meus primos eram espíritas. Sempre fui muito próximo dos meus primos, principalmente do Mateus. Eu sempre vim passar as férias por aqui, na minha vó ou na casa deles mesmo.

A recordação mais antiga que eu tenho, como um flash de imagem, é de uma festa das crianças no Vidal. Nessas salas que nós estamos aqui nem eram salas, apenas um salão inteiro. Lembro que a tia Silvia nos trouxe junto com outros primos.

Depois disso, já começo a ter as recordações do EMECE (Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará. No início eu não participava de evangelização, mocidade ou qualquer atividade no centro espírita, mas quando chegava no carnaval, como não Colégio e nem para onde ir, normalmente eu vinha pra casa da minha avó, ou da Tia Silvia. Nesse período o Mateus sempre ia para o EMECE, e na época não era obrigatório ser espírita para participar do EMECE. Desta forma que eu comecei a participar, e se não em engano meu primeiro EMECE tinha o tema “Terra, qual o seu tempo”. Porém não foi a partir desse que passei a ir com continuidade. Também não lembro a minha continuidade, mas sei que passei uns dois anos sem ir, depois passei a ir de novo. E ainda não frequentava mocidade. Os amigos costumam dizer que eu era espírita só em evento. Lembro que participei do CONJECE²² e não frequentava mocidade, ia para o EMECE, MOARJE, ia para as viagens da mocidade e não participava da mocidade. Sempre fui amigo das pessoas da mocidade, mas não participava.

Segui dessa forma até chegar ao ACAMPA-ME²³. Aconteceu a primeira edição, lembro que o Mateus me convidou e eu não quis participar. Na segunda edição, o Serginho ia fazer uma festa e alugou um jogo de luz que eu e meu pai tínhamos. Nessa ocasião ia precisar de alguém que soubesse manusear os equipamentos para ligar durante a festa. Assim, eu fui como jovem participante da segunda edição do Acampa-Me, mas tinha a minha função específica durante a festa.

Eu costumo dizer que existe um “Léo” antes da segunda Acampa-me e um “Léo” depois do segundo Acampa-me. Porque eu fiquei maravilhado com aquele evento, nunca tinha visto nada parecido e pra mim foi o auge e eu queria muito continuar indo. A partir daí, quando começaram as organizações para a terceira edição do evento, veio uma regra nova,

²² Congresso de Juventudes Espíritas do Ceará.

²³ Acampamento de Mocidades Espíritas.

em que o jovem deveria estar participando de uma mocidade espírita ou alguma atividade no centro para poder ir para o acampa-me. Então foi a partir daí que comecei a frequentar a mocidade do Vidal todos os sábados, e foi quanto eu comecei a estudar realmente a Doutrina Espírita, com 15 anos. Lembro que na época nós estávamos estudando livro Nosso Lar.

Logo depois da segunda edição do Acampa-me, eu fiz vários amigos e peguei muitos contatos. Um deles foi o da Amanda, que era jovem da mocidade do Centro Espírita Irmão Leite. Ela não tinha participado do acampa-me, mas nos conhecemos nas redes sociais e começamos a sair juntos. Aí é outro ponto importante nessa experiência de Doutrina Espírita, que é começar a me relacionar de forma amorosa com uma pessoa que já era do movimento espírita e que nasceu em um berço espírita. Querendo ou não, isso me pendeu mais ainda no movimento. Foi quando eu passei a ser mais atuante, está em todos os eventos.

Lembro que os ACAMPA-ME'S foram acontecendo, e lá pela quarta edição nós já tínhamos uma gama de contatos com outros jovens, de diversos centros espíritas. Então ir para todos os eventos do movimento era mais gratificante, pois eu tinha muitos amigos.

Indo agora um pouco mais para a pergunta que você fez, acredito que o que é mais relevante e a principal mudança na minha vida, com certeza é a Moral. É começar a ver as coisas com outros olhos. A Doutrina Espírita tem uma base científica, então isso sempre me deu muito confiança de chegar em um determinado lugar e me reafirmar como espírita e dizer como as coisas são. Por não ser uma fé cega.

Falando isso, eu me lembrei de outro marco muito relevante pra mim nesse período. No CONJECE que eu mencionei antes, que aconteceu no antigo centro de convenções. Nesse evento eu lembro que o Divaldo Franco palestrou pra nós e no final estavam todos os jovens com os adultos no salão principal e o Divaldo, ao encerrar a fala dá uma comunicação de Bezerra de Menezes. Eu não entendia muito bem o que estava acontecendo, foi o Mateus quem me disse que era Bezerra e que era uma comunicação. Para mim, aquela imagem ficou marcada. Talvez eu até tenha visto em algum canto, ou na igreja uma comunicação, mas foi a primeira vez de forma consciente.

Essa razão da Doutrina Espírita me dá uma segurança de chegar nos cantos e me dizer espírita, e falar como as coisas acontecem. Além do estudo da Doutrina Espírita, uma coisa que me deu uma grande mudança em quem eu sou hoje, foi as pessoas com que eu me relacionei dentro do movimento espírita. O Serginho, não só para mim, mas para muitos jovens, foi uma pessoa muito importante, por ser muito ativo no movimento, por participar de todas as atividades e por incentivar os jovens a estar ali a fazer as coisas. Ele foi coordenador da mocidade do Vidal e incentivava a gente a fazer o nosso estudo e não ele

chegar e só repassar. Assim como ele, as minhas primeiras evangelizadoras do EMECE também foram muito importantes, que foi a Tia Sheyla e Eliane. A Lina que foi trabalhadora do CEJE durante muito tempo, a tia Rose. Então para além da Doutrina Espírita, essas pessoas têm uma relevância muito grande. Claro que essas pessoas foram formadas pela doutrina, mas a relação foi muito importante pois eram minhas referências, e ótimas referências.

Antes de me envolver com o movimento espírita, no colégio eu sempre fui um aluno problemático, com notas baixas e envolvido em brigas. E quanto eu fui morar com meu pai, no Maracanaú, foi no exato momento que apareceu o acampa-me, e teve essa mudança. Passei a não ter mais problemas no colégio e deixei de ser o garoto problema. Ter boas relações interpessoais e sabia se portar nos lugares. Passei a entender as possíveis consequências das minhas ações.

Querendo ou não, ao estudar a doutrina na mocidade, você passa a ter uma visão diferente das coisas. E o Espiritismo, por ter uma base científica, sempre se aplicou muito bem no meu cotidiano. Após o período colégio, quando eu entrei na faculdade, passei a ter mais consciência dessa relação. Nos primeiros semestres, quando eu comecei a estudar as partes do funcionamento do cérebro, no mesmo período estudávamos mediunidade na mocidade. Então eu comecei a fazer essa relação.

A gente estava vendo como funcionava a comunicação espiritual, e vimos que ela se dava através de uma glândula que temos no cérebro que capta o ectoplasma para fazer a comunicação acontecer. E na faculdade eu estudava Neuroanatomia e a professora nos apresenta a glândula Pineal, que era justamente a mesma responsável pela comunicação espiritual. Nesse momento eu comecei a ter mais consciência que o Espiritismo é inerente a minha vida e não algo separado do contexto.

Eu lembro que comentei com a Débora no Encontro de Evangelizadores que quando eu decidi estudar psicologia, uma pessoa que é trabalhadora do movimento espírita daqui há muitos anos, altamente conhecida e nós éramos muito próximos nessa época. Ele chegou pra mim e disse “Léo, tem certeza que você quer estudar psicologia?”. Na real, eu não tinha certeza, mas achava que sim. Sempre fui muito ligado as ciências naturais e tecnologia, mas fazendo um estágio em um RH, me aproximei de psicólogas e acabei gostando. Em seguida, a mesma pessoa me disse “Léo, todas as pessoas que eu conheço que eram espíritas e começaram a estudar Psicologia abandonaram a Doutrina Espírita e passaram a ser só cientistas por causa da Psicologia”. Isso me deixou muito pensativo,

porque era muito pessoa que era uma referência na época, mas segui no objetivo de estudar Psicologia.

Quando eu comecei a estudar Psicologia, pra mim foi totalmente o inverso que ele havia falado. Com o estudo científico da Psicologia, para mim deu mais sentido ao Espiritismo. Quando fui aprofundando mais nos estudos, já para o final do curso, eu tinha que escolher a minha metodologia de trabalho como psicólogo. A Psicologia tem diversas vertentes de trabalho e linhas teóricas, a forma como você escolher sua linha teórica é muito natural, de acordo com a sua visão de homem e como as pessoas se relacionam com o mundo. Nesse momento que eu percebi que eu era psicólogo Humanista, e essa escolha vem para mim muito com a minha base espírita de como enxergar as pessoas. Um ser único, espírito que está ali e não pode ser generalizado em nenhum momento, ele tem as suas livres escolhas, e eu como psicólogo não posso dizer o que aquela pessoa deve fazer. Na linha humanista, todas as escolhas são feitas pelo paciente, o psicólogo vai fazer uma troca de experiências com o paciente, e todas as decisões são tomadas por ele, pois ele é o total responsável e tem o livre arbítrio para isso. Isso eu vejo muito quando estou estudando Espiritismo, quem é esse ser e as consequências de todas as suas escolhas é você mesmo quem vai arcar.

A todo o momento eu me lembrava daquela fala que tinha me dito no início, antes de começar a faculdade, onde os psicólogos abandonam o Espiritismo. Mas pra mim foi o inverso, ela só reforçou a minha crença. Claro que em nenhum momento eu coloco a Doutrina Espírita dentro do consultório clínico, porque naquele momento não cabe isso, mas ela veio me ajudar no sentido profissional em como eu vejo as pessoas.

Seguindo a linha do tempo, vou dá um salto pra quando a gente chega no COMECE (coletivo de mocidades espíritas do Ceará). Quando a gente estava no EMECE, e eu sempre fui muito pra frente em participar das atividades e está presente em todos os eventos. Jahannes, Larissa e Aline, nos chamam para falar sobre o MOARJE, sobre suas origens e estavam com a ideia colocar aquelas pessoas que estavam ali, pessoas que eram mais ativas no movimento, para encabeçar a organização do MOARJE. E aí na euforia todo mundo ficou animado, super topamos o convite e foi massa.

Então o EMECE acabou, nós sentamos para conversar e percebemos que tinha muita coisa pra fazer e organizar. Então começamos a entender como funcionam as coisas e essa relação mais próxima de trabalho. O grupo que se construiu era de pessoas que já se conheciam e que eram amigas. Mas uma coisa era encontrar essas pessoas nos eventos e finais de semana e outra coisa é sentar e trabalhar juntos. Foi quando começamos a perceber

as particularidades de cada um. Que área cada tem mais desenvoltura, onde desenrola mais. Começamos a pensar em locais, estrutura e como fazer esse MOARJE acontecer.

Na minha cabeça eu sempre pensei muito no prático. Vamos fazer tal coisa de decoração, organização de palco, entradas e saídas das apresentações. Mas eu sempre tive a dificuldade da parte teórica. Não é só montar a estrutura, ele precisa de uma base teórica. E graças a Deus nós tínhamos pessoas com base teórica maior que eu e que estudavam a mais tempo que eu, além da CIJ.

Acredito que a partir desse primeiro MOARJE que a gente organizou eu consegui ter essa percepção de que precisava parar pra estudar mais e não é só parte prática. E que eu precisava estudar mais do que eu estudava só nos finais de semana.

Então passou segundo e terceiro MOARJE que a gente estava na frente, e nesse período o Serginho que era coordenador da mocidade do Vidal se afastou. E para mim foi uma quebra muito grande, porque eu meio que tinha entrado de cabeça no movimento espírita por causa dele, por conta de atividades idealizadas por ele. E querendo ou não, foi uma referência muito importante pra mim. Então, além do acampa-me, ele era coordenador da minha mocidade, era uma toca muito grande.

Com a saída o Sérgio, a mocidade meio que se desestruturou um pouco. Jovens que eram muito ligados a ele se afastaram também. Nós tentamos nos organizar para manter os estudos até chegar uma coordenação nova. Passamos um determinado período sem ninguém, mas mantivemos os estudos. A gente diz que o Serginho preparou a gente muito bem pra saída dele, pois ele nos incentivava a fazer os estudos todos os sábados. Então quando ele se afastou, a gente sabia como fazer as coisas.

Entrou uma coordenação nova na mocidade e a estrutura do trabalho ficou a mesma, mas não era a mesma coisa. Era uma nova liderança, chegaram novos jovens e o grupo se modificou. Digamos que o meu grupinho todo saiu da mocidade, alguns viraram trabalhadores da casa, outros se afastaram. Com isso eu comecei a não me sentir parte daquele grupo. Além do fato da afinidade, com os trabalhos do COMECE de MOARJE e tomando a frente de algumas atividades no EMECE, eu comecei a refletir e até conversei bastante com a Natalia e percebi que alguns jovens poderiam está me usando como referência por eu sempre está ali na frente, falando e tomando a responsabilidade para mim. E aí além de não me sentir parte daquele grupo da mocidade, como que eu vou ser referência para aquelas pessoas se eu não tenho uma boa base teórica, se eu não faço um estudo mais intenso. E foi quando eu decidi me afastar da mocidade e pra tentar entrar em um estudo mais específico, que no caso foi o ESDE. Ainda participando de todos os eventos como jovem,

mas indo para o ESDE. Só que quando eu comecei a ir para o ESDE o grupo só tinha 3 pessoas, eu estava muito empolgado, mas no primeiro só eu ia para o estudo. Então eu comecei a não me sentir também parte daquilo ou não ter certeza se era daquela forma que eu queria estudar. Passei a faltar o estudo, ir em um sábado e outro em outro centro espírita. Eu sentia que precisava estudar aquilo, mas não conseguia manter o foco.

O ano de 2018 inteiro eu foi quando eu passei mais afastado. Não levando o centro espírita como uma prioridade na minha vida. Mas ainda assim continuava trabalhando com o COMECE fazendo a organização do MOARJE, as atividades do EMECE. Isso até o período que chega a CONBRAJE Nacional, que é algo que nós estávamos esperando a muito tempo. A Confraternização Brasileira de Juventude Espírita, primeira a nível nacional, que a gente já sabia que ia acontecer em Brasília, que iam ter jovens do Brasil inteiro e estávamos muito ansiosos para isso.

Quando chegou o período de inscrição tudo mundo deixou pra última hora e eu ficava sempre me perguntando se eu deveria mesmo ir para a CONBRAJE, será que lá é meu local?! Eu não estou participando de mocidade, eu não estou levando o centro espírita como uma prioridade nas minhas atividades semanais, eu não estou estudando. Fiquei muito nesse questionamento pessoal e ao mesmo tempo percebendo que o número de jovens que iriam pro evento era muito pequeno. Mas eu comecei a ficar um pouco mais instigado para isso e com vontade de vivenciar aquilo.

Decidi ir, não tínhamos dinheiro pra comprar passagem, arrumamos cartões de crédito e parcelamos. A CONBRAJE foi uma experiência única, de forma teórica e formativa, mas a questão pessoal foi muito foda/pesado. Quando eu paro pra pensar o que foi a CONBRAJE, não teve muito estudo, conteúdo. Foi o tempo todo muito pessoal para cada jovem. A primeira atividade em sala foi colocar no papel uma estrutura que fazia a gente se conhecer, trazer pro consciente coisas de nós mesmos, ver onde nós gastamos mais energia.

Quando teve uma atividade em uma das manhãs, a atividade do quadrado que era dado uma situação e quem se reconhecesse naquilo deveria entrar no quadrado. Eu comecei a perceber que uma coisa tinha muito relação com a outra. Teve um momento que deveriam entrar no quadrado quem tinha problemas com a família, então uma “ruma de gente” entrou no quadrado, inclusive eu. A pergunta seguinte a essa foi sobre quem faz o evangelho no lar, e poucas pessoas entraram no quadrado. Nesse momento percebi que talvez boa parte dos problemas nas minhas relações familiares poderiam se resolver se eu fizesse o evangelho no lar. Atualmente eu moro com minha mãe e pretendo sair de lá em breve. Voltei para a casa dela há pouco tempo depois de quase 9 anos e nossa relação não é muito boa. Mas talvez se

eu chegasse em um domingo à noite, conversasse com ela e convidasse para fazer o evangelho e isso virasse uma rotina, talvez a relação melhorasse bastante. Eu fiquei pensando muito nisso.

A CONBRAJE foi muito particular para cada participante. Foi um trabalho coletivo no sentido de que estavam muitas pessoas interligadas, mas acredito que os processos foram individuais.

Quando a gente voltou eu me deparei com algumas situações que já vinham acontecendo, mas que eu tentava me esquivar. Uma delas era a desestruturação em massa da mocidade do VIDAL, jovens saindo e se afastando, a pessoa que está à frente da coordenação passou um ano acompanhando e disse que ia se afastar, mas acabou não teve ninguém para substituir e a coordenação continuou. Para mim ficou muito o sentimento de que aquela pessoa não queria está ali a frente da mocidade, mas como não tem outra pessoa para ficar ela ficou. Acredito que isso também tem relação com a desestruturação da mocidade.

Quando eu voltei da CONBRAJE eu estava pensando se esse era o meu momento de entrar mais a frente, focar em um estudo mais específico e assumir aquilo como uma responsabilidade. E fui percebendo que a problemática é um pouco grande, muito mais amplo que só a mocidade. Na CONBRAJE eu tive várias trocas com jovens de vários estados e entendi que a realidade é a mesma, ainda que em alguns cantos tenham mais pessoas o problema é mesmo, a desestruturação das casas espíritas, das mocidades, picuinhas dentro do movimento espírita, a descentralização das federativas.

Sentando pra conversar com pessoas que estão mais a frente no movimento, como a tia Silvia, eu vejo o tamanho da problemática que o Vidal da Penha está inserido. E agora vejo que eu preciso chegar junto com essa galera que está a frente e tentar assumir mais coisas, mais trabalho. Preciso ver o Vidal da Penha como uma casa minha, que foi onde eu me formei e que eu preciso retribuir de alguma forma, talvez esse seja o momento.

Nesse momento eu conversei bastante contigo (Jahannes) e com a Tia Silvia, inclusive no dia que chegamos da CONBRAJE eu estava muito decidido sobre isso. Nesse período chega o encontro de evangelizadores em que eu quis participar e vocês dois me incentivaram a ir.

Eu ainda não consigo me ver como trabalhador/evangelizador. Para mim o encontro de evangelizadores foi mais uma confraternização do que um estudo específico. Não sei se porque as salas de trabalho que fiquei eu já tinha uma certa proximidade e consciência sobre o assunto.

Consigo me ver trabalhador como COMECE sendo jovem atuante, mas trabalhador não consigo me ver ainda. Porém quero estar mais próximo do centro espírita para entrar nisso.

Sobre não me sentir como trabalhador do movimento e tal. Eu vejo o processo, primeiro você é da evangelização infantil, depois passa para a mocidade e depois vira trabalhador da casa, como se fossem ciclos. Sei que não necessariamente se dá dessa forma, mas eu vejo assim.

Como COMECE eu vejo o trabalho, mas ainda sendo jovem. Eu realizo trabalho, mas continuo sendo jovem de mocidade. Vejo como níveis, e ainda me vejo no nível de jovem fazendo trabalhos, mas no nível de jovem. Ainda não me sinto confiante de assumir um trabalho sozinho. O COMECE é um Coletivo e eu sou apenas uma estrela da constelação, não faço nada só. Talvez eu até esteja sendo um pouco confuso, sendo trabalhador não quer dizer que eu vá fazer tudo sozinho, mas que ainda não tenho nível alcançado.

Se há uma diferença entre ser do COMECE e ser trabalhador do centro espírita, não sei explicar. É algo de se sentir, se reconhecer no local de trabalhador. É aí onde entra minha encruzilhada. Como eu me afastei da mocidade eu não sei se consigo voltar ao grupo da mocidade, até porque não sei se as pessoas vão me reconhecer como parte do grupo de mocidade. Só consigo me ver retornando talvez como evangelizador daquele grupo. Mas ainda não me sinto confiante pra isso.

Para ter esse reconhecimento eu acho que o que falta é começar. Entrar logo, acompanhando a coordenação como foi sugerido e a partir daí passo a me ver ali. Assim como foi no COMECE, não me via ainda naquela atividade, mas quando foi passando o tempo começamos e perceber a responsabilidade que temos fazendo aquele trabalho. Acho que o que está faltando é essa tomada de consciência.

4.4 A caminhada do meu ser imortal

Acho que para falar da minha trajetória no movimento espírita não tem mesmo como eu não falar do antes dela, porque quando eu me incluí no Espiritismo, aliás no centro espírita, não no Espiritismo de fato, eu ainda era bem pequena tinha uns cinco, seis anos e eu fui para evangelização infantil, e eu só fui porque um amigo meu cantava as musiquinhas indo para a escola: “Formiguinha na Chuva” e a “música do João que comeu pão”. E aí que eu fiquei interessada nessas musiquinhas e pedir para a mãe me colocar, a minha irmã já

participava só que ela não me levava, então, é a partir desse momento que eu fui me incluir nesse contexto.

Eu tenho muitas lembranças da época do André Luiz, centro espírita que fui inicialmente, porque os encontros eram quinzenalmente e tinha dias que a minha mãe não queria que a gente fosse porque tinha alguma coisa para fazer em casa, mas todos domingo, de 15 em 15 dias, a gente estava lá! E eu sentia que aquilo ali era muito importante para mim, eu ia nem que fosse só para brincar e para tomar leite com Nescau que tinha na merenda. E aí, a gente foi mudado de espaço para o Conselho, lugar que passou a acontecer nossos encontros quinzenais. Também, foi um momento que eu comecei a visitar outras igrejas, ia para missa quase todo domingo com a minha vizinha, fui para Universal também. E aí que quando eu estava com uns 9, 10 anos eu estava nessa fase de visitar outros espaços, ter novas experiências em outros lugares, não deixava de ir para o Centro Espírita, e eu sentia falta desse tipo de encontro no outros lugares que eu ia porque não era igual o que eu tinha na evangelização, nas igrejas tinha que assistir o culto e era muito diferente tinha coisas que as pessoas falavam que eu não acreditava e questionada, na minha cabecinha pequenininha de 9, 10 anos eles diziam coisas que eu não entendia e que para mim era errado eles falarem daquela forma e aí que eu fui me encontrando cada vez mais no centro espírita.

Mas eu não fazia outras atividades a não ser participar da evangelização, só que eu via também o grupo de amigos da minha irmã da mocidade, e eu achava muito legal, muito bom, minha irmã sempre tentava me incluir naquele espaço, levava para os passeios e eu gostava muito, eu queria muito fazer parte de um grupo como esse. E, então eu comecei a me incluir na juventude.

Eu sinto que me incluí no movimento juvenil espírita depois de um evento, que foi o primeiro acampamento – ACAMPA-ME, porque antes disso a mocidade que eu participava e participo hoje, é uma mocidade recomeçou comigo, na minha época era bem difícil de frequentar por conta da assiduidade, tinha momentos que era bom, mas não tinha muita gente. Tinha períodos que era só eu na mocidade, aí eu ficava muito triste. Voltava para casa e não tinha aquele contato ainda, aquela ligação com o Centro Espírita. Gostava muito das gincanas, e das atividades que aconteciam na evangelização, mas eu ainda não tinha sentimento de pertencimento.

Depois do primeiro meu acampamento, em 2013, eu conheci muita gente, mas fui assustadíssima, porque eu nem imaginava que existia um movimento além da minha mocidade, até imaginava..., mas, para mim, era uma coisa muito distante, que fazia mais

parte do contexto da minha irmã, e não do meu, porque como ela é mais velha, e ela participava muito de tudo que acontecia. Aí, quando eu participei do evento, eu conheci muita gente que eu não imaginava conhecer, viajei a primeira vez sem ter ninguém da minha família, sozinha numa barraca foi uma experiência muito maravilhosa. E na volta, com essa viagem eu só queria mostrar o que eu tinha aprendido lá, o que eu absorvi, como tinha sido, mostrar para o povo que foi muito massa! Depois disso, nos próximos ACAMPA-ME que aconteceram, eu gostava muito de fazer a divulgação do evento, porque aquilo era muito massa para mim, e eu queria que fosse massa pros outros também. Tentei levar o meu amigo que estava mais afastado, o Lucas.

Também comecei a me esforçar pra ir nos próximos eventos e comecei a participar mais da casa, do Centro Espírita. Comecei a frequentar a evangelização como ajudante da Rejane, que já foi minha evangelizadora. A Rejane evangelizava o terceiro ciclo e eu ficava ali sendo o apoio dela, mas naquela época eu era bem displicente, faltava muito, deixava ela muito na mão, mas com o passar do tempo, eu fui criando um significado maior para o sentido da evangelização, principalmente porque eu sentia que aquilo tinha sido muito importante para mim, na minha infância e até hoje na mocidade. Com isso, eu comecei a sentir vontade de estar cada vez mais naquele lugar, era o início da minha adolescência e naquele momento muitas coisas estavam acontecendo, comecei a ter problema de insônia, foi uma época muito difícil, sentindo até mesmo coisas espirituais estavam acontecendo, o problema maior mesmo, eu acho, que era eu lidar comigo mesma, a fase da adolescência é conturbada para todo mundo, para mim foi bastante! Mas não com problemas com os outros, mas comigo mesmo, foi uma época bastante difícil, com o problema de insônia, vinha a ansiedade e variação de humor e o medo de tudo. Em 2015, eu já estava na Universidade. no primeiro ano do curso e tudo o que eu sentia aos poucos, veio com tudo, eu não conseguia mais ter uma vida saudável, só que quando eu ia para evangelização/centro espírita, eu gostava muito de tá ali e era um momento que eu esquecia de tudo e é assim até hoje. Nesse momento eu tive muitas falhas e não procurei ajuda, principalmente, no centro espírita. Eu deixava sempre passar, mas sempre procurava tá com os amigos do movimento, porque eu sentia que aquilo me fortalecia mais, principalmente, nos eventos que aconteciam.

A mocidade passou a ser mais ativa, a gente passou a fazer mais atividades dinâmicas, passamos a ser mais próximos. Criamos um grupo muito forte, eu sinto que mesmo distante a gente está pra ajudar o outro e nós nos damos muito bem! O grupinho que é: Miguel, Lucas, Johnny e eu, além dos nossos coordenadores. Nós temos uma ligação muito boa, quando queremos alguma coisa, a gente faz tudo para dar certo, foram eles que me

ajudaram nos momentos que eu mais estava frágil, com os Evangelhos no lar, “viradões”²⁴... Eles foram chegando cada vez mais junto e participaram cada vez mais de tudo, a gente ia se juntando nos eventos, ia fazendo parte do movimento geral, foi quando levamos a maioria da Mocidade para o EMECE, e os eventos foram ficando cada vez mais fantásticos! Nos meu primeiro EMECE, eu me sentia muito sozinha, sem grupo, ficava muito perdida aí depois desses eventos que a mocidade começou a participar, que o Lucas também passou a me acompanhar mais, eu não me sentia mais assim.

Um evento muito marcante pra mim foi 15° EMECE, não lembro qual ano aconteceu agora, mas lembro bem ser o ano que o EMECE fez 15 anos, foi um dos melhores eventos que eu já fui, com certeza o que mais ficou marcado, que eu mais fiz amigos na minha vida, que tão aí até hoje! E, é tão bom, porque a gente sempre que se encontra é uma festa, pode ficar meses anos sem se falar, mas a gente sabe que ele tá ali pra tudo. Então, me aproximei de pessoas, que eu tive grandes amizades. E foram essas amizades que me fortaleceram e me ajudaram a me sentir de fato uma jovem Espírita, senti de verdade me fazendo parte daquele movimento, comecei a participar mais, ser mais ativa no movimento, procurei sair mais da minha casa Espírita, não queria ser apenas jovem do GERJ²⁵, queria participar do movimento no geral, é uma coisa que me fortalece muito. Tem dias, que às vezes, as crises de insônia voltam, o medo e o pânico também. E, o movimento tem ajudado muito com toda essa situação. É tão difícil falar sobre essas crises, eu nunca falei pra ninguém o que de fato acontece comigo, mas eu me sinto muito acolhida com os meus amigos do movimento. Principalmente, o COMECE, que é o Coletivo de Mocidades Espírita do Ceará, antes mesmo da gente formar o COMECE. Com certeza, ainda vamos encontrar várias pessoas por aí, assim como eu quero que elas nos encontrem também, pra formar um movimento lindo e cheio de amor.

O movimento espírita nos permite fazer muitas coisas, novos amigos... Eu passei a frequentar atividades bem diferentes do que eu estava acostumada, como: café da manhã no Parque do Cocó, e uma coisa que pensava muito era se eu tivesse em outro lugar, numa igreja, outra religião, se eu iria ser tão feliz, como eu sou fazendo parte do Espiritismo. Recebia muitos convites das minhas amigas para participar das suas missas e cultos, que também era uma coisa muito bonita, mas eu sempre pensava se me encaixaria tão bem como no Espiritismo. E eu sei que ainda tenho muito o que florescer, e o caminho é muito difícil, mas eu tenho ajuda de muitas pessoas, e eu espero conseguir. Não foi tão difícil fazer parte

²⁴ Os “viradões” que Natalia se refere é uma atividade estilo Noite do Pijama.

²⁵ Grupo Espírita Renascendo com Jesus.

do movimento espírita, mas me fazer pertencer ali foi, mas hoje eu percebo que não tem outro lugar do mundo que eu devesse estar que não fosse aqui.

Uma parte também muito importante do movimento, é o Léo, que agora é o meu noivo, a gente se conheceu no acampa-me, mas foi no 15° EMECE que fomos nos aproximar, fomos nos aproximando mais nos eventos seguintes e um puxava mais o outro para dentro do movimento, chamando pros eventos... A gente tentava ter um relacionamento, mas era importante que esse relacionamento não distanciasse a gente do movimento espírita, já que viemos dele, principalmente das nossas casas espíritas, já que somos de casas diferentes. E eu sou muito grata à espiritualidade por esse encontro, que tem me proporcionado muitos desafios e vontade de me melhorar seguindo no bem.

No 15° EMECE, que é o Encontro de Mocidades Espíritas do Ceara, eu não tinha grupo de mocidade, porque a minha mocidade não participava, as vezes ia eu mais uma ou duas pessoas no máximo e como eu já vinha de outros eventos como o acampa-me, eu não me sentia mais só, mas sentia a necessidade de fazer parte um grupo, eu fui tentando me inserir em vários grupinhos, até que eu percebi que não tinha como, que no momento que eu estava, eu poderia ser de diferentes grupos e isso me marcou muito, porque enquanto eu estava com um grupo de mocidade no almoço, eu estava com outro grupo em uma atividade da tarde, ou em um grupo pela manhã, e foi a partir desse EMECE que eu pensei que poderia não ser de um grupo em específico, mas que eu poderia fazer parte de um todo.

Nesse EMECE não tem o que dizer o que em específico me marcou, porque não foi o evento em si, por mais maravilhoso que tenha sido, mas foi o sentimento que eu senti, quando todos estavam juntos e tinha abraços coletivos, quando as pessoas nos tratavam bem e a gente sentia uma energia muito boa. Tinha muitas pessoas que eu já tinha conhecido antes, mas foi no EMECE a nossa aproximação, não apenas com o Leo como eu já tinha dito, por isso não foi o evento em si, mas o sentimento plantado naqueles momentos. Foi um EMECE que tínhamos ido para o ACAMPA-ME semanas antes e sempre chegamos muito afoitos querendo nos reencontrar logo, querendo mudar o mundo e ser amigo de todo mundo, e a gente leva esse sentimento pro EMECE, por isso foi o que mais me marcou.

Eu lembro que no EMECE depois desse, eu estava muito triste com algumas coisas que vinha acontecendo no movimento, por motivos pessoais de pessoas que estavam a frente do movimento juvenil. E nesse momento o movimento se separou, as pessoas estavam tomando decisões que prejudicava também os jovens e os influenciavas. Além de trazer muitas coisas ruins pro movimento como num geral, até hoje tem resquícios desses acontecimentos, como mocidades que pouco participam de outras atividades além dos seus

centros espíritas, e foram conflitos que nem foram esclarecidos, mas deixava claro ser de cunho pessoal, mas que infelizmente prejudicou um pouco. E até hoje tentamos nos reestabelecer disso. Reestabelecer o movimento que era antes.

Outra pessoa que me fortalece, no não só no Espiritismo, mas na minha vida toda, é a minha irmã. Foi quem me trouxe para dentro do Espiritismo, mas que também me orientou que eu sou livre para ter as escolhas que eu quiser. Sempre me orientou que eu não era obrigada a ser espírita, que eu posso ser qualquer coisa no mundo, mas que tudo que eu tenho aprendido tenha ficado algo de bom e que isso pudesse me guiar a ser uma pessoa de bem. Eu não tenho nem palavras para definir assim o quanto ela é importante na minha vida, porque desde sempre ela tá comigo sempre! E no movimento espírita, eu me sinto mais forte ainda porque eu sei que ela acredita em mim, eu sei que ela sabe que eu tento ser e fazer o meu melhor, e eu sempre faço isso por ela, por ela acreditar tanto em mim, fico muito feliz de hoje tá fazendo o que ela fez antigamente na época da mocidade dela, eu fico muito orgulhosa de mim tá seguindo os passos dela, principalmente porque ela é um exemplo de pessoa pra mim.

O movimento espírita tem me proporcionado muitas descobertas, aventuras e autoconhecimento, me fez enxergar amor nos pequenos atos e ter grandes encontros de carinho e amizade. O Encontro de Casais com Cristo – ECC²⁶, que começou com uma brincadeira, mas pra gente tinha um significado bem legal, viajar e ter encontros com companheiros de caminhada, por mais que a gente passasse um bom tempo sem se falar a gente sempre tentava algum jeito de se encontrar para conversar nem que seja para comer alguma coisa. Também tinha os encontros da nossa mocidade, saíamos muito para comer, para casa de alguém do grupo, fazemos os “viradões” e os estudos bem dinâmicos da mocidade, e eu crio muita expectativa por cada momento desse. Mesmo com a vida adulta chamando cada um de nós, mas esses momentos ainda acontecem. Nós, jovens, temos o papel muito importante, que a gente não sabe a dimensão, a importância que a gente tem! E, eu tenho pensando muito nisso, principalmente, quando eu estou no evangelização, porque na evangelização a gente tá ali no intuito de não formar espíritas, mas que aquela criança cresça com aquele sentimento do bem plantada no coração, que aquele espírito imortal consiga compreender melhor as coisas e aquilo ajude na sua evolução moral, fico muito triste que eu não consigo ter disciplina, não consigo também ter tempo conta do trabalho e

²⁶ Aqui Natalia relembra de uma viagem que fez com um grupo de amigos e amigas do movimento de juventude espírita. Percebeu que nessa atividade todos(as) eram casais de namorados e, a mesma brincando, faz uma comparação com uma atividade católica conhecida com Encontro de Casais com Cristo.

da faculdade para participar dos estudos que são muito importantes, da metodologia que é usada. Antes o trabalho era feito diferente, em outro espaço, tinha mais crianças da comunidade, precisamos mudar o espaço e ir para dentro do centro espírita mesmo e isso acarretou na evasão de muitas crianças, no início isso desestimulou bastante, mas passei a entender que estávamos ali prontos e o trabalho acontecendo. Antes, quando eu participava como evangelizanda, o trabalho era muito bom, e hoje eu me sinto responsável para que o trabalho continue muito bom, e ao mesmo tempo cai esse peso na consciência de “será se eu estou mesmo fazendo certinho?”, mas fico muito feliz pelo o trabalho que desenvolvo hoje.

Fico muito feliz que a maioria dos meus amigos do movimento, no geral, são evangelizadores ou tem interesse em ser, fico pensando nisso, nessa responsabilidade que a gente tem de evangelizar, e também na responsabilidade de ser jovem espírita, porque, principalmente nós do COMECE que temos uma maior visibilidade, temos que ser exemplos, eu fico com medo de não ser esse exemplo. Eu tento ser parte do movimento espírita de todo o meu coração, procurando sempre praticar os ensinamentos do Cristo e do evangelho, por mais difícil que seja, muitas vezes. Conheci diversos lugares como o Rio Grande no Norte, Piauí, Recife, Brasília, além de fazer andanças pelo meu Ceará. E um dos eventos que me proporcionou isso foi o acampa-me, o acampamento de mocidades espíritas do Ceará, um evento que infelizmente, não acontece mais, mas que as experiências que eu tive nele, com certeza foram as melhores experiências que uma pessoa poderia ter na vida, as experiências ali vividas foram únicas na vida de cada pessoa que por ele passou, ninguém queria perder um só momento de atividade, pois cada momento tinha uma base tão enriquecedora, a gente aprendia na prática e fixava no coração. Eu participava muito das visitas nas casas das pessoas da comunidade, fazendo parte do grupo de samaritanos, levávamos o evangelho para as famílias tão necessitadas de uma conversa amiga, de uma escuta e também para nós mesmo. Também visitei um abrigo de animais, que foi uma experiência muito comovente, mesmo tendo já vivencia com animais abandonados, é um sentimento muito forte de vontade de ajudar e só confirmou meu amor pelos animais, fora tantas mil outras ações que a gente que promoveu e que as pessoas se doaram de verdade em prol do trabalho. No EMECE também tive experiências únicas, principalmente no último que fomos inseridos na equipe da pedagógica, eu jamais imaginaria fazer tudo o que fizemos, tocar de diversos sentimentos o ser do outro com carinho, afago e compaixão. Fiquei responsável, junto com a Orlanna, de falamos sobre o machismo, e o mais legal é essa ponte de assunto que estão atuais na mídia, mas que sempre existiu, junto com o Espiritismo.

Sobre ser difícil de me assumir como espírita, como jovem espírita a dificuldade maior, no início, era eu fazer parte eu não tinha esse sentimento de me pertencer alguma coisa, eu amava tá na evangelização mesmo de 15 em 15 dias, ou quando passou para escola, a evangelização já era semanal, mas eu me sentia muito bem, muita tranquilidade, mas eu não me sentia parte ainda. Eu nem sei dizer o porquê, porque eu sempre eu amigos na evangelização, também o meu evangelizador que eu tenho um carinho imenso, mas que para mim era muito difícil, também, pela questão do preconceito que tinha na escola porque na escola eu me dizer espírita, dizer que eu ia para um centro espírita já era uma coisa de xingamento, de bullying, de várias coisas, e aí que eu passei a procurar outras coisas com vontade de tentar me encaixar nesses grupos, na minha escola tinha grupos evangélicos, tinha grupo católico, eu tentava me encaixar nisso, mas aí em certo momento, eu vi que eu podia ser o que eu quisesse, e para mim esse “ser que eu quisesse” era muito difícil, porque por mais que acreditasse em tudo que a doutrina me dizia, mas eu sempre ficava pensando “será se eu acredito mesmo?” “Será se não foi porque eu fui criada nisso que eu tô acreditando agora?”

E aí era na época do início da adolescência, que tem todos os conflitos internos de um adolescente tudo e aí eu ficava muito nisso, em um dado momento várias circunstâncias foi me levando mesmo a Espiritismo, a questão de acreditar, eu acredito no trabalho, eu acredito no Espiritismo, em tudo que tem dele e hoje, naquele momento, de escolha, de fazer parte, hoje eu me sinto parte, e eu sei que eu não poderia ter feito o melhor escolha para minha vida, porque o Espiritismo, tem uma carga de peso muito grande na minha vida, em tudo eu penso o que que pode acontecer, o que que isso significa, ou então eu fico pensando será o Espiritismo diz alguma coisa sobre isso quando tem alguma questão pessoal e por tantas outras coisas, ele tem um peso muito muito significativo, de acreditar, de escolhas. Tem coisas que hoje eu não faço ou que eu faço porque eu acredito. E esse meu credo vem do Espiritismo, tem ações que eu faço também por conta disso, tem coisas assim que eu tenho certeza, que se eu tivesse no centro espírita, eu seria outra pessoa. Eu vejo os meus amigos sem se importar com as outras pessoas, sem se importar com os animais, eu fico assim tão mal por eles, mas eu sei que se eu penso nisso e tenho consciência disso, porque o Espiritismo me fez ver isso. Eu acredito porque eu sinto que aquilo vai mudar alguma coisinha no mundo. Poxa, eu poderia tá na praia, no cinema, poderia escolher qualquer outra coisa para fazer no domingo, no sábado, mas tá aqui é para mim é muito mais importante, às vezes eu deixo de fazer mil e outras coisas, deixo de ir para aniversário, porque eu sinto que tenho que estar aqui, não só no GERJ, mas no movimento espírita no

geral, e eu sinto cada vez mais que esse é o meu lugar no mundo e reafirmo que não tem lugar no mundo que eu poderia estar se não esse. E é isso, o Espiritismo tem me proporcionado sensações incríveis e indescritíveis.



5 SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA ESPÍRITA

A juventude tem a força
Mas está amordaçada
Devido às paixões terrenas
Que nos afastam da estrada

A caminho do amor
Da paz e da fraternidade
Todos juntos sem temor
Semeando a caridade

Vamos, vamos jovens
Em busca do progresso
Vamos juntos jovens
Construindo o universo
O jovem construindo o universo (Jahannes)

A juventude sempre teve lugar nos centros espíritas através dos agrupamentos de mocidades. Mas esse espaço, em algumas instituições, foi colocado sempre às margens. Essa afirmativa vem muito da minha percepção como jovem que advém de mocidade e de evangelizador espírita que sou e que, no momento desta pesquisa, estou como coordenador área de juventude espírita da FEEC. Estar e ser da mocidade espírita para mim foi muito formativo e rico na minha trajetória como ser humano e no meu desenvolvimento das dimensões que me constituem. Mas será que outros e outras jovens tem essa mesma percepção? Faz sentido ser jovem espírita?

Estas e muitas outras questões passavam pela minha mente quando refletia sobre o assunto juventude espírita. As entrevistas narrativas e a imersão cada vez maior que busquei nas mocidades no cotidiano do Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará (COMECE) me ofereceu subsídios consistentes e amplos para tecer novas interpretações e compreensões sobre tais questões.

Das entrevistas narrativas realizadas com quatro participantes do COMECE emergiram duas categorias temáticas: protagonismo juvenil espírita e o centro espírita como espaço de formação. Resolvi explorar e aprofundar as discussões e reflexões sobre esses temas através de um círculo de cultura. Marcamos um dia e durante 5hs de uma manhã de domingo, nos debruçamos em entender essas categorias, por que elas apareceram nas narrativas, detalhar como o grupo vivenciou e vivencia cada tema, suas dúvidas, críticas e opiniões de como encaminhar esses temas no movimento espírita.

Foi uma manhã muito proveitosa. Procurei deixar o grupo muito a vontade, mesmo com certa intimidade já construída. Fizemos um café da manhã e começamos com um

bate papo bem descontraído sobre nossas ações nos respectivos centros espíritas que participamos. Falamos sobre filmes, músicas e atividades que gostamos de fazer nos horários livres. Ao perceber um ambiente mais leve, menos tenso, propus iniciar o círculo de cultura.

Começamos com o tema protagonismo juvenil. Ao som de uma música instrumental, solicitei que cada participante fizesse um desenho sobre o que entendiam sobre protagonismo juvenil. O exercício pictográfico auxiliou muito nesse momento, pois possibilitou uma liberdade de expressão para a conceituação de protagonismo juvenil. Respeitei o tempo de produção de cada participante e, em seguida, quando terminaram, fizemos uma exposição e uma interpretação coletiva de cada desenho.

Durante a interpretação o grupo tomou a liberdade promoveram uma rica discussão sobre o assunto. Baseado nas narrativas, elaborei previamente algumas questões para fazer caso tivessem alguma dificuldade de iniciar suas colocações, mas o grupo desenvolveu muito bem a reflexão.

Depois de 80 minutos de discussão sobre protagonismo juvenil, passamos para o segundo tema que emergiu como categoria das narrativas que era o centro espírita como espaço formador. Para iniciar as reflexões, solicitei que escrevessem em uma folha de papel uma palavra que representasse o significado centro espírita em suas vidas. Após a escrita, cada participante explicou a escolha da palavra e aprofundou suas avaliações sobre o centro espírita. Sempre suas falas estavam relacionadas as vivências que tiveram nesse espaço, o que deixou a discussão muito rica e viva.

O áudio de todo o processo do círculo de cultura foi gravado para análise posterior. E foi de posse desses áudios e das entrevistas narrativas que organizei esta seção. No primeiro tópico denominado de **O protagonismo juvenil espírita** faço uma discussão sobre o conceito de protagonismo, como esse conceito tem orientado as políticas públicas para a juventude e como tem sido interpretado e implementado no movimento espírita. Além disso, analiso como o documento *Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes*, define protagonismo, suas referências e quais ações orienta para a juventude espírita. Utilizo como principais referências teórica Souza (2006, 2008), Freire (1967), Novaes, (2003), Kardec (2014) e Denis (2011).

No segundo tópico, intitulado de **Experiências e aprendizagens: o Centro Espírita como espaço de formação** inicio fazendo uma discussão teórica sobre experiência e formação a partir das contribuições de Larossa (2002), Delory-Momberger (2008), Josso (2010), Olinda (2009) e Rodrigues (2013). Sobre o centro espírita e sua essência pedagógica

utilizo os aportes teóricos de Kardec (2014) e Incontri (2006). Para discutir pertença e educação dialógica utilizo os subsídios de Freire (2009) e Tassoni (2000, 2008).

Toda a análise exposta nessa seção foi realizada a partir de um tríplice diálogo entre os aportes teóricos dos autores e autoras, as vivências empíricas das jovens e do jovem participantes desta pesquisa e de minhas considerações. Esse exercício chamado de análise perspectivada é orientado pela autora Stecanela (2008).

5.1 O protagonismo juvenil espírita

Nas últimas décadas, nos meios acadêmicos onde se estuda e pesquisa juventude, nas mídias televisivas, impressas e digitais, nas esferas das políticas públicas tem se discutido muito a inclusão e a exclusão da juventude. Integrar a juventude tem sido o enfoque dessas e outras esferas de ação frente a juventude. ONG's tem criando uma série de projetos que tem como público alvo a juventude e o seu desenvolvimento e inclusão social. O sentimento do que podemos entender como “a ameaça jovem” tem diminuído dando lugar ao entendimento que a juventude tem potencialidades e que não pode ser temida, pois a chamada desestabilização social não advém puramente dessa categoria, mas de uma série de fatores como exclusão, pobreza, dentre outros. Estes tópicos (exclusão, pobreza) colaboraram para o entendimento da categoria juvenil, desenvolvendo, no decorrer do tempo, que a inclusão e investimento na juventude, com o intuito de alterar esse quadro e promover a atuação e motivação juvenil. Inicia-se aí, a intensificação do discurso do protagonismo juvenil que motiva e integra o jovem e a jovem dando papel de destaque na sociedade.

O sentimento de “sentir-se útil” é crescente a partir de ações de diversos setores da sociedade, bem como de políticas públicas que colocam a juventude à frente de atividades e tomadas de decisões. Esse mote do protagonismo juvenil também tem encontrado estância nas instituições religiosas através de seus agrupamentos juvenis. O discurso é o mesmo “fazer a juventude mais atuante e mais senhora de si, partindo de suas demandas”. Mas será que essas ações, que no discurso soa muito atraente e empolgante tem realmente, em sua essência, colocado a juventude como centro das ações? Em que ponto esse discurso se desgasta? Há uma limitação nesse conceito?

Tais questões sempre me acompanharam e como trabalhador do movimento de juventude espírita percebi que esta discussão também chegou muito forte no movimento espírita nacional. Percebia que nas formações de evangelizadores(as) o tópico protagonismo juvenil estava entrando sempre nas pautas de avaliação e de planejamento. Quando

coordenador da área de juventude espírita da FEEC, em minhas atividades ao lado da juventude, percebi que muitos(as) tinham uma visão diversificadas sobre o assunto. Fiquei curioso se tal categoria iria aparecer nas narrativas das jovens e do jovem que participaram desta pesquisa. De fato, as quatro narrativas trouxeram muito forte esse tópico e possibilitando a mim realizar uma interface dessas narrativas com meus questionamentos e saberes empíricos e teóricos, bem como, com a literatura e pesquisas científicas produzidas nessa área. Dando prosseguimento a esta análise, começo com uma discussão conceitual a partir da etimologia da palavra.

A palavra protagonista vem do grego *πρωταγωνιστής* (protagonistes), de *πρῶτος* (prótos) = primeiro e *ἀγωνιστής* (agonistès) = ator, lutador; aquele que está à frente, que combate primeiro, principal. O termo foi muito utilizado no teatro grego e teve sua utilização expandida para representar todo aquele ou aquela que tenha papel de destaque em um processo artístico, político, social, etc.

Na obra *Pedagogia da Presença: teoria e pratica da ação-socioeducativa*, o autor Antônio Carlos Gomes da Costa, considerado um dos difusores desse conceito a partir da década de 90, apresenta fundamentos do protagonismo juvenil:

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. (COSTA, 2001, p.179).

Chamou-me a atenção a fundamentação do autor sobre o seguinte aspecto: “criação de espaços e condições”. Soa, de certa forma, que o primeiro passo para o desenvolvimento do protagonismo juvenil depende essencialmente de um fator externo ao jovem, fator esse que promove, que cria a possibilidade da juventude “ser/fazer algo a mais”.

A criação de tais condições perpassa pela autorização e/ou iniciativa de alguém mais experiente que possibilita ao jovem ou a jovem o desenvolvimento. Não teria a própria juventude potencialidades para construir esses espaços? Se, como o próprio autor pondera, “o cerne do protagonismo juvenil é a participação ativa e construtiva” porque essa máxima não é válida desde a indicação de demandas e organização das condições necessárias para o desenvolvimento de tal protagonismo?

Essa fundamentação do autor foi a grande orientadora das ações de empresas que queriam ou que já tinham algum vínculo com a categoria juventude. Apesar de haver grandes

discussões e estudos sobre o engajamento juvenil desde o início dos anos 90, o autor Antônio Carlos Gomes da Costa ajuda a cunhar esse termo “protagonismo juvenil” a partir de 1997 com a produção do livro *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática* publicado no ano de 2000 pela Fundação Odebrecht. Enquanto este livro ainda estava no prelo, Costa publicou mais dois textos sobre o tema: O adolescente como protagonista (1999) e Protagonismo Juvenil: educação para a cidadania (1997/1998).

A partir do ano 2000, com a publicação do material da Fundação Odebrecht, diversas organizações como o IIDAC, Grupo Interagir, Fundação Educar DPaschoal, Instituto Airton Senna, orientadas pelo trabalho de Costa, ocuparam-se em teorizar e produzir materiais midiáticos e textuais sobre protagonismo juvenil.

Podemos perceber nas leituras desses textos que o “fazer” o trabalho prático tem um enfoque especial. O jovem para ter o destaque, ser autônomo deve “fazer” e essa ação é associada a um desejo mais pessoal do que coletivo. Souza (2008), analisando essas primeiras contribuições para a conceituação e fundamentação do protagonismo juvenil, percebeu no discurso e escritos de Antônio Carlos Gomes da Costa outros elementos além do “fazer” como o discurso do ser “autônomo”, “solidário” e “competente”. Novaes (2003, p.127) descreve como o Instituto Airton Senna trabalha essa ideia em sua estrutura organizacional:

Os programas da área do fazer operam na base do trinômio Autonomia, Solidariedade e competência. Existe um sentido matemático na palavra trinômio: são elementos que se combinam de uma forma que uma não funciona sem a outra. Autonomia com solidariedade e com competência. Ao se trabalhar com jovens somente a autonomia, o resultado será o aparecimento de empreendedores mais um pouco solidários. Ao se trabalhar apenas autonomia e solidariedade, o resultado será incompleto porque faltará a competência para enfrentar o mundo do trabalho.

Autonomia com solidariedade e competência produtiva é do que precisam os jovens a fim de se tornarem autônomos, solidários e competentes para entrar no circuito e fazer diferença. Isto é, entrar para não se deixar conduzir pacificamente.

[...]

No que diz respeito à competência o Instituto opera com conceito de trabalho habilidade que implica ter uma visão do novo mundo do trabalho e das competências que precisam ser desenvolvidas para concorrer profissionalmente.

Percebe-se que o foco desses elementos, associados a esse “trinômio” é preparar futuros adultos capazes de empreender e competir no mercado. É uma lógica voltada apenas para o mundo do trabalho e na perspectiva do desenvolvimento particular, ou seja, o protagonismo juvenil como metodologia de formação busca o desenvolvimento de uma

juventude ambiciosa pelo mercado, que não se interessa por questões coletivas e que não problematiza e nem faz uma reflexão sobre o *status quo*, tendo, assim, um descomprometimento em alterar uma realidade opressora. Ainda sobre esses elementos, Souza (2008, p.129) faz a seguinte reflexão:

[...] a junção de autonomia, solidariedade e competência está voltada, essencialmente, à sobrevivência do indivíduo numa sociedade em que não há mais garantias, especialmente em relação à inserção e permanência no mercado de trabalho. Numa sociedade sem garantias, cabe ao indivíduo desenvolver certas habilidades (torna-se “competente”) para entrar em atividade isoladamente, isto é, sem o respaldo dos direitos (na qualidade, portanto, de “empreendedor” e não de trabalhador assalariado) e sem filiar-se a ideologias e movimentos coletivos, situação classificada como de “autonomia” o indivíduo isolado (“autônomo”) que desenvolveu suas habilidades (e tornou-se “competente”) entra em atividade (tornando-se um “sujeito ativo”) e relaciona-se com outros indivíduos. Mas a relação entre os indivíduos ativos ocorre em função de objetivos particulares, o que não altera, portanto, o estado de isolamento individual e supõe uma peculiar noção de “solidariedade”.

Este discurso tem se difundido em vários setores como empresas, institutos, ONG's, universidade e poder público. Mesmo assim, reconhecemos que não há um consenso absoluto do termo protagonismo juvenil. Em uma palestra no 69º Fórum Permanente do Terceiro Setor, Ligia Rosa de Rezende Pimenta, diretora técnica de projetos da ONG Associação Meninos do Morumbi declarou: “não temos clareza se protagonismo juvenil é um conceito, uma metodologia ou uma estratégia” (SOUZA, 2008)

Vejamos agora o que a Natalia e o Leonardo falaram sobre o conceito de protagonismo. Iniciamos o Círculo de Cultura discutindo sobre o protagonismo juvenil, uma categoria identificada nas entrevistas narrativas. Solicitei que fizessem um desenho que representasse o que entendiam sobre o protagonismo e depois fizemos uma atividade de interpretação dos desenhos.

O protagonismo seria uma atitude que a pessoa tem que sair do comum, de sair do seu conforto ou então está até no seu conforto, porque tem gente que já tem essa liderança nata, mas enquanto as outras pessoas não tem uma iniciativa própria e tudo para tomar esse protagonismo para si, esta sai desse conforto assim e não tem a escolha e tudo, mas é o que ela quer ela escolhe isso. Eu penso muito nessa questão a partir de mim mesma porque eu sou muito tímida, eu realmente não me acho pronta para falar em público, eu não sei como reagir a certas situações e, às vezes, eu tenho que sair desse meu conforto para fazer alguma

coisa para poder estar à frente de alguma coisa. Assim, eu representei uma garrafa com várias pessoas dentro dessa garrafa seu conforto comum e uma pessoa saindo indo além do que existe dentro da garrafa. (Natalia)

Natalia caracteriza o protagonismo com o ato do jovem de sair da inércia, do comodismo e encarar seus medos e limitações. Sair do comodismo significa não aceitar mais a condição de passividade e deste modo se liberta. A inércia, o comodismo criam obstáculos a criticidade, ao pensamento questionador, alimenta o medo de “ser mais” da juventude. Freire (1967, p. 41-42) esclarece que uma educação libertadora integra e não acomoda, não adapta, pois se fundamentada no ser humano como sujeito.

Insistimos, em todo o corpo de nosso estudo, na integração e não na acomodação, como atividade da órbita puramente humana. A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. Acomoda-se. Ajusta-se. O homem integrado é o homem Sujeito. A adaptação é assim um conceito passivo — a integração ou comunhão, ativo. Este aspecto passivo se revela no fato de que não seria o homem capaz de alterar a realidade, pelo contrário, altera-se a si para adaptar-se. A adaptação daria margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se. Daí que a homens indóceis, com ânimo revolucionário, se chame de subversivos. De inadaptados.

A(o) jovem no centro espírita deve evitar o seu ajustamento, a sua acomodação. O primeiro passo está em questionar o *status quo* íntimo e social, para depois iniciar-se uma trajetória ativa, crítica e transformadora. Esse passo de “sair da garrafa”, como a Natalia faz alusão, pode ser dado por iniciativa do jovem e da jovem, mas quando é mediado pela evangelização tornar-se mais seguro e coletivo, desde que, essa mediação respeite a autonomia da juventude e que seja dialógica e não coerciva e/ou passiva.

Eu entendo protagonismo como uma somatória de várias coisas. Aqui eu tentei representar pela árvore. Essa primeira árvore seria a protagonista além dela existir recebe os insumos que vão auxiliar ela ser uma árvore mais bonita, mais viva, que gera frutos. E aí eu coloquei aqui o adubo, a água. Ela tem um tronco mais grosso, muitos frutos, muitos galhos, esta é uma árvore que conseguiu vingar. Neste processo tem a parte dela do processamento dela que aí vai pode variar de vários tipos de árvores, assim como varia o tipo de pessoas e que

vai ter essa facilidade de se desenvolver com adubo e com a água e tem outras que mesmo com adubo e água podem não se desenvolver tanto assim. Então vai depender muito desses fatores, mas sempre também um compilado de forma geral. Do lado representei outra arvore que recebe esses insumos extras e não consegue desenvolver e que provavelmente por si só ela não conseguiu alcançar todos os recursos necessários. (Leonardo)

Fica evidente na fala do Leonardo que o protagonismo para ser desenvolvido precisa de um estímulo externo ao jovem ou a jovem como problematizado anteriormente. O Adubo e a água colocada por Leonardo representam o adulto mais experiente que assessora a juventude. De fato, o que coloco aqui não é a necessidade de ter o desaparecimento do adulto, do evangelizador, do educador, mas sim do entendimento da exclusividade do evangelizador em promover e construir todo o processo de formação da juventude. A parceria no processo formativo é fundamental para as interfaces de saberes da juventude com a equipe evangelizadora no centro espírita.

As orientações da ação evangelizadora espírita para a juventude têm melhorado muito nos últimos anos. É visível a ampliação e a evolução dessa ação nos documentos orientadores, mas na prática, “no chão do centro espírita” muitas ações ainda tem na figura do evangelizador ou da evangelizadora o principal agente do saber espírita.

Um aspecto histórico interessante de se considerar é uma curiosa situação que se tornou comum em alguns centros espíritas a partir da década de 60. Com o surgimento das mocidades um movimento de jovens muito empolgados trouxera uma vivacidade às atividades espíritas que até o momento eram monótonas, focando apenas em atividades de estudos. As mocidades mobilizaram e intensificaram as ações externas através de trabalhos sociais, caravanas e utilização de arte. Começaram a criar “centros de jovens” e “centros de adultos”. Simonetti (1997) relata que muitas mocidades criaram sede própria com personalidade jurídica e registro civil.

Muitos centros espíritas observando essa postura de alguns grupos criam suas mocidades e desde a sua fundação vinculam suas atividades à diretoria e às disposições estatutárias da instituição. Cria-se então um ambiente extremo de controle total da ação do jovem no centro espírita onde a diretoria da instituição traçava as diretrizes de trabalho, definia o que seria estudo e realizado pelo grupo, estabelecia critérios e indicavam as iniciativas e prioridades da mocidade.

Muitos jovens e muitas jovens perderam a motivação em participar das atividades do centro espírita ocasionando grande evasão. Muitos reuniram-se, formavam outros grupos

espíritas para desenvolverem suas atividades sem o autoritarismo. Com o passar do tempo, o movimento espírita percebeu o desacerto no tocante a organização das mocidades e de como se relacionar com a juventude.

Hoje em alguns centros espíritas ainda perduram tais posturas com a juventude. Tem diminuído consideravelmente, pois muitos jovens e muitas jovens tem assumido a liderança das instituições, alterando esse quadro, estabelecendo uma relação mais harmônica e dialógica com a juventude.

Outro aspecto que colabora com a visão do evangelizador e da evangelizadora como centro da ação pedagógica é que por muito tempo as ações pedagógicas no centro espírita foram orientadas por uma lógica de escolarização. A lógica das escolas de Espiritismo era muito comum e fundamentou muito essa visão acerca do jovem no centro espírita.

O currículo para a atividade evangelizadora sugerido pela FEB era muito focado no ensino dos princípios doutrinários e não possuía muita flexibilidade para atender as demandas da juventude espírita. Com o passar dos anos, mais especificamente a partir de 2012, muitas discussões e debates acerca da ação evangelizadora foram colocadas novamente em pauta e todos os órgãos federativos ajudaram na construção de um novo documento orientador da ação evangelizadora lançado em 2016.

Ao ler o documento de *Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes*, encontramos um capítulo intitulado o jovem e o seu protagonismo onde a única referência para o entendimento do termo protagonismo juvenil é o autor Antônio Carlos Gomes da Costa. O protagonismo anunciado por Costa tem sua centralidade na participação efetiva, o jovem como solução dos problemas, atores sociais que não confrontam a ordem social, busca objetivos singulares e não encoraja o conhecimento crítico-reflexivo da realidade. Vejamos um trecho do documento orientador:

Destaca-se, sob tal ótica, a participação do jovem nas ações espíritas, cujo envolvimento, protagonismo e engajamento, em conjunto com os demais integrantes da instituição espírita, garantem a construção coletiva de ações significativas e contextualizadas, pautadas na união de talentos, na prática do bem e na promoção de espaços de ação jovem. (CFN/FEB, 2016, p.27)

A perspectiva de uma participação efetiva que envolva jovens e adultos em um processo de construção de sentidos e ações concretas de transformação pessoal e social a partir da reflexão-ação, à luz do espiritismo, de questões da própria juventude e da sociedade de forma mais ampla, possibilitam a vivência protagonista de todos os envolvidos e, em especial, do público juvenil. (CFN/FEB, 2016, p.27)

Ambos os trechos enfocam e relacionam o protagonismo à participação efetiva no movimento espírita que é muito pouco para o desenvolvimento de um ser ativo no mundo e engajado no progresso individual e coletivo. Participar das atividades espíritas em parceria com os adultos ou com pessoas mais experientes no trabalho e estudo espírita não são suficientes para a formação do jovem em uma perspectiva integral. São importantes, mas não bastam.

Como atual coordenador da Área de Infância e Juventude da FEEC, percebo que hoje há um discurso muito frequente para a inserção da juventude no centro espírita, mas quando observamos isso na prática identificamos que essas ações se limitam a colocar a juventude para fazer, executar tarefas já prontas e pré-determinadas. Os jovens entregam mensagens na recepção dos centros, cantam para harmonizar a palestra pública, fazem parte da campanha do quilo, auxilia na evangelização e muitas outras funções executivas. Dificilmente observamos jovens na gestão dos centros, nas coordenações de atividades, planejando ações, participando das avaliações e planejamentos das atividades das mocidades.

Também os evangelizadores quando tomam esse tipo de posição normalmente eu vejo que eles dão o trabalho já muito mastigado para os evangelizados. Ele não deixa assumir mesmo o trabalho do início, vai mastigando até achar que tá pronto ou até o evangelizando continuar da forma que ele quer. (Natalia)

Natalia descreve uma postura onde o evangelizador ou evangelizadora incentiva o “protagonismo” desde que esse seja de acordo com o que planejou. Quando fala que “dão o trabalho já muito mastigado para os evangelizando” ela destaca que a juventude em boa parte não tem participado dos planejamentos e da organização das ações que ela mesma faz. Não teríamos, assim, uma atividade oriunda das demandas reais da juventude espírita e fruto das suas reflexões sobre os temas, demandas, trabalho e objetivo da atividade que executa, ou seja, o jovem ou a jovem é um falso sujeito do processo.

É importante que toda a ação formativa, independente do espaço onde ela aconteça, deve ser precedida do entendimento e da reflexão sobre o ser humano para que se busque evitar o uso de métodos educativos que reduzem os educandos(as) a objetos. Para a Doutrina Espírita o Ser Humano tem uma dimensão espiritual que é a sua essência, ou seja, os seres não tem um espírito, ele é um espírito.

Kardec (2004) assevera que “o espírito é a parte inteligente da Criação [...]” e desta forma podemos concluir que os seres humanos tem potencialidades, uma inteligência

ativa, uma complexidade e multidimensionalidade, pois ao mesmo tempo que é espírito, quando encarnado, também é um ser biológico, social, político, moral, racional e sentimental.

O espírito está destinado a alcançar a perfeição, e para alcançá-la se debruça em diversas experiências onde desenvolve e aprimora suas potencialidades e expia os erros que comete. Este é o princípio da reencarnação desenvolvido na obra *O Livro dos Espíritos* por Allan Kardec.

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova. (KARDEC, 2004, p.158)

Segundo o Espiritismo, a reencarnação é o mecanismo do qual o espírito se utiliza para aperfeiçoar-se buscando a perfeição e isso acontece experimentando novas existências corporais. Vejamos as reflexões de Kardec (2004, p.136-137) sobre a encarnação:

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.

A partir das considerações em *O Livro dos Espíritos* concluímos que a ação do espírito que caminha para a perfeição é constituída de uma postura ativa e não passiva frente às experiências e desafios encarados no transcorrer de suas encarnações. Deste modo, entendendo a reencarnação como fundamento da Doutrina Espírita, há de se considerar que o desenvolvimento de ações educativas nos centros espíritas, por exemplo, deve respeitar e instigar essa dimensão ativa do espírito que lhe faz sujeito de si e no mundo.

Com Freire (2009) posso dialogar com essa lógica espírita ao defender que uma ação educativa é válida quando o ser humano é agente ativo do processo de formação. Na busca de intervenção no mundo e na construção de si, a juventude deve, nessa perspectiva freireana, fazer uma reflexão de si e sobre o ambiente concreto em que se encontra, buscando

identificar suas limitações, medos, potencialidades, habilidades e identificar projetos de vidas ao mesmo tempo que compreende a sua realidade concreta, histórica e social para entender como agir no mundo com essas características pessoais. Esse caminhar ativo pode ser feito em parceria com outros(as) jovens ou adulto(a), mas desde que, o ser em si, seja o(a) autor(a) do seu processo. Desta forma, desenvolve uma conscientização e atitude mais crítica que impulsiona ser sempre melhor.

Ao ser mais consciente de si e do mundo o jovem e/ou a jovem se (re)constrói e (re)faz a sua história tornando-se autor(a) de si. Nessa trajetória também se relacionam com reciprocidade com outros sujeitos e em uma relação dialógica recriam novas culturas e florescem novas demandas em um movimento cíclico de transformação de si e do mundo.

Assim, para que haja um protagonismo pleno, onde se constrói “com” e não “para”, é preciso que a juventude espírita seja ativa e parceira da equipe evangelizadora e do movimento espírita. Débora no Círculo de Cultura aponta a importância de a juventude assumir um papel de autoria da ação e consciência de si para que o protagonismo se concretize.

O protagonismo é quando a pessoa ou um grupo de pessoas estão na frente de uma atividade e ela ou esse grupo de pessoas é o sujeito da ação, eles que são responsáveis por executar determinadas coisas. Então, eles são responsáveis e conscientes do seu papel. (Débora)

Vejamos o comentário de Natalia sobre a abertura para o protagonismo juvenil em atividades realizadas no centro espírita. A mesma fica surpresa com o que vivenciou na Confraternização Brasileira da Juventude Espírita – CONBRAJE, onde pode debater com juventudes de outros Estados do Brasil e percebeu o quanto estão engajadas em atividades, que ao seu ver, aqui no Ceará, não tem tanta abertura para a juventude.

Quando teve o nosso encontro nacional, a CONBRAJE, nós pudemos ver jovens tomando a frente de muitas coisas. Eu, pelo menos, fiquei muito surpresa disso. Tem até jovens trabalhando na mediúncia que são trabalhos que a gente vê pessoas mais velhas e é um trabalho que é mais fechado realmente. Eu vi muita gente na CONBRAJE que fazia parte desse tipo de trabalho e aqui eu não vejo tanto jovens à frente disso. Isso me causou muito espanto porque aqui a gente tem até uma abertura bacana, pelo menos nas mocidades que a gente do COMECE participa. A gente tem os nossos evangelizadores e nossas casas que têm abertura, mas a gente pouco, pelo menos aqui no Ceará, não vejo tanto isso. Claro que deve

ter casas que têm isso, mas tem casas que realmente fecham completamente alguns trabalhos para jovem. (Natalia)

Quando coordenador da CIJ/FEEC, pude presenciar algumas situações em que jovens saíram de centros espíritas por não serem aceitos em determinadas atividades. O fato que mais chateava esses jovens, que observei em conversas com esses eles, foi a falta de diálogo para explicar o que precisava para realizar tais atividades. Apenas ouviam que não podiam e que haviam outras coisas mais simples que poderiam fazer. De fato, toda e qualquer ação realizada por alguém em um centro espírita, requer deste uma formação e estudo. O que problematizo aqui é que ainda em algumas instituições, a juventude não tem a oportunidade de começar tais atividades, não por uma incapacidade executiva, mas pelo seu grande potencial questionador e crítico, que incomoda alguns coordenadores de centros espíritas que se sentem “donos” da instituição ou pior “donos” do Espiritismo.

Quando eu penso se existe protagonismo no nosso movimento espírita, o primeiro exemplo que vem é a gente do COMECE, do trabalho que a gente já tá fazendo ali há algum tempo que, querendo ou não, é um trabalho de protagonismo. Mas, também tomamos como referência trabalhos que já existiram, tipo, essa galera que tá na frente das coordenações de infância e juventude de hoje, as pessoas que estão à frente do EMECE, é uma galera que veio da mocidade e que foram protagonistas nas suas mocidades e por isso, estão hoje tomando a frente de alguns trabalhos. Mas também, por outro lado, eu vejo alguns exemplos de jovens e mocidades inteiras tentando ser protagonistas, mas nem sempre eles têm a oportunidade. A casa não dá muito apoio, a casa não dá muito abertura ou o próprio jovem até quer, mas não sabe como fazer. (Leonardo)

Leonardo reconhece que há várias iniciativas exitosas em que a juventude assume o papel de sujeito da sua formação no centro espírita, mas lembra também que ainda não há uma unanimidade no movimento espírita local. A falta de oportunidade e de espaço de ação, fala, crítica e formação integral da juventude são entraves para o desenvolvimento do protagonismo juvenil.

Até porque ser protagonista não é só chegar e “olha eu tô aqui na frente desse trabalho”. É toda uma construção, uma construção até em nós mesmos, porque a gente muitas vezes não tá preparado para o trabalho, de estar à frente de algo. Então, motivar também as pessoas

para que elas possam estar junto com você em alguma atividade. Toda essa responsabilidade, esse apoio que o Leo falou é tão necessário que parta das pessoas da casa em si, mas também de todos que estão nesse contexto, porque jovem se desanima muito fácil, principalmente com as dificuldades que acontecem. Por mais que a gente veja que você não é um protagonista na sua mocidade, porque que ele não é então? Isso tem vários contextos em volta dele. (Natalia)

Natalia traz outro aspecto para o entrave do protagonismo. Para ela, a falta de motivação não só dificulta o desenvolvimento inicial do protagonismo, como prejudica o processo quando o jovem ou a jovem se sente sozinha diante de alguma dificuldade. O saber parceiro e o estar junto é fundamental para que ambos possam progredir e ter uma ação mais concreta em si e no mundo.

Também é falta de confiança de achar que o jovem é capaz ou não de fazer aquela coisa e quando eu penso isso, eu penso também no valor que o evangelizador tá dando para o seu trabalho porque é ele trabalha aquele jovem, é ele que passa os conhecimentos para aquele jovem, é ele que orienta aquele jovem. Então, se aquele jovem lá não é capaz de fazer uma atividade aí o problema pode estar em outro canto que no caso pode ser evangelizador. Se ele que tá orientando e ele acha que o jovem não é capaz de fazer aquilo como é que tá sendo essa evangelização? Eu acho muito que é isso que essa falta de oportunidade não é uma fala “não vou dar oportunidade para o jovem fazer” é meio que inconsciente, ele pensa: “eu acho que isso aqui é complexo demais porque eu vou fazer eu acho que tem que matar essa um pouco que precisa de mais estudo, que precisa de mais trabalho”, mas ora se precisa de mais tudo, então vamos dar mais estudo, se precisa de mais orientação vamos dar mais orientação só que isso mesmo que não acontece. É como a Orlanna falou o jovem fica em segundo plano, pois tem pessoas mais velhas para fazer isso.

Leonardo problematiza outra questão que é a necessidade de confiança na juventude. Esse aspecto é fundamental para que haja uma relação sadia e amorosa entre os envolvidos e as envolvidas no processo formativo. A confiança é o ponto culminante no protagonismo juvenil e no desenvolvimento de uma educação dialógica e libertadora. Freire (2005) ao fundamentar a educação dialógica, esmiúça o conceito de diálogo e apresenta as condições para que o diálogo aconteça.

O primeiro elemento constitutivo do diálogo é a existência do amor, o amor pelo mundo, pelo o próximo, o amor para consigo mesmo. A amorosidade reconhece o potencial das pessoas que estão ao nosso redor, a necessidade de agir no mundo para que este melhore para a humanidade, liberta do pensamento egoísta, intolerante e opressor.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que há infundada.

Sendo o fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta o que há é patologia de amor: sadismo em que domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam, estes, oprimidos o ato de amor está em compreendesse com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, esse compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 2005, p.91-92)

O segundo elemento é a humildade. Como posso ser dialógico se não assumo minhas limitações, se não identifico em mim a ignorância, se coloco apenas nos outros defeitos, limitações. É preciso que assumamos nossos medos e imperfeições para poder saber o que devemos melhorar em nós. A elevação acontece quando me disponho a me rebaixar e isso é humildade.

Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

O diálogo, como encontro dos homens para tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade. (FREIRE, 2005, p.92-93)

Um terceiro elemento importante é a fé no homem. Acreditar no potencial humano de fazer, de criar, planejar, melhorar é fundamental para a instauração do diálogo. Tendo fé nos homens, mulheres, crianças, jovens e adultos estimulamos suas qualidades mesmo que estas estejam latentes. Diminuímos as relações manipuladoras e passamos a ter dialogo ativo, vivo e amoroso.

A fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se pode e o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em que situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar nos homens, dialógico a sua fé nos

homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que é negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. Com a instalação do trabalho não mais escravo, mas livre, que dá alegria de viver. (FREIRE, 2005, p.93-94)

Com o amor, a humildade e a fé no ser humano provocam-se nas relações a confiança e está alimenta e aproxima os polos que antes distantes andam juntos lado-a-lado. A confiança é essencial para que as pessoas, juntas, possam transformar o mundo e a si, bem como, liberta-se da ignorância.

Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os homens dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se falha essa confiança, é que falham as condições discutidas anteriormente. Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não pode gerar confiança. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo a confiança. (FREIRE, 2005, p.94)

Ainda encontramos na base do diálogo a esperança e o pensar verdadeiro como elementos importantes para a existência do diálogo. As contribuições de Freire sobre a educação dialógica podem colaborar bastante na inspiração de uma relação pedagógica mais plena, no que tange ao desenvolvimento do protagonismo juvenil. As fundamentações da educação dialógica se inter-relacionam bem com os princípios espíritas podendo auxiliar nas ações dos centros espíritas.

Hoje o entendimento sobre protagonismo juvenil tem se ampliado muito no campo teórico. Ainda há uma dificuldade de estabelecer uma crítica à ideia, ao modelo de protagonismo juvenil disseminado, pois nascem novas iniciativas que até buscam avançar, mas tropeçam na mesma problemática central. Hoje há um forte discurso do empoderamento juvenil para somar e fortalecer o protagonismo, mas a pergunta continua a mesma: a juventude assume-se como agente ativo e crítico nesse empoderamento? A quem atende esse empoderamento?

Os documentos oficiais de organismos internacionais alteraram muito a sua visão de juventude e como este se desenvolve na sociedade colaborando com a transformação desta. Em 2005, duas décadas depois do Ano Internacional da Juventude (1985) a UNESCO

ampliou o discurso e visão sobre a juventude entendendo-os como entes de direito e autores(as) estratégicos(as).

Os jovens são, sobretudo, atores estratégicos do desenvolvimento, sem desconhecer que também são um “grupo de risco” e, sem dúvida, sujeitos de direito. É preciso enfatizar o eventual aporte dos jovens à sociedade, não limitando as políticas públicas de juventudes ao acesso a serviços materiais e simbólicos como um canal privilegiado para melhorar as condições estruturais da vida. (UNESCO, 2005, p.140)

Outra modificação foi nos termos utilizados para indicar as políticas públicas. Ao invés de implantarem, adotarem os termos mudam para políticas de/para/com as juventudes. Isso é significativo, pois ao invés de termos ações essenciais para as juventudes, incluímos ela nesse processo para que em parceria possamos fazer juntos.

Tais reflexões embasam a consideração de que políticas de juventudes compreendem de fato políticas de/para/com juventudes:

- de – uma geração de classificados segundo sua inscrição racial gênero e classe social que deve ser considerada na formatação de políticas;
- para – os jovens considerando o papel do estado de garantir o lugar e bem-estar social na alocação de recursos;
- com – considerando a importância de articulações em instituições, o lugar dos adultos, dos jovens, a interação simétrica desses atores, e o investimento nos jovens para sua formação exercício de *fazer política*. (SOUZA, 2006, p. 153)

Podemos apreender bastante com todas essas reflexões freirianas e com as novas orientações dos documentos oficiais. De fato, o movimento espírita tem dedicado uma atenção mais específica para o público juvenil. O documento de *Orientação para a ação evangelizadora da juventude: subsídios e diretrizes*, lançado em 2016 tem tópicos interessantes que abrem uma discussão para a ação com a juventude de modo específico propondo o que chamam de “espaços de ação jovem” (espaço de estudo e vivência do evangelho, de convivência familiar, de confraternização, de vivência e ação social, e de integração do jovem nas atividades do centro espírita e do movimento espírita).

Aqui no Ceará, o surgimento do Coletivo de Mocidades Espíritas – COMECE, no ano de 2016, com o apoio e o trabalho parceiro com a Coordenação de Infância e Juventude (CIJ) da FEEC, tem auxiliado bastante nas ações juvenis no movimento espírita cearense, apesar de grandes entraves ainda encontrados em algumas instituições, que ainda não estão abertas para essa discussão. A CIJ tem procurado reunir lideranças juvenis e coordenações de

mocidades para discutir o protagonismo e o movimento de juventude espírita, mas há ainda uma dificuldade de engajamento e de prioridade para um trabalho mais propositivo e coletivo.

O que problematizo aqui é que o movimento espírita, as juventudes das mocidades, as equipes de evangelização e a CIJ busque aprofundar as discussões para que as ações com as juventudes possam ser mais dialógicas, propositivas, que atendam a demanda da juventude e que seja de fato realizadas em parceria. Na fala de Débora percebemos que uma das maiores consequências da falta desse dinamismo é a evasão dos jovens e das jovens dos centros espíritas.

Acredito que as consequências da falta de incentivo ao protagonismo acabam repercutindo na evasão dos jovens do centro espírita não só na mocidade, mas ele pode acabar largando o Espiritismo, deixando de frequentar o Centro Espírita. Além dessa evasão, que seria o ponto máximo, o jovem sem incentivo acaba se acomodando em ficar na mocidade e depois que ele passar da idade da mocidade ele não vai ter o vínculo com o Espiritismo e com o Centro Espírita. Acaba limitando as possibilidades de os jovens atuarem e isso pode influenciar tanto na sua experiência individual, como espírito imortal, e na sua relação com a sociedade.

Certa vez, analisando com uma amiga da equipe de trabalho da CIJ, o baixo número de jovens participantes nos últimos 10 anos do Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará – EMECE, percebemos que o que afastava a juventude não era o preço do evento ou o local onde é realizado, mas sim a grande evasão que ocorreu nesse tempo nas mocidades espíritas no Estado ao ponto da extinção de alguns desses agrupamentos. Observando o cenário, conversando com pessoas dessas mocidades que acabaram e com pessoas que se evadiram, fica evidente que, quando o centro espírita ou a equipe de evangelização não tem, na figura do jovem, um agente ativo (falo ativo não no sentido daquele que executa atividades e realiza apenas trabalhos), com proposições e pensamento crítico, este tende a procurar outros ambientes e se evadem.

Por vezes, ao ver situações como essas acontecendo, sinto que muitos no movimento espírita executam em suas atividades no centro espírita tudo que não condiz com a própria doutrina, tendo uma postura e ação totalmente contraditória com os princípios e fundamentos doutrinários. É por isso que é importante não confundir o movimento espírita com o Espiritismo em si.

Vejam abaixo o que Denis (2011, p. 178-179.) fala sobre como trabalhar com as juventudes no movimento espírita e fora dele:

É preciso, portanto, refazer completamente a educação da juventude, se quisermos acelerar as vitórias e os progressos do século vindouro. É preciso que tudo em torno dela, homens e coisas, artes, ciências, Literatura, tudo lhe fale de grandeza, de nobreza, de força, de glória, de beleza.

A juventude livre, isto é, liberada do entrave das falsas disciplinas, a juventude que se interroga e ausculta a si mesma, que ouve suas vozes íntimas e procura compreender o seu destino, estudando o mistério e a lei da evolução, será a divisa da nova legião.

Entendo que o termo protagonismo está muito desgastado e que tem uma deficiência para definir o que de fato ela é, o quê e/ou quem representa. Deste modo, Denis (2011) foi muito assertivo em suas palavras quando nos lembra o trabalho com as juventudes deve ser de forma parceira, onde a juventude seja livre, crítica, amorosa, que tem voz ativa, construtora e transformadora do seu destino e do mundo ao seu redor. Assim, o movimento espírita cumpre seu papel educativo em consonância com o caráter pedagógico da Doutrina Espírita.

5.2 Aprendizagens experienciais: o movimento espírita como espaço de formação

No que tange à capacidade de transformarmos tais vivências em experiência formativas, podemos apontar que é crucial proceder a partir de um olhar consciente e reflexivo sobre o vivido na busca de suscitar um processo de (re)significação das experiências de vida. Entendo experiência em conformidade com Larossa (2002) como aquilo que é vivido, sentido e significativo para vida. Para que os indivíduos possam ter experiência é preciso que haja um trabalho reflexivo sobre aquilo que é vivido, para que se tenha uma consciência do que foi observado, percebido e sentido em sua trajetória de vida (JOSSO, 2010).

A experiência é fruto da reflexão e da interpretação do vivido. A partir dessa experiência construída, o sujeito sofre transformações e eleva suas dimensões a um novo patamar de conhecimento, surgindo novos saberes. Esse processo pode ser entendido como formação experiencial, pois é a partir da experiência que o sujeito se forma e se modifica (RODRIGUES, 2013, p. 167).

Josso (2004, p.143) ao conceituar experiência aponta que

a experiência pode tornar-se em tal a posteriori de um acontecimento, de uma situação, de uma interação; é o trabalho de reflexão sobre o que se passou; mas uma atividade qualquer é também experiência desde que o sujeito se conceda os meios de observar, no decorrer da atividade, o que se passa e reflita sobre o que esta observação lhe traz como informação sobre a

atividade empreendida. Em outras palavras, uma experiência é uma ação refletida a priori ou a posteriori.

Para Josso (2010), a experiência quando refletida possui uma perspectiva formadora. A autora convida para compreendermos que os processos de formação dos sujeitos estão implicados em suas trajetórias de vida. Assim, a pesquisa (auto)biográfica em educação e as narrativas biográficas auxiliam e concretizam as aprendizagens experienciais.

A problemática da experiência conduz a uma reflexão sobre as modalidades de elaboração dos saberes, de compreensão e de explicação dos fenômenos que o pesquisador adotou como objeto de pesquisa. Este tema, como o da intersubjetividade, permite interrogar-se a respeito das condições de possibilidades do processo de conhecimento[...]. (JOSSO, 2010, p.111)

Em vista disso, Josso aponta que as histórias de vida são estímulos na produção de projetos de construção de saberes e de formação, por isso o olhar atento e reflexivo sob o sujeito aprendente e o saber do qual constrói e/ou se envolve. É preciso que as histórias de vida sejam narradas para que os sujeitos possam imergir em na aventura biográfica de refletir sobre suas vivências promovendo um diálogo entre passado, presente e futuro. Esse movimento reflexivo e interpretativo do que que é narrado é que transforma o que é vivido em experiências. Desde modo, abre as possibilidades para a consciência da experiência e percebê-la como mecanismo de produção de aprendizagens, como potencial formador. Logo, Josso destaca que uma aprendizagem formadora é

[...] uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros. (JOSSO, 2004, p.39)

Aprender pela experiência é integrar-se com um saber-fazer e com conhecimentos e teorizações que apreendemos no decorrer da vida. É dar significado as nossas ações e decisões para que estas possam assumir uma dimensão transformadora, produzindo, assim, conhecimento. Portanto, Josso define as aprendizagens experienciais de forma muito direta

A experiência, as experiências de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, a priori ou a posteriori, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saberfazer, de saber pensar e de saber situar-se. O ponto de referência das aquisições experienciais redimensiona o lugar e a importância dos percursos

educativos certificados na formação do aprendente, ao valorizarem um conjunto de atividades, de situações, de relações, de acontecimentos como contextos formadores. (JOSSO, 2004, p.235)

Nesse processo de elaboração de sentido das experiências, os indivíduos estabelecem uma autoformação, um saber-de-si, que posteriormente modifica-o para um ser melhor do que era antes. Esse trabalho formativo pode ser mais bem compreendido quando apoiado ao uso das narrativas de sujeitos, pois ao narrar o indivíduo pode estabelecer uma interação com o tempo, estabelecendo de fato uma história de vida com personagens, circunstâncias, acontecimentos, ações, relações de causa, de meio, de finalidade (DELORY-MOMBERGER, 2008).

A dinâmica de construção das narrativas de nossa trajetória de vida proporciona uma nova visão das experiências, um novo prisma que poderá motivar novos conceitos e atitudes, reorganizando as estruturas íntima de cada indivíduo, bem como de suas múltiplas dimensões. Esse poder formador das narrativas é um dos principais focos da pesquisa (auto)biográfica.

Assim, as experiências dos jovens espíritas se apresentam como possibilidade de entender a formação no campo da espiritualidade e identificar seus princípios, fundamentos, procedimentos e práticas. Vale ressaltar o sentido do termo espiritualidade, posto neste trabalho ou pesquisa. Para Olinda (2009, p. 18) o termo pode ser entendido a partir de uma:

[...] tripla dimensão, explicitando a sua vinculação com processos individuais e coletivos de (trans)formação: como **transcendência** – marca da possibilidade de abertura para uma relação cada vez mais próxima a Deus; como **caminho** – indica o processo de autoconhecimento e do aprendizado de relacionar-se amorosamente com todos os seres vivos e **ético-político** – aponta para o engajamento nas lutas sociais que garantam a dignidade humana e o respeito à vida.

Portanto, podemos entender que a espiritualidade é fruto de uma conquista, de uma construção. Não é um presente dado e acabado pelo simples fato de pertencer a uma determinada vertente religiosa. É imperativo e significativo o estudo dos processos formativos oriundos das experiências religiosas e espirituais de jovens, no intuito de reconhecer a dimensão da espiritualidade juvenil como processo de formação humana. Isso fortalece o entendimento que os saberes são construídos em ambientes diversos e não apenas nos espaços escolares.

Considerando tais matrizes teóricas sobre experiências, aprendizagem e formação, focaremos em analisar: como o centro espírita se configura como um espaço de formação,

gerando aprendizagens e experiências que vão além dos saberes espirituais e específicos da Doutrina Espírita.?

Sobre essa temática, em nosso encontro do Círculo de Cultura, solicitei ao grupo que caracterizasse o centro espírita com uma palavra. Vejamos como Leonardo caracteriza o centro espírita:

Eu coloquei escola, porque dentro do Centro Espírita eu aprendi muita coisa. Eu sempre falo que tive uma mudança muito grande de ser, de visão, de moral, visão de pessoas. Depois eu comecei a estudar a Doutrina Espírita mesmo, pois para mim sempre foi um aprendizado o tempo todo é por isso que eu coloquei com uma escola. (Leonardo)

O fato de ter sido um espaço de aprendizagem, leva Leonardo a caracterizar o centro espírita como uma escola, pois foi a primeira referência de espaço de formação que lhe veio à mente. Essa ideia do centro espírita como escola é muito comum entre alguns autores espíritas, observemos Emmanuel pela psicografia²⁷ de Chico Xavier:

[...] um templo Espírita é uma Universidade de formação espiritual para as criaturas humanas, [...]. Por exemplo, numa Faculdade de ensino superior que nos merece o máximo acatamento, nós aprendemos Ciências que vão aperfeiçoar os nossos recursos intelectuais. Mas, no Centro Espírita, orientado segundo os preceitos do Evangelho, nós vamos encontrar os estudos e raciocínios adequados à nossa necessidade de vivência em paz no mundo com a vivência igualmente do Amor uns para com os outros, segundo o ensinamento de Jesus, que nós não podemos esquecer: ‘Amai uns aos outros como eu vos amei...’ (Emmanuel, Entrevistas, 5. ed., p. 114-115).

“Um templo espírita não é simples construção de natureza material. É um ponto do Planeta onde a fé raciocinada estuda as leis universais, mormente no que se reporta à consciência e à justiça, à edificação do destino e à imortalidade do ser.” (Emmanuel e André Luiz, Estude e viva, 6. ed., p. 206).

“Um templo espírita é, na essência, um educandário em que as leis do Ser, do Destino, da Evolução e do Universo são examinadas claramente, fazendo luz e articulando orientação, mas, por isso, não deve converter-se num instituto de mera preocupação academicista.” (Emmanuel e André Luiz, Estude e viva, 6. ed., p. 222).

²⁷ Allan Kardec utilizou a palavra psicografia para indicar a forma de os Espíritos se comunicarem por meio da escrita.

O sentido que Emmanuel traz de escola é interessante, pois não reflete a visão de “escola tradicional” que conhecemos. O centro espírita produz conhecimentos novos a partir dos saberes evangélicos oriundos dos ensinamentos morais e filosóficos de Jesus e da cosmovisão espírita, desencadeando não só o desenvolvimento intelectual, mas um desenvolvimento multidimensional, ou seja, um conhecimento que produz transformações na esfera moral, social, emocional, espiritual, política e etc.

Os conhecimentos procedentes dos estudos dos princípios espíritas orientam ao autoconhecimento humano e sua relação com o próximo e o meio em que vive, essa é sua essência. Natalia, em sua fala, pondera que o centro espírita pode ser entendido como escola, mas desde que o entendimento desse espaço não se limite a pura escolarização.

Eu tenho uma visão diferente de escola. Para mim, escola e Centro Espírita são coisas diferentes, mas ao mesmo tempo iguais. Na escola, o método é o de “passar o ensino”. No geral, a escola tá ali para passar o conteúdo para o menino, aí o menino aprende ou não. Mas no centro espírita eu vejo mais voltado para a formação mesmo. Ali a gente tá estudando, mas para tirar nossas conclusões, até porque a Doutrina Espírita não é uma coisa que ensina o jeito certo de fazer, mostra os caminhos para você escolher. (Natalia)

A Doutrina Espírita é essencialmente pedagógica, pois tem como objetivo a formação de um novo ser humano, mais transcendente, consciente de si e do mundo, autônomo, racional e com amorosidade plena. Um ser humano que transforme a sociedade na busca do bem comum, de forma dialógica, construtiva, orientando-se sempre pelas diretrizes do amor, respeito e esperança. A tendência da humanidade é alcançar esse patamar evolutivo e a educação é o meio para atingir isso. Kardec (2014) afirma que “a educação é a chave do progresso moral” apontando a necessidade de uma educação propositiva para esse fim.

De um modo geral, quando citamos o nome de Allan Kardec, lembramos do grande trabalho que teve, organizando e sistematizando os ensinamentos dos espíritos para a conclusão de uma cosmovisão espírita nas perspectivas científica, filosófica e religiosa. Muitos não sabem que Kardec foi pedagogo e formado no Instituto de Yverdon pelo grande educador Johann Heinrich Pestalozzi.

Como pedagogo, atuou na educação pública na França sendo grande defensor do ensino público, gratuito e de qualidade. Propôs uma prática educativa que desenvolvesse todas as necessidades reais dos educandos(as), além de nutrir um sonho e instalar na França uma instituição educacional nos mesmos moldes do Instituto de Yverdon. Infelizmente,

Kardec não consegue estruturar esta instituição, mas realizou uma série de ações pedagógicas e produções científicas que auxiliaram na discussão da educação francesa do século XIX:

Entre os anos de 1828 e 1848, publicou: *Plano proposto de aperfeiçoamento da instrução publica* (1828); *Curso pratico e teórico de aritmética* (1829); *Gramática francesa clássica* (1831); *Qual o sistema de estudo que mais se harmoniza com a necessidade da época* (1831); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); Já entre os anos de 1835 e 1840, estruturou em sua própria casa, cursos gratuitos de química, física, anatomia comparada e astronomia. E, em 1849, dirige, no Liceu Polimathique filosofia, astronomia, física e química. (RODRIGUES, 2013, p. 100)

Toda a sua dedicação na promoção de uma educação moderna é fruto de sua formação no Instituto de Yverdon, onde ao lado de Pestalozzi teve a oportunidade de experimentar e desenvolver novos métodos de ensino e aprendizagem. Pestalozzi partia do entendimento de que a educação deveria formar o ser integral a partir de um tríplice aspecto: cabeça (a racionalidade, a lógica), o coração (os sentimentos, a moral) e as mãos (o trabalho prático, a ação no mundo). Kardec substituiu o grande educador quando o mesmo realizava viagens para outros países. Assumia a coordenação do Instituto de disciplinas estagiando e aperfeiçoando sua práxis pedagógica. Assim, Kardec construiu uma trajetória pedagógica muito ampla que ajudou não só no seu aprendizado, como influenciou em seus trabalhos pedagógicos e mais tarde na sistematização da Doutrina Espírita.

Diante de todo esse contexto formativo do qual Kardec vivenciou, o grande pedagogo francês, ao organizar a Doutrina Espírita, deu-lhe o caráter educacional, por concluir que a trajetória do espírito desde a sua criação simples e ignorante, até o seu ápice na pureza espiritual é um processo educativo. Esse trabalho de Kardec foi possível pela parceria com os espíritos que revelaram a origem, natureza e destinação dos espíritos. Estes espíritos de grande sabedoria e de evolução moral elevada esclareceram à Kardec que a jornada do espírito rumo a perfeição plena é uma jornada de transformação íntima de projeções coletivas, onde a cada oportunidade de aprendizado abraçada o espírito se transforma e transcende para melhor. Portanto, não há como não compreender a Doutrina Espírita deslocada de uma educação integral.

Incontri (2006, p. 157) aponta que a proposta pedagógica espírita é definida por três parâmetros:

1) A liberdade: fomos lançados livres no universo, com o direito e o dever de construirmos a nós mesmos e cultivarmos as sementes de divindade que trazemos em nós;

2) A ação: somos livres, para agir no mundo e é através da ação, que promovemos o nosso aprendizado, experimentando situações e vivências, em diversas vidas, até adquirirmos sabedoria e virtude;

3) O amor: embora Deus tenha nos criado livres para agir, não nos deixou ao abandono, cerca-nos com seu amor incessante, enviando seus mensageiros, para ensinar ao homem a verdade e o bem, colocando ao nosso lado Espíritos que nos amam e orientam e intervindo junto a nós como Providência, que nos acompanha.

São esses três princípios, pois, que podemos erigir como fundadores de uma proposta pedagógica espírita: respeitar a liberdade e a individualidade da criança, que deve agir para aprender (e isso vai desde a aplicação prática de fórmulas matemáticas até o exercício das virtudes), mas essa ação livre deve ser acompanhada pelo amor dos educadores, empenhados em incentivar e cultivar o lado bom dos educandos, com atenção, diálogo, observação e autoridade moral.

Assim, todas as atividades espíritas devem buscar esse objetivo pedagógico de formação amorosa, cognitiva, moral, ou seja, integral. Limitar as ações e atividades espíritas à estudos doutrinários e explicações evangélicas é diminuir seu propósito, é descaracterizar seus objetivos de colaborar para o progresso da humanidade. Se o centro espírita, na figura de seus trabalhadores(as), foge desse propósito, podemos afirmar que ali a Doutrina Espírita não foi bem compreendida e o que há é uma tentativa de aplicá-la.

Uma ação formativa que entende os seres humanos de forma superficial, simplista, sem os múltiplos aspectos do ser e não como sujeitos da aprendizagem, é incompatível com o Espiritismo. Por isso, Natalia pondera que a formação no centro espírita não é baseada no passar conhecimentos, mas na geração de dúvidas, construção e produção de entendimentos sobre temas doutrinários, interface com outros saberes e o pensar livre. Leonardo enriquece essa discussão quando levanta a seguinte questão:

Digamos que o centro espírita tem a metodologia construtivista e a maioria das escolas não. Os alunos da escola são depósitos de informação, só recebem informação e no centro espírita tem a construção da pessoa mesmo. Quando eu coloco escola, não coloco nesse sentido do centro espírita como depósito de informação, mas no sentido de construtivista de ensinar as pessoas, de torná-las conscientes do seu papel e do seu ser. (Leonardo)

Durante a discussão no Círculo de Cultura, Leonardo explica a sua decisão pelo uso do termo escola para caracterizar o centro espírita e esclarece que não pensa a instituição com uma prática de depositar informações. É interessante, pois a partir dessa consideração

podemos estabelecer um diálogo entre a proposta pedagógica espírita e o conceito de educação bancária de Paulo Freire.

Freire (2009) analisa que a relação entre educadores e educados tem um caráter da narratividade e de dissertação, ou seja, o sujeito aqui é aquele que narra o conteúdo a partir apenas de seu ponto de vista, da sua interpretação, promovendo assim o que Freire chama de petrificação, mortificação da realidade, pois não há dinamismos provenientes de outros olhares e interpretações.

Esta postura encaminha o educando(a) para a memorização mecânica do conteúdo, sendo assim preenchido como vasilhas, depósitos de informações. A partir dessa análise Freire (2009, p. 67) observa:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que se julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição.

A educação “bancária” aliena e mantém os seres humanos na alienação e ignorância. Nega a busca do conhecimento, a construção de saberes, o desenvolvimento integral e o trabalho de demandas íntimas de cada pessoa, ou seja, uma formação pautada na concepção bancária é oprimida, nega a liberdade.

A pesquisa realizada com jovens espíritas do Ceará sobre sua relação com o centro espírita, apontou a necessidade de uma atenção quanto a essa postura pedagógica nas atividades espíritas, principalmente quando o público é a juventude. Foi perguntado quais setores que a juventude entende que o centro espírita necessita de mudanças em relação aos jovens e 22,7% apontaram as atividades de palestras públicas. Essa atividade acontece na grande maioria dos centros espíritas, consiste em um momento em que uma pessoa, convidada ou do próprio centro espírita, faz uma exposição, uma palestra sobre temas doutrinários, evangélicos ou temas gerais do cotidiano a luz do Espiritismo, com duração média de 30 a 60 minutos. E o que a juventude espírita cearense mais comentou sobre esse trabalho?

Todos os comentários traziam a necessidade de melhorar a metodologia de abordagem, que não falavam a linguagem juvenil e não estavam ligadas a problemáticas

atuais, evitavam temas polêmicos, ou seja, só uma pessoa expõe e as demais sentadas apenas ouvindo não dão conta mais das demandas de aprendizagem da juventude contemporânea. A juventude quer ser ativa, questionar, duvidar, tirar suas conclusões. Parece que como espíritas esquecemos que esse foi um recurso que o próprio Kardec utilizou ao sistematizar o que ouvia dos espíritos. Kardec não aceitou todas as respostas dos espíritos como verdade absoluta, questionou diversas vezes, analisou a postura moral de cada espírito, comparando respostas, categorizando e decodificando para construir uma nova ciência.

A experiência espírita só pode ser transformadora se os processos formativos decorrentes de suas ações forem libertadores, dialógicos e amorosos. No documento *Orientação para a Ação Evangelizadora Espírita da Juventude: subsídios e diretrizes*, encontramos a orientação de como organizar os “espaços de ação jovem”. Segundo o documento estes ambientes são: espaço de estudo e vivência do Evangelho, de confraternização, vivência e ação social, comunicação social, integração no centro espírita e no movimento espírita, e espaço de convivência familiar. (FEB/CFN, 2016) No que tange ao espaço de estudo e vivência do Evangelho pode entender que:

Os espaços de estudo nos Centros Espíritas referem-se a reuniões de jovens para o estudo semanal da Doutrina Espírita e representam espaço privilegiado de encontro e compartilhamento, reflexões e vivências, além de favorecer o fortalecimento dos laços afetivos e sociais entre seus pares e todos os envolvidos na ação evangelizadora. A implantação e a implementação de grupos de Juventude nos Centros Espíritas representam ação de relevo por promover o estudo compartilhado da Doutrina Espírita de forma contextualizada com o cotidiano jovem, além de favorecer o engajamento do jovem nas tarefas desenvolvidas nas instituições. (FEB/CFN, 2016, p. 75)

Sobre a abordagem e o desenvolvimento dos assuntos e temas, identificamos a seguinte orientação no documento:

No que tange à abordagem temática, os evangelizadores/coordenadores de Juventude devem estar atentos aos eixos estruturantes da tarefa, de modo a favorecer a adequada contextualização e a proporcionar o conhecimento doutrinário, o aprimoramento moral e a transformação social, em consonância com os princípios doutrinários, contemplando a formação integral do indivíduo e alcançando instâncias do conhecimento, do sentimento e da ação (cabeça, coração e mãos), sob a perspectiva da fé raciocinada e da prática da caridade. (FEB/CFN, 2016, p. 78)

Há nos documentos a orientação para que a atividade, desde sua concepção até a sua prática, promova a formação integral, a transformação social, o desenvolvimento

intelecto-moral e seja contextualizada. Mas quando ouvimos a juventude, infelizmente, não é isso que encontramos na maioria dos centros. O que falta fazer, se já há as orientações nos documentos oficiais? Se já existe um esforço das Coordenações de Infância e Juventude da FEEC em promover formações com esse propósito? Se a própria Doutrina Espírita tem essa proposta em suas fundamentações?

Há de se avaliar que mesmo com todos esses esforços, todas essas instâncias devem investir para que a aprendizagem possa acontecer no centro espírita de modo mais significativo para a formação do ser integral. As orientações de espaço de ação jovem é um passo importante, mas se limitarmos apenas as atividades dos agrupamentos de mocidade não terá uma efetividade plena. A própria juventude reconhece o centro espírita como espaço formativo e de produção de conhecimento, mas cabe às(aos) evangelizadoras(es), dirigentes espíritas, compartilharem, na prática, essa mesma compreensão.

Outro ponto interessante que o grupo trouxe nas discussões do Círculo de Cultura foi a ideia de família. Muitos veem o centro espírita como um lar, uma família, que podem contar sempre quando precisarem. Vejamos o depoimento de Orlanna e Debora:

Eu coloquei família porque eu cresci na SOESMA, eu cresci no movimento espírita. Eu tinha a minha vó lá que toda vez, no evangelhoterapia, estava lá cuidando de mim, me colocando para dormir. Acaba sendo um vínculo mais forte se você tá com as pessoas que ama. As pessoas do centro aconselham, tem conversas, tem aquelas “intrigas”, assim, saudáveis, de puxar a orelha mesmo, de querer colocar na linha. Tem aquela pessoa que você considera mais que um irmão, tem tudo isso. Então, acho que realmente é uma família, pois está todo mundo ali com o mesmo objetivo e todo mundo aprendendo com a convivência. A convivência realmente é demais e você aprendendo as questões espíritas em convívio de família, você internaliza mais. É muito forte. (Orlanna)

Eu coloquei família por que eu cresci aqui no Vidal e querendo ou não eu tenho um laço muito forte com a instituição e com as pessoas que fazem parte. É família porque acolhe. Aqui é o espaço também para as pessoas se sentirem acolhidas e bem recepcionadas, para que os laços possam ser mais fortalecidos e dar um apoio quando você precisa. Tem sempre alguém que está apoiando e incentivando. (Debora)

Ao trazer o aspecto de família, Orlanna e Debora, ressaltam que no centro espírita as experiências afetivas e amorosas são fundamentais em suas trajetórias vida. Um ponto

interessante é que ambas destacam que são de família espírita e que estão no cotidiano do centro espírita desde a infância e sempre no mesmo centro espírita, fato este que auxilia no fortalecimento de laços.

No questionário realizado com a juventude espírita do Ceará 68,2% responderam que sua família também é espírita. É um quantitativo considerável indicando que a juventude tem mantido presença nas atividades espíritas mesmo depois de sair da evangelização infantil, pois temos observado e analisado empiricamente que o número de jovens tem diminuído na casa espírita quando os mesmos não dependem mais dos pais para levá-los ao centro espírita.

Estando com a presença ou não de seus pais, os jovens e as jovens espíritas experimentam nos centros espíritas esse aconchego familiar e a acolhida fraterna. Muitas instituições espíritas utilizam em sua identidade institucional o termo casa ou lar espírita para reforçar essa característica importante e considerada fundamental na instituição espírita.

Pires (2018, p. 13) destaca que o clima familiar e fraterno é comum no centro espírita e mais fácil de se estabelecer quando o mesmo é pequeno e modesto, onde as pessoas possam ser mais próximas das outras e, assim estabelecer laços mais fortes.

Um Centro Espírita pequeno e modesto – como na maioria o são – atrai as pessoas realmente interessadas no conhecimento doutrinário, cria um ambiente de fraternidade ativa em que as discriminações sociais e culturais desaparecem no entrelaçamento de todos os seus componentes, considerados como colaboradores necessários de uma obra única e concreta.

Na França, as sociedades espíritas eram muito voltadas aos estudos e pesquisas espíritas, pois o caráter científico tinha muito mais destaque nas ações das sociedades. No Brasil, muitos centros espíritas surgiram de núcleos familiares herdando toda a acolhida e a característica mais fraterna e religiosa. Segundo Pires (2018, p. 14), “os Centros oriundos de grupos familiares mostram-se mais coesos e mais abertos conservando e seiva fraterna de sua origem. É esse o clima de que necessitam os trabalhos doutrinários.”

Esse clima familiar proporciona à juventude experiências significativas, que desenvolvem saberes mais parceiros e coletivos. Toda essa atmosfera afetiva proporciona um ambiente mais seguro para o jovem ou a jovem aprender, a se construir, se transformar.

Eu coloquei a palavra “Lar”, porque o lar não é uma casa, não é uma construção, é um sentimento que você tem de pertencimento daquele lugar. É esse sentimento que eu tenho com o centro espírita que eu faço parte. Eu não me veria em outro centro espírita, até poderia, mas eu sei que a minha formação hoje eu devo ao GERJ. Todos os sentimentos, todas as

coisas, eu tenho direcionado ao GERJ, às pessoas que lá se encontram. A gente pode estar em outros lugares, a gente pode estar em outras situações, as pessoas podem estar se afastando, outras podem estar chegando, mas vai ser sempre o meu lar ali, sempre eu vou pertencer àquele lugar. Eu não viveria mesmo longe afastada de atividades espíritas e principalmente do GERJ. (Natalia)

O documento de *Orientação para a Ação Evangelizadora Espírita da Juventude: subsídios e diretrizes*, apresenta quatro qualidades para a tarefa evangelizadora: a qualidade doutrinária, a qualidade relacional, a qualidade pedagógica e a qualidade organizacional. Desta, destacaremos as orientações sobre a qualidade relacional para entendermos como o movimento espírita tem pensado e organizado as relações nos processos formativos.

A qualidade relacional na prática da Evangelização refere-se à garantia da construção de vínculos pautados da vivência da fraternidade legítima e no zelo aos processos interativos e comunicativos vivenciados na instituição espírita.

As ações de bem acolher, esclarecer, consolar e orientar os que chegam ao Centro Espírita, que fundamentam e perpassam todas as atividades da instituição, convidam-nos à atenção ao fortalecimento dos laços fraternos entre todos, abrangendo as relações entre os jovens, entre o jovem e o evangelizador, entre a família e a instituição espírita, entre o colaborador e o frequentador, entre colaboradores, dentre outros, construindo um processo relacional efetivo. (FEB/CFN, 2016, p. 47-48)

Se sentir bem em um ambiente é o primeiro passo para a criação de vínculos com esse espaço e com as pessoas que estão ali. Os vínculos trazem segurança e confiança para a aprendizagem da juventude. Muitos e muitas jovens, principalmente no contexto social atual onde vivemos em uma sociedade individualista, consumista e imersa em si mesma, buscam relacionamentos interpessoais verdadeiros e construtivos que possam enxergá-los como seres com potenciais e com qualidades eminentes. Na realidade, o que a juventude quer é ser compreendida, respeitada no seu momento de vida, estimulada a ser mais sem pressão ou coerção.

Durante o processo formativo é fundamental termos empatia, afinidade, afetividade com o sujeito aprendente. Freire (2009) chamava a atenção para a necessidade de um querer bem aos educandos(as), não se assustando e nem temendo expressar afetividade para com os educandos(as). Isso porque, muitos pensam, equivocadamente, que ter amorosidade, afetividade, querer bem aos educandos(as) reflete uma fraqueza na figura de quem educa ou uma ausência de seriedade.

Na verdade, preciso destacar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (FREIRE, 2009, p. 141)

Nesse sentido Tassoni (2000, p.3) afirma que:

Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos.

Natalia destaca que o centro é a expansão de sua casa e como a vivência com as pessoas do centro espírita auxilia na sua formação.

Para mim é a minha segunda casa, porque a minha primeira é com a minha família. Não é nem a segunda é a expansão da minha casa. Dentro do centro espírita a gente tem figuras que podemos até comparar com a nossa família. Tem pessoas no centro espírita que tem uma figura mais materna que me deixam mais acolhida. Outras tem a figura paterna com mais rigidez, mas também aquele acolhimento de pai. Tem pessoas que já considero como irmãos que são as que tenho mais afinidade. (Natalia)

É interessante atentarmos para a importância das relações afetivas no processo de formação. Muitos centros espíritas possuem atividades sociais, de estudo, de evangelização de domingo a domingo, em horários diversos. O que motiva um jovem ou uma jovem sair às 15 horas da tarde num sábado sob o sol forte do Ceará para atividades de uma mocidade espírita? De estar domingos de manhã auxiliando em atividades de evangelização infantil ou em ações sociais de visitas a abrigos, hospitais ou de arrecadação de alimentos? Poderiam estar em outros espaços, mas escolheram estar na mocidade, no centro espírita e isso pela vontade de transforma-se, por acreditarem nos princípios espíritas que explica serem espíritos milenares que tendem a evolução.

Toda essa vontade de aprender, de fazer, de transforma-se é sustentada pela amorosidade, pela afetividade. Querem aprender por que ali está o seu coração e são acolhidos. De que adiantaria um grande centro de estudos espíritas onde as relações são frias, distantes e os jovens são considerados apenas como estagiários eternos? Urge o

fortalecimento dos centros espíritas como espaço de sentimentos, de acolhimento, de bem-estar, de seio familiar.

A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Da mesma forma, a maneira como cada professor manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximavam ou afastavam os alunos do objeto de conhecimento. (TASSONI, 2008, p. 207-208)

Essa ambiência propicia o fortalecimento de pertença do centro espírita por parte da juventude. Esse sentimento de pertencimento favorece o processo de aprender e de estabelecimento e fortalecimento de laços afetivos. Vejamos abaixo o entendimento da Orlanna sobre essa questão:

Eu não consigo me ver fora da SOESMA. Eu já pensei, conversei, se for necessário morar em outro lugar, em outro estado, será que vou conseguir ter essa afinidade, ter esse engajamento todo que eu tenho na SOESMA? Eu fico com medo. Esse sentimento que eu tenho pela casa faz ligação com a minha vida. Porque na nossa casa levamos o que aprendemos, o que o nosso pai, nossa mãe, tudo isso acaba formando a gente. E como eu nasci na SOESMA eu levo pra vida coisas de lá também, está tudo atrelado. Vivo com as pessoas, aprendendo muitas coisas, colocando em prática. Se isso não fizer parte da sua vida, do seu comportamento essa experiência não foi válida. Essa lógica é em todo lugar, por exemplo, se você for para o trabalho que você não gosta muito do ambiente, isso vai mudar o seu comportamento, às vezes ser mais tolerante, ser mais paciente. E na casa espírita não seria diferente. Imagina você tantos anos nesse ambiente e isso não mexer nada com você. Você não ser pertencente daquele ambiente, de nada daquilo. Então, o que você fez esse tempo todo? Eu estava em uma reunião de diretoria conversando sobre pessoas que estavam há muito tempo no trabalho da casa, frequentando, estudando e que a gente vê que não se consideram pertencentes, que não tem o pensamento de dizer que a SOESMA é também deles, quando você realmente tem uma visão do que esse Centro Espírita representa para você, aí sim você pode dizer que aquela casa é sua e que está contribuindo com o crescimento dela.
(Orlanna)

O sentimento de pertença potencializa o processo formativo, pois estabelece uma relação muito próxima e afetiva do educando(a) com o ambiente de aprendizagem. Sua ação

no mundo e no centro espírita vai depender de como essa consciência foi construída e elaborada durante a sua aprendizagem. No caso do jovem e da jovem espírita, quanto mais implicado no centro espírita melhor vai ser o seu envolvimento e engajamento neste ambiente, além disso, contribuirá significativamente com o seu desenvolvimento integral.

Das diversas atividades existentes no centro espírita, a juventude espírita em sua grande maioria, escolhe engajar-se inicialmente em atividades de evangelização infantil e de ações sociais. Essas duas atividades geram preciosas e ricas experiências para a juventude imprimindo na sua trajetória aprendizagens baseada na práxis. Vejamos os depoimentos do jovem e das jovens participantes do Círculo de Cultura:

Todas as atividades que eu tive a oportunidade de participar lá no Vidal, a mocidade, a evangelização, os grupos de estudos, todos eles tiveram importância na minha formação, conseguiram influenciar a querer mudar, a me transformar, mudar minhas ações para que eu possa conseguir me ver como alguém que tem a sua missão, que tem o seu papel, um ser mais consciente na minha jornada. Como evangelizadora, acho que a atividade de evangelização infantil foi a que mais mexeu comigo pela minha experiência de evangelizar outras crianças. Acabou me dando a oportunidade de me conhecer melhor, mudando coisas que antes não me faziam bem e atitudes que eu preciso melhorar. Me fez ficar mais consciente e buscar me melhorar. Me sentir responsável por fazer o planejamento da aula e estudar mais Espiritismo. Você vai ensinar e tem que ter o domínio do assunto, mas acho que também é importante questão de você ser o exemplo. Então eu tive que trabalhar mais para que eu possa ser um exemplo delas, ou seja, trabalhar o conteúdo em mim. (Debora)

Eu acho que no meu caso foi o estímulo para desenvolver os estudos da própria mocidade. O estímulo do próprio jovem pesquisar, estruturar o encontro, pesquisar o que perpassa aquele conteúdo, que obras ele pode trabalhar, de onde vem aquele conteúdo e como ele vai passar para o resto do grupo. O incentivo que a gente teve muito grande no Vidal, na mocidade é para mim é um ponto bem relevante na minha formação. (Leonardo)

Quando você entra na evangelização que você se preocupa em dar uma aula que aquelas crianças entendam, o que você quer passar, o que realmente tá na no Livro dos Espíritos e no Evangelho. Não pode ser uma coisa tradicional e isso me estimulou muito a estudar. Eu pensei “meu Deus então eu tô aqui eu preciso estudar mais”. Realmente comecei a estudar no ESDE para poder ter mais conhecimento para poder passar. Então a responsabilidade de

você passar o conteúdo mexeu muito comigo. Eu quero me engajar mais, tanto para estudar, para aprender recursos diferentes. Isso me incentivou ainda mais para fazer o curso de Pedagogia, pois desde cedo eu quis trabalhar na área da educação e tendo o trabalho, a experiência da evangelização, me deu mais um motivo ingressar nessa área. (Orlanna)

A minha formação começou na evangelização e culminou em eu ser hoje uma evangelizadora, mas o trabalho que eu acho muito, muito bacana no centro espírita são os trabalhos assistenciais. O que ajudou na minha formação foi justamente a evangelização e os trabalhos assistenciais. (Natalia)

Tudo que essas jovens e esse jovem vivenciam no centro espírita, trabalhos, estudos, participação na mocidade, são significativos na formação de suas individualidades. Nas narrativas oriundas do debate no Círculo de Cultura, observamos o quanto as vivências que tiveram no centro espírita foram fundamentais para a escolha da profissão, desenvolvimento pessoal, estímulo ao estudo, autoeducação para serem exemplos e coerentes com o que professam. Todas essas vivências são ressignificadas pelo grupo em um trabalho íntimo e também com o auxílio de suas evangelizadoras(es), visando transformá-las em experiências para a vida, pois só com a reflexão sobre o vivido, na intenção de ter uma nova ação é que construímos experiências. Essas sim, marcam a nossa existência e tornam-se “saberes de experiência”. (LAROSSA, 2002)

Rodrigues (2013, p. 170) define o centro espírita a partir de sua potencialidade formadora

O Centro Espírita se configura como mais um espaço de transcendência, espiritualização e formação. Em suas matrizes teóricas, a Doutrina Espírita deixa claro que não há sentido distinguir e separar as experiências religiosas espíritas das aprendizagens filosóficas e científicas e da sua atuação social. Identificar e entender como essas experiências formadoras são construídas e como reverberam na vida dos sujeitos implicados no Centro Espírita é de suma importância para compreender como a Doutrina Espírita contribui para o processo de formação dos indivíduos.

O movimento espírita há de se prestar ao urgente compromisso de manter e fortalecer os princípios educativos que caracterizam o centro espírita para que este espaço possa cumprir sempre com sua missão, que é auxiliar a transformação, a educação dos seres humanos a partir do desenvolvimento da razão, da moral, dos sentimentos, do seu aspecto social, político, biológico, espiritual, enfim, em todas as suas dimensões. Não esquecendo que

este processo se dará a partir de uma metodologia amorosa, que respeite os saberes da juventude, com uma ação em si e no mundo e que estimule o sujeito ativo e autônomo.



6 CONSIDERAÇÕES E NOVOS HORIZONTES

Olhar pela janela e ver
O reflexo de tudo que eu sou,
De tudo que eu fiz.
Será que hoje me tornei
Quem eu sempre quis?
Reflexo do que eu sou (Equipe um Som)

Resumir uma rica trajetória de formação e de elaboração de uma diversidade de sentimentos em poucas páginas é um grande desafio. Inicialmente me sinto seguro para dizer que esta não é uma conclusão, um encerramento, um esgotamento de tudo que poderia descobrir através desta pesquisa. Seria ingenuidade demais pensar dessa forma. De fato, aponto aqui novos horizontes e perspectivas.

Olho pela janela da vida e vejo todo esse percurso trilhado até aqui. Uma trajetória que não começou no doutorado, mas desde minha tomada de consciência que com o Espiritismo poderia aprender muito e ensinar bastante as pessoas ao meu redor. Não que essa fosse a única e perfeita forma de aprimoramento integral dos seres, mas o Espiritismo atendia as minhas demandas e dava conta de esclarecer as minhas dúvidas, auxiliar a lidar com minhas imperfeições e desenvolver minhas potencialidades.

Pesquisei na graduação sobre evangelizadores(as) espíritas e no mestrado sobre a pertença espírita e as contribuições no desenvolvimento do sentimento de esperança, projetos de vida e direitos humanos para juventudes em uma localidade do interior do Ceará. Todo esse trabalho me fortaleceu e me estimulou a pesquisar mais sobre a juventude espírita desencadeando o mergulho no desenvolvimento desta tese.

Na busca de responder quais eram as aprendizagens experienciais de jovens que atuam no movimento juvenil espírita cearense, me permiti a um mergulho mais profundo na construção de entendimentos sobre o saber espírita, o conceito de juventude, as ações dessa juventude no ambiente em que estão inseridos, como as experiências podem ser formadoras.

Para isso, retomei as práticas da pesquisa (auto)biográfica em educação para a partir das histórias de vida compreender melhor e de forma mais orgânica como essas experiências são formadoras. Também me orientei com a pesquisa engajada que fortaleceu a compreensão que um pesquisador deve ser encharcado de amor e comprometimento com os sujeitos e o tema de sua pesquisa, não tomando a vestimenta de um mero “pesquisador sanguessuga”.

Na busca de desenvolver a pesquisa, busquei o Coletivo de Mocidades Espíritas do Ceará (COMECE) para contribuírem com suas histórias e juntos comigo, aventurar-se nessa pesquisa formadora e no esclarecimento da minha questão inicial. Como participo a muitos anos do movimento de juventude espírita cearense imaginei que seria tranquilo o caminhar da pesquisa e não teria muitas dificuldades com os sujeitos e o lócus. Aí que eu me enganei e começam as primeiras aprendizagens para este professor-pesquisador em constante formação.

Somos chamados a atenção constantemente pelos(as) professores(as) orientares(as) para o cuidado de não pensar que a aproximação com o lócus e/ou com os sujeitos possa ser uma garantia absoluta de sucesso no desenvolvimento no trabalho. É um cuidado maior que devemos ter para propiciar o distanciamento necessário sempre quando precisar.

Me aproximei mais ainda das ações da juventude espírita e logo no início do doutorado fui convidado para assumir a Coordenação da Infância e Juventude Espírita da Federação Espírita do Estado do Ceará (CIJ/FEEC). Fiquei com receio de aceitar, tendo em vista o longo e árduo trabalho do doutorado, mas pensei na grande “coincidência” em receber esse convite tendo que pesquisar justamente a juventude espírita no Estado. Aceitei o desafio e entrelacei os encargos do posto assumido com a pesquisa que desenvolvia.

Pensei naquele instante que poderia enriquecer mais ainda as contribuições para o movimento espírita cearense e que teria mais facilidade, mais proximidade com a juventude. Com a equipe pude elaborar projetos de formação e encontros com evangelizadores(as) e com jovens e a partir dessas reuniões pude compreender empiricamente muitas questões emergentes da minha pesquisa como qual o modelo de organização das ações do movimento de juventude, o entendimento do conceito de juventude e o protagonismo juvenil. Mas foi com os sujeitos da pesquisa que pude apreender muito em todo esse processo.

Desde o início da pesquisa tinha em mente chamar os(as) jovens do COMECE para participar comigo desta pesquisa. Acompanhei as atividades e movimentação do grupo para melhor me inteirar de suas ações, princípios, ideias e compreensão que tinham do “ser jovem espírita”. No início, decidi utilizar como técnica de pesquisa o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), dispositivo de produção coletiva de histórias de vida da qual já tinha desenvolvido em meu mestrado em Educação Brasileira.

Delimitei o quantitativo de jovens e iniciei os primeiros encontros, mas esbarrei com a dificuldade de conciliar agenda entre os(as) jovens participantes da pesquisa. Insisti em aplicar essa técnica, por acreditar que o processo formativo que ela proporciona seria

fundamental para contribuir mais ainda com o desenvolvimento das potencialidades daquele grupo de jovens. Essa insistência provocou uma série de dificuldades no transcorrer da pesquisa atrasando a análise de dados e escrita dos resultados. Foi quando decidi desenvolver a entrevista narrativa que me possibilitava continuar trabalhando com as histórias de vida, as narrativas e experiência, mas agora em uma perspectiva individual.

Delimitei mais ainda o grupo e trabalhei com quatro jovens: Débora, Orlanna, Leonardo e Natalia. Com os “trens novamente nos trilhos” a pesquisa encaminhou-se progressivamente para produções narrativas belas e orientadoras para encontrar respostas para minhas questões.

A viagem para Brasília com o objetivo de participar com o grupo da Confraternização Brasileira de Juventude Espírita (CONBRAJE) foi fundamental para estreitarmos mais ainda os nossos laços de amizade e fortalecer a segurança interpessoal para as narrativas que construiríamos mais adiante. Assim, os encontros foram fluidos e produtivos. Pude identificar nas narrativas do grupo duas principais categorias das quais centrei minhas análises: o protagonismo juvenil e o movimento espírita como espaço formador.

Sobre estas categorias as principais constatações foram: primeiro, há uma iniciativa no movimento espírita para a promoção e estímulo do protagonismo juvenil dos(as) participantes de mocidades. Os documentos orientadores da ação evangelizadora produzido pelo Departamento de Infância e Juventude da FEB e as formações realizadas com evangelizadores(as) no Ceará corroboram para esse esforço de promover o protagonismo. Mas ainda falta à essas ações um diálogo maior com a juventude para considerá-la plenamente sujeito nesse processo. Verifiquei nas narrativas e nos questionários com a juventude espírita que mesmo com o discurso de protagonismo a juventude é encarada como mera executora de ações pré-planejadas por adultos.

Segundo, há de se desenvolver em parceria com o protagonismo, o empoderamento juvenil. Para Freire (1986), empoderar-se significa perceber criticamente a realidade social em que vive e se comprometer efetivamente com a transformação de si e do mundo. É preciso que o(a) jovem empoderado(a) tome posse de si implicando-se em um processo de conscientização crítica.

A partir dessa análise pude perceber que, para o(a) jovem espírita, o espaço formador mais preponderante para esse processo de empoderamento é o movimento espírita. Destaco isso, pois minha hipótese inicial era observar isso no centro espírita, mas constatei

pelas narrativas que não se limita ao espaço do centro espírita e mais do que isso, este é o espaço em que menos acontece esse protagonismo e empoderamento.

As narrativas destacavam maior importância para espaços externos ao centro espírita. O Encontro de Mocidades Espíritas do Estado do Ceará (EMECE), o Momento de Arte Juvenil Espírita (MOARJE), o Acampamento de Mocidades Espíritas (ACAMPAME), a Confraternização Brasileira de Juventude Espírita (CONBRAJE) são descritas em todas as narrativas como momentos de despertar e desenvolvimento do protagonismo e empoderamento juvenil.

A partir dos dados do questionário percebi que em muitos centros espíritas mantém-se uma organização e dinâmica de atividades orientadas por regras rígidas e disciplinadoras, onde a sua estrutura funciona de modo muito parecido com o patriarcado criando um “corpo rígido” na juventude. Esses(as) jovens acabam encontrando fora do centro espírita, em outros espaços que compõem o movimento espírita, suspiro para exercer suas potencialidades e seu protagonismo. Vale ressaltar, que, desta forma, centros espíritas que tem tal estrutura nada tem de Espiritismo, pois está em completa contradição com seus princípios e fundamentos doutrinários e cristãos.

Assim, constato também a necessidade de os centros espíritas estarem atentos para o que é realmente ser espírita e fazer Espiritismo. Isso pode parecer meio maluco ou controverso, mas é a avaliação que faço a partir das análises das narrativas, dos estudos que fiz sobre o tríplice aspecto da Doutrina Espírita e da minha experiência empírica como espírita.

O centro espírita, quando assume seu propósito de promover a educação das pessoas a partir de uma sequência gnosiológica de experimentação, reflexão e prática, ou seja, quando admite sua identidade de doutrina filosófica e moral, é espaço de formação intensa, amorosa, científica e filosófica para a juventude que a procura, desenvolvendo aprendizagens que preencherão suas múltiplas dimensões, ou seja, sua integralidade.

Isto é nítido nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa. Destaco aqui a fala da Natalia sobre essa questão

[..] em um dado momento várias circunstâncias foi me levando mesmo ao Espiritismo, a questão de acreditar, eu acredito no trabalho, eu acredito no Espiritismo, em tudo que tem dele e hoje, naquele momento, de escolha, de fazer parte, hoje eu me sinto parte, e eu sei que eu não poderia ter feito o melhor escolha para minha vida, porque o Espiritismo, tem uma carga de peso muito grande na minha vida, em tudo eu penso o que que pode acontecer, o

que que isso significa, ou então eu fico pensando será o Espiritismo diz alguma coisa sobre isso quando tem alguma questão pessoal e por tantas outras coisas, ele tem um peso muito muito significativa, de acreditar, de escolhas. Tem coisas que hoje eu não faço ou que eu faço porque eu acredito. E esse meu credo vem do Espiritismo, tem ações que eu faço também por conta disso, tem coisas assim que eu tenho certeza, que se eu tivesse no centro espírita, eu seria outra pessoa. Eu vejo os meus amigos sem se importar com as outras pessoas, sem se importar com os animais, eu fico assim tão mal por eles, mas eu sei que se eu penso nisso e tenho consciência disso, porque o Espiritismo me fez ver isso. Eu acredito porque eu sinto que aquilo vai mudar alguma coisinha no mundo. Poxa, eu poderia tá na praia, no cinema, poderia escolher qualquer outra coisa para fazer no domingo, no sábado, mas tá aqui é para mim é muito mais importante, às vezes eu deixo de fazer mil e outras coisas, deixo de ir para aniversário, porque eu sinto que tenho que estar aqui, não só no GERJ, mas no movimento espírita no geral, e eu sinto cada vez mais que esse é o meu lugar no mundo e reafirmo que não tem lugar no mundo que eu poderia estar se não esse. E é isso, o Espiritismo tem me proporcionado sensações incríveis e indescritíveis. (Natalia)

Diante disso, a pesquisa cumpre bem o objetivo principal que é de compreender os processos formativos das experiências religiosas vividas por jovens no movimento juvenil espírita cearense a partir das narrativas autobiográficas.

Também foi possível descrever e analisar a organização e as ações do movimento juvenil espírita cearense, identificando quais são suas referências e fundamentação pedagógica e se seu discurso realmente está condizendo com a prática que é observada no cotidiano. Quanto a isso, a de se estabelecer um esforço maior das federativas espíritas a partir de suas coordenações de infância e juventude para promover mais ações formadoras com os(as) evangelizadores(as). Mais do que isso, estabelecer um sentimento de unidade, não de ideias e metodologias, mais de objetivos comuns, buscando evitar o isolamento das práticas pedagógicas e das juventudes apenas em seus espaços particulares, enfraquecendo de vez o movimento de juventude espírita cearense, que no presente momento está em reformulação.

Um passo importante dado nesta pesquisa foi o questionário aplicado que traz uma base de informações fundamentais para a compreensão do(a) jovem no centro espírita. A partir desse dispositivo podemos ampliar suas questões e aplicar com periodicidade para análise constante desse contexto, no intuito de orientar a ações evangelizadoras e formativas.

Além disso, o trabalho inicia um registro histórico do movimento de juventude espírita no Ceará. A partir das narrativas e dos registros fotográficos do senhor Milton Borges

pude resgatar e registrar textualmente essa história. Ainda é incipiente, pois não era o principal objetivo deste trabalho, mas indico um empenho futuro de resgatar mais detalhes dessa trajetória e registrar para que sirva de orientação e referência para o movimento juvenil espírita.

Nesta tese pude refletir sobre as concepções existentes sobre juventudes e como estas e sua formação podem ser pensadas a partir da pertença religiosa, além de identificar interfaces entre experiência religiosa, espiritualidade, Espiritismo e juventudes.

Feitas essas considerações, esta pesquisa tem como tese que a prática sistêmica dos princípios espíritas de jovens que atuam no movimento juvenil espírita cearense proporciona aprendizagens experienciais que promovem uma formação integral.

Tais resultados evidenciam o potencial formador e pedagógico do Espiritismo, bem como o entendimento que a juventude espírita, de posse de todos os aportes que o Espiritismo possa oferecer, pode desenvolver suas potencialidades, compreender e superar suas limitações e medos, conhecer a si mesmo buscando transformar-se e transformar o mundo, encontrar um sentido para a vida e esforçar-se para vive-la da melhora forma.

Os dados alcançados não esgotam a possibilidade de compreender mais ainda a juventude espírita e o Espiritismo como proposta pedagógica, direcionam para diversas projeções de pesquisas que desejo realizar no futuro. Podemos apontar as seguintes questões: há uma compreensão do que seja empoderamento juvenil e como esta é desenvolvida no movimento espírita? Como a juventude espírita de ontem trabalha hoje em articulação com a juventude atual e respeitando, nesta análise, as demandas e diferenciações geracionais? De fato, quais as atividades que os centros espíritas realizam que efetivamente proporcionam experiência formadora para a sua juventude? Estas questões podem ser aprofundadas para que esse campo de estudo possa se ampliar cada vez mais.

Chego nesta etapa com a sensação que não é de fato uma conclusão, mas um apontar para novos horizontes. Lembrei de uma trilha que fiz na adolescência com um grupo de amigos. Estávamos em uma casa e de longe, muito longe, avistávamos um porto no litoral. Não tínhamos a ideia da distância, mas decidimos ir até lá para conhecer o ambiente.

Caminhamos basicamente o dia o dia todo passando por dunas, lagoas, conhecemos casas abandonadas, paramos em vilarejos para pedir água, sentamos debaixo de palmeiras para aproveitar suas sombras, ficamos com os pés doidos e feridos de tanto caminhar no solo escaldante. Aproveitamos o tempo de caminhada e estreitamos mais ainda os nossos laços de amizade contando histórias, brincando, fazendo projeções de futuro, refletido sobre a vida.

Ao chegar no litoral percebemos que o porto ainda estava longe demais da gente. Ele era tão extenso que imaginávamos muito perto de nós. Avaliamos que naquele dia não daríamos conta de chegar até lá. Mas um de nós parou e falou “galera olha que mar massa! Bora tomar banho!”. Nossa! Aquele banho foi revigorante depois da cansativa viagem e de certa forma uma recompensa por chegarmos até ali. Não conseguimos dar conta de tudo, mas conseguimos encontrar outras belezas, novos percursos e sempre tendo no horizonte o objetivo maior: chegar ao porto.

Assim eu me sinto nesta etapa de conclusão momentânea. Não se encerra aqui um caminhar, um ciclo. Estou me banhando nas águas de novas descobertas, que me revigora para continuar a buscar chegar no horizonte desejado. Vejo o porto com um novo olhar, sob uma nova perspectiva, vislumbrando sua verdadeira dimensão e cheio de vontade de continuar a caminhar para além do horizonte.



REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena, Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. *In*: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.
- ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. *et al.* **Relatório nacional Brasil**: pesquisa sobre juventudes no Brasil. Rio de Janeiro: Pólis: Ibase, 2008.
- ÂNGELIS, Joanna de (Espírito). **O homem integral**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2004.
- BENEVIDES, M. V. **Educação em direitos humanos**: de que se trata? *In*: BARBOSA, R. L. L. B. (org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 309-318.
- CRAWFORD, Robert. **O que é religião**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2005.
- DAMON, William. **O que o jovem quer da vida**: como os pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. Trad. Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009.
- DELORY-MOMBERGUER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DENIS, Leon. **O Cristianismo e Espiritismo**. Brasília, DF: FEB, 2005.
- DENIS, Leon. **O futuro do Espiritismo**. Tradução de Elena Gaidano. 1. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2017.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- DOMINICÉ, Pierre. **Biografia educativa**: instrumento de investigação para a educação de adultos. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 99-106.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA; CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. **Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude**: subsídios e diretrizes. Brasília, DF: FEB, 2006.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA; CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. **Orientação ao Centro Espírita**. Brasília, DF: FEB, 2006.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA; CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. **Plano Trabalho Movimento Espírita Brasileiro de para o Movimento Espírita Brasileiro (2018-2022)**. Brasília, DF: FEB, 2018.

FIGUEIREDO, J. B. A. Pesquisa engajada e intervenção em educação ambiental dialógica. *In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO*, 27., 2004, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2004. 1 CdRoom.

FIGUEIREDO, J. B. A. **A Educação ambiental e dialógica e representações sociais da água em cultura sertaneja nordestina**: uma contribuição à consciência em ambiental em Irauçuba-CE. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade federal de São Carlo, São Carlos, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUARÁ, Maria F. Rosa. **É imprescindível educar integralmente**. São Paulo: Cenpec, 2006. (Cadernos Cenpec: Educação integral, n. 2).

INCONTRI, Dora. **A educação segundo o Espiritismo**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. *In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

GUIMARÃES, Arthur, GOMYDE, Heloisa. **O Criador da Sociologia da Educação**. **Revista Nova**, [s. l.], n. 166, p. 32-34, out. 2003.

KARDEC, Allan. **A gênese**. Tradução de Guillon Ribeiro da 5ª ed. francesa. 53. ed. Brasília, DF: FEB, 2013. 409 p.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores**: espiritismo experimental. Tradução de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. 71. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

KARDEC, Allan. **Iniciação espírita**: livro de introdução à teoria e prática da doutrina. Trad. Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. 13. ed. Sobradinho: Edicel, 1995.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Tradução de Salvador Gentile. 178. ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2004.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 112. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Tradução de Salvador Gentile. 24. ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2005.

KARDEC, Allan. **Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec**. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB Editora, 2011.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano primeiro – 1858, janeiro. Tradução de Evandro Bezerra Noleto. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2012.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Jornal de estudos psicológicos. Ano primeiro - 1868, Janeiro. Tradução de Evandro Bezerra Noleto. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LINHARES, Ângela M. B. Para uma nova concepção de sujeito nas práticas educativas: situando elementos do paradigma do espírito. *In*: COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; PEREIRA, Sônia (org.). **Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade**. Fortaleza. Editora UFC, 2006. p. 40-53.

MELLUCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, p. 5-14, 1997. Número especial.

MINAYO, Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 20 n. 2, p. 351-368, dez. 2018.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Grupo Fantasia: esperança, responsabilidade e alegria**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2009a.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Círculo Reflexivo Biográfico: dispositivos de pesquisa e de formação. *In*: CIPA, 4., 2010. **Anais** [...]. São Paulo: CIPA, 2010. p. 80-94.

PAIS, Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Universitária: Casa da Moeda, 2003.

PAIS, Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25 n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PERREAULT, J. Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião. *In*: CASTRO, L. R. **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2005. p. 162-173.

PIRES, José Herculano. **Pedagogia espírita**. 10. ed. São Paulo: Editora Paidéia, 2004.

PIRES, José Herculano. **O reino**. São Paulo, Edicel, 1967.

PIRES, José Herculano. **Curso dinâmico de Espiritismo**. 1. ed. São Paulo: Editora Paidéia Ltda, 1979.

PIRES, José Herculano. **Introdução à Filosofia Espírita**. 1. ed. São Paulo: Editora Paidéia, 1983.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**, Campinas, v. 39, n. 3, p. 1-14, 2018. Disponível em: revista.pucsp.br/esp. Acesso em: 21 fev. 2019.

RIBEIRO, Eliane. LÂNES, Patrícia. CARRANO, Paulo. **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Ibase: Polis, 2005.

RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard. **Plano proposto para a melhoria da educação pública**. Tradução de Albertina Escudeiro Seco. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.

RODRIGUES, Francisco Jahannes dos Santos. **Educação, juventude e esperança no sertão de Oiticicas – Viçosa do Ceará**: as aprendizagens experienciais realizadas no Centro Espírita “O Pobre de Deus”. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

STECANELA, N. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela “escola da vida”. 2008. 397 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2000. Disponível em: <http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF>. Acesso em: 10 out. 2016.

VINÍCIUS. **O mestre na Educação**. 14. ed. Brasília: FEB, 2015.